

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGAGEM – IEL
DEPARTAMENTO DE TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA - DTHL

***A “FINEZA DO AMOR” no
TEATRO SACRO-RETÓRICO-EXEMPLAR
do Padre ANTÔNIO VIEIRA
(em catorze sermões escolhidos
para este fim)***

aluna: Diana Maziero
Orientador: Alcir Pécora

*Dissertação de Mestrado Apresentada à
Comissão de pós-Graduação do Instituto
de Estudos da Linguagem como pré-
requisito para obtenção do título de
Mestre em Teoria Literária.*

Campinas – 2004
São Paulo – Brasil.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
IEL - UNICAMP

M457f	Maziero, Diana. A “fineza do amor” no teatro sacro-retórico-exemplar do Padre António Vieira (em catorze sermões escolhidos para este fim) / Diana Maziero. - Campinas, SP : [s.n.], 2004. Orientador : Prof. Dr. Antonio Alcir Bernárdez Pécora. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Vieira, Antonio, 1608-1697. 2. Retórica. 3. Literatura portuguesa - Período clássico, 1500-1700. 4. Sermões em português. 5. Sermões de canonização. I. Pécora, Antonio Alcir Bernardez. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
-------	---

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGAGEM – IEL
DEPARTAMENTO DE TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA - DTHL

***A “FINEZA DO AMOR” no
TEATRO SACRO-RETÓRICO-EXEMPLAR
do Padre ANTÔNIO VIEIRA
(em catorze sermões escolhidos
para este fim)***

aluna: Diana Maziero
Orientador: Alcir Pécora

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alcir Pécora – presidente

Profa. Dra. Charlotte Marie C. Galves – titular

Prof. Dr. Haquira Osakabe – titular

Agradecimentos

Em primeiríssimo lugar, gostaria de agradecer os membros convidados da banca examinadora, profa. Charlotte e prof. Haquira, não apenas pelas valiosas observações, mas também pela presteza em efetivar a defesa da dissertação, mesmo antes do tempo burocrático exigido.

Não me furto de agradecer às funcionárias da Biblioteca do Instituto, sempre amigáveis e prestativas; à Rose e ao Emerson da secretária de Pós-Graduação, por jamais colocarem empecilhos burocráticos à finalização deste trabalho, ao contrário; e a todos os funcionários do IEL, sempre tão simpáticos.

Agradeço aos amigos, Cuca e Cássio, por suportarem conversas às vezes enfadonhas sobre retórica seiscentista e outras idéias fixas.

Agradeço a meus pais, Maria Edna e Derci, que como poucos pais se esforçaram por dar, sempre, a melhor educação a seus filhos e nos incentivarem neste caminho; a minha irmã, Pricila, que mesmo tendo seguido seu caminho por terras estrangeiras, estando tão longe, nunca esteve tão perto; a meus irmãos, Bruno e Lucas, por serem alegres e festivos.

Agradeço a meu marido, Marcos, que soube fortalecer a tarefa diária do estudo, além de todas as outras que dividimos na nossa tão recente caminhada conjunta, mostrando-se verdadeiro companheiro.

Por último, mas não menos importante, agradeço à pequena Penélope que tem feito a fineza de esperar pacientemente que todo este processo se efetive para vir à luz.

Obrigada.

Resumo

Esta dissertação visa à análise do conceito de “fineza de amor” em 14 sermões do Padre Antônio Vieira nos quais o conceito fornece a chave de articulação de seus principais argumentos. O *corpus* estabelecido pode ser dividido em três grupos, segundo o tema da pregação, determinado pelo calendário litúrgico. Assim, compõem o primeiro grupo os sermões do “Mandato”, pregados nos anos de 1645, 1650, 1655 (manhã), e 1670. Nestes sermões, o assunto principal, retirado do evangelho de São João, é “o amor de Cristo pelos homens” no momento em que morre para a redenção de todo o gênero humano. É este amor, juntamente divino e humano, o único capaz de obrar “finezas”, segundo Vieira. Com relação ao calendário litúrgico, estes sermões, assim como os do segundo grupo, referem o período da Quaresma. Do segundo grupo de sermões constam os sermões da “Primeira Sexta-Feira da Quaresma”, que têm como assunto principal o mandamento de Cristo, “amai vossos inimigos”, retirado do evangelho de São Mateus. Os termos de sua argumentação contrapõem o mandamento ao ódio do inimigo. Nestes sermões, a “fineza” aparece predicada aos *exempla*, como por exemplo José, do Velho Testamento, que foi vendido por seus irmãos no Egito e depois chegou a ser rei. Caberão nestas análises considerações sobre os “casos exemplares”, retirados da Sagrada Escritura, principalmente do Velho Testamento. Por fim, o terceiro dos grupos de sermões estudados é constituído pelos “Sermões Consagrados à Glorificação de São Francisco Xavier” em que consta o mais amplo vocabulário associado ao conceito da terminologia central deste estudo. Em especial, o trabalho considera os seguintes sermões de Xavier: “Sonho Segundo”; “Sonho Terceiro”; “Sermão Sétimo: Doidices”; “Sermão Oitavo: Finezas”; “Sermão Nono: Braço”; “Sermão Décimo da Sua Canonização” e “Sermão Undécimo do Seu Dia”.

Segundo Sebastián Covarrubias Orozco, no *Tesoro de la Lengua Castellana o Española*, dicionário do século XVII, o termo “fineza” significa: “7) Fineza – significa algumas vezes agudeza; 8) otras, perfección de la cosa; 9) en término cortesano cierta galanteria y hecho de hombre de valor y honrado término”. Por esta definição, Vieira trata especificamente das duas primeiras acepções; a última, referente à poesia produzida na corte e, portanto, referente às “letras profanas” do período, poderia ser utilizada apenas para contraposição entre o tratamento dado ao mesmo termo na oratória sacra.

Resta ainda ressaltar que, para as análises, serão utilizadas as principais preceptivas retóricas do século XVII, *Agudeza y Arte de Ingenio*, de Baltasar Gracián e *Il Canocchiale Aristotelico*, de Emanuele Tesauro.

Palavras-Chave: Retórica Seiscentista, Sermões, Padre Vieira, fineza do amor.

Abstract

The aim of this thesis is the analysis of the concept of “love’s fineness” in 14 sermons by the Priest Antonio Vieira in which the concept is the interpretative key in his main arguments. The established *corpus* can be divided in three groups, following the lecture’s theme, determined by the liturgical calendar. In this way is composed the first group of the Sermons of Mandate, prayed in 1645, 1650, 1655 (morning) and 1670. The main subject of these sermons, from Saint John gospel, is the love Christ had by the men in the moment he dies for the redemption of the humans. Following Vieira, this is the only love, human and divine at the same time, capable of doing “fineness”. Relating the liturgical calendar, these sermons, as the ones in the second group, refer to the Lent period. The “Sermons of the first Lent’s Friday” are in the second group, which main subject is the Christ’s commandment, “love your enemies”, from Saint Matthew gospel. The expressions in his argumentation go against the commandment, of hating the enemy. In these sermons, the “fineza” appears characterized to the *exempla*, for example Jose (Joseph), from the Old Testament, which was sold by his brothers and became king. In these analyses will be done considerations about the “example cases”, from the Holy Bible, mainly from the Old Testament. Finally, the third group of sermons is composed by the “Sermons Glorifying São Francisco Xavier”, where is found the deepest vocabulary associated to the main terminology of this work. This study consider, in special, the following Xavier’s sermons: “Sonho Segundo”; “Sonho Terceiro”; “Sermão Sétimo: Doidices”; “Sermão Oitavo: Finezas”; “Sermão Nono: Braço”; “Sermão Décimo da Sua Canonização” e “Sermão Undécimo do Seu Dia”.

Following Sebastián Covarrubias Orozco, on the *Tesoro de la Lengua Castellana o Española*, XVII century dictionary, the word “fineness” means: “7) Fineza – significa algunas veces agudeza; 8) otras, perfección de la cosa; 9) en término cortesano cierta galanteria y hecho de hombre de valor y honrado término”.

From this definition, Vieira consider specifically the first two meanings; the last one, referring to the poetry produced on the court and hence referring to the poems of the period, could be used only as an opposite meaning to the same word used on the holy speeches.

It’s worthwhile to say that will be also used for the analyses the main rhetoric doctrines of the Seventeen’s Century, *Agudeza y Arte de Ingenio*, by Baltasar Gracián and *Il Canocchiale Aristotelico*, by Emanuele Tesauro.

Key Words: Rhetoric from the Seventeen’s Century, Sermons, Priest Vieira, fineness, “fineza do amor”.

Sumário

I.	Intróito.....	1
	1. Uma breve descrição numérica.....	5
	2. Noção preliminar de <i>fineza</i> : <i>Fineza</i> X <i>Agudeza</i>	10
II.	<i>Sitio</i> (Sermão do mandato – 1645).....	15
III.	<i>Et vos debetis alter alterius lavare pedes</i> (Sermão do Mandato - 1650).....	37
IV.	<i>In finem dilexit eos</i> (Sermão do Mandato – 1655 – manhã).....	65
V.	<i>Fortis est ut mors dilectio</i> (Sermão do Mandato – 1670).....	71
VI.	<i>Diligite inimicos uestros</i> (Sermões da Primeira Sexta-Feira da Quaresma - 1644;1649; 1651).....	89
VII.	<i>Perinde ac Cadaver</i> (Sermões da Glorificação de São Francisco Xavier: Sonho Segundo, Sonho Terceiro, Sermão sétimo: Doidices, Sermão Oitavo: Finezas, Sermão Nono: Braço, Sermão Décimo da Sua Canonização, Sermão Undécimo do Seu Dia).....	99
VIII.	<i>Peroratio</i>	123
IX.	Referências Bibliográficas.....	125
X.	Apêndices.....	133
	1. Apêndice I.....	133
	2. Apêndice II.....	155
	3. Apêndice III.....	157

I - Intróito

A dissertação que ora se apresenta tem por objetivo o estudo da tópica da “fineza do amor” em catorze sermões do Padre António Vieira selecionados para este fim, em cujo andamento argumentativo esta noção ocupa lugar importante.

O levantamento dos sermões foi feito a partir da leitura atenta da obra *Sermões*¹, destacando-se não apenas sermões onde aparecesse a noção de *fineza*, mas em que este conceito fosse fundamental para a argumentação de determinada peça oratória.

Neste trabalho, o conceito de “fineza” será tratado como tópico da *invenção*², isto é, o esforço maior será de perscrutar as fontes textuais mobilizadas para construção destas peças retórico-sacras³.

¹ VIEIRA, Pe. António - *Sermões do Padre António Vieira*; Editora Anchieta; São Paulo, Brasil; Biblioteca Facsimilar de Autores Clássicos; 1945; XV volumes.

² “La *inventio* es el “encuentro o hallazgo” de las ideas. La *intellectio* era un proceso receptivo-comprensivo; consiste en comprender las *res* dadas (v. § 139). La *inventio* es un proceso productivo-creador; consiste en extraer las posibilidades de desarrollo de las ideas contenidas más o menos ocultamente en la *res* (*excogitatio*).”. In: LAUSBERG, Heinrich - *Manual de Retórica Literaria (Fundamentos de una ciencia de la literatura)*; Editorial Gredos, Madrid, 1975, §§ 260-442, p. 235, tomo I.

³ “O sermão é uma ação que descobre e movimenta verbalmente os sinais divinos ocultos na ação do mundo: retórica análoga à retórica divina que a hermenêutica descobre no avanço dos tempos.” in: PÉCORA, Alcir. *Teatro do Sacramento*. São Paulo, Edusp/Editora da UNICAMP; p. 171.

O autor dos sermões é o Padre António Vieira, que, além de representar o auge da oratória sacra seiscentista em língua portuguesa, atuou no ambiente da corte portuguesa, por muitos anos, como aconselhador real e, por vezes, até embaixador suposto, a ele cabendo opinar diretamente sobre questões do Estado enquanto reinou D. João IV. Assim, os sermões têm, articulado à dimensão retórica, um aspecto político inerente, mais evidente em alguns sermões, como por exemplo o “Sermão da Primeira Sexta-Feira da Quaresma (1651)” , pregado na Capela Real. Dirigido diretamente ao Rei, este sermão tem por tema o evangelho de São Mateus, 5, 44 - *diligite inimicos vestros* – tratando os adúladores reais como os maiores inimigos, e também os mais próximos, do Rei. Outro sentido político encontrado nos sermões estudados é o *status* dado ao Sacramento como preceito de união do corpo místico da Igreja, como se verá nos capítulos III e V deste texto.

Além do aspecto político, há outras dimensões possíveis de abordagem de um sermão. É certo, por exemplo, que o Padre Vieira não concordava com a idéia de que o sermão devia ser obscuro, de difícil compreensão, o que critica em seu mais famoso discurso, que inclusive abre seus *Sermões*, o “Sermão da Sexagésima (1655)”. Desta sua prescrição de um sermão que seja compreendido por um amplo espectro de ouvintes, também deriva o modo como o sermão é proferido, apresentando o tema em latim e oferecendo, de acordo com a necessidade do público ou da exegese, a tradução das passagens bíblicas para o português. Com relação aos “Sermões do Mandato”, que versam sobre o amor de Cristo, este *modus*

operandi somado à matéria do sermão confere ao texto, inclusive, uma natureza metalingüística⁴.

No entanto, embora o Padre Vieira sempre aja em conformidade com a clareza do discurso, há que se considerar o nível de erudição dos ouvintes destes sermões escolhidos para análise. Embora referentes ao mesmo século XVII português e proferidos pelo mesmo Padre António Vieira, o “Sermão da Sexagésima” e os seis “Sermões do Mandato” – pregados entre os anos de 1643 e 1670 –, não parecem dirigir-se ao mesmo público. Apenas a título de exemplo da erudição dos ouvintes dos textos selecionados, dos quatro “Sermões do Mandato” que estudaremos, os de 1645 e 1650 foram pregados na Capela Real; o de 1655, manhã, foi pregado na Misericórdia de Lisboa e o de 1670, em Roma, na Igreja de Santo António dos Portugueses.

Ainda sem entrar na análise propriamente dita dos sermões, pode-se citar, de apenas um sermão, a quantidade de conceitos e citações, de autoridades tanto profanas quanto sacras, que comprovam a solenidade e o nível de instrução dos ouvintes. No já citado “Sermão da Primeira Sexta-Feira da Quaresma (1651)”, sobre os inimigos reais, Vieira enumera, na parte V, variadas fontes, como: Xenofonte, Cassiodoro, Tito Lívio, Suetônio, Quinto Lúrcio, Sêneca, Plutarco, Severino Boécio e

⁴ “L’oratore sacro tratta di Dio, della sua natura, de suoi attributi: di Gesù Cristo, Uomo-Dio, della sua dottrina, de’suoi miracoli, delle sue opere, della Redenzione, della Chiesa: della B. Vergine Maria, dei Santi: dell’uomo, de’suoi doveri verso Dio, verso gli altri, verso sè stesso: dei divini comandamenti e precetti, dei Sacramenti, delle virtù, e di tutti quegli argomenti che hanno relazione con questi. La quale materia si estende per vastissimo e ubertosissimo campo ed è per il predicatore una fonte inesausta di discorso.” In: ASIOLI, Luigi. *Manuale di Eloquenza Civile e Sacra*. Ulrico Hoepli, Editore Libraio della Real Casa, Milano, 1915, pp. 151-152, § 117.

os Santos Padres São Jerônimo, São João Crisóstomo, São Gregório Papa, Santo Agostinho, São Bernardo e São Tomás de Aquino. Os dois últimos, aliás, fundamentais para o estudo da *invenção* da “fineza” nos *Sermões* do Padre António Vieira, como se verá nos capítulos seguintes.

Com relação aos sermões selecionados, por terem, segundo o calendário cristão, os extremos do amor de Cristo para com os homens como tema⁵, a tópica da “fineza” invariavelmente aplica-se como designativo do amor divino, referindo-se a Deus ou a Cristo. Dentro deste universo de empregos, o mais pertinente para analisá-los foi dividi-los em três núcleos ou grupos, seguindo a data de pregação no calendário católico, que determina o tema de cada um.

Deste modo, o primeiro núcleo concentra-se nos “Sermões do Mandato”, identificados pelos anos de 1645, 1650, 1655 (manhã)⁶ e 1670⁷. O segundo núcleo é composto pelos três “Sermões da Primeira Sexta-Feira da Quaresma”, que foram proferidos nos anos de 1644, 1649 e 1651. Por fim, constam do terceiro núcleo desta dissertação alguns dos “Sermões Consagrados à Glorificação de São Francisco

⁵ Dentro do calendário litúrgico seguido pelo Padre Vieira constam os sermões das Festas Móveis, que são o Advento (no qual se anuncia a chegada de um redentor); o Natal e a Epifania (que dizem respeito à chegada de Cristo no mundo) e a Quaresma (tempo litúrgico especialmente propício à conversão, pois são considerados a Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo para salvação da humanidade). Além destes, nos *Sermões*, há também os “Sermões Mariais”, os “Sermões do Rosário”, os “Sermões Panegíricos ou em honra de Santos” (entre os quais incluem-se os “Sermões Consagrados à Glorificação de São Francisco Xavier”) e os “Sermões de Ação de Graças” (proferidos na ocasião do nascimento ou morte de Rei, Príncipe, ou figura proeminente da corte).

⁶ Há um outro “Sermão do Mandato - 1655 (tarde), também conhecido como “Sermão segundo do Mandato” pregado, como se nota, neste mesmo ano de 1655. Este sermão, porém, não consta do *corpus* estabelecido para esta pesquisa porque nele não aparece, uma vez sequer, a terminologia **fineza**.

⁷ O primeiro “Sermão do Mandato”, de 1643, foi excluído por não constar dele nenhuma ocorrência do termo “fineza”. Pelo mesmo critério, serão analisados apenas sete dos doze “Sermões Consagrados à Glorificação de São Francisco Xavier”.

Xavier”: “Sonho Segundo”, “Sonho Terceiro”, “Sermão Sétimo: Doidices”, “Sermão Oitavo: Finezas”, “Sermão Nono: Braço”, “Sermão Décimo da Sua Canonização” e “Sermão Undécimo do seu dia”.

I.1 - Breve descrição numérica do *corpus*

Em nosso estudo da Iniciação científica a propósito do “conceito de amor nos ‘Sermões do Mandato’ ” ⁸, a noção de “fineza do amor” aparecia como norteadora do conceito de amor tal como empregado pelo Padre Vieira. Assim, o conceito que foi ponto de chegada daquele primeiro trabalho, mostrou-se peça fundamental da maquinaria retórica a operar os sermões.

Para chegar a um conjunto de sermões que desenvolvessem manifestamente a noção de “fineza”, procedeu-se à leitura do conjunto deles, até o estabelecimento dos três núcleos principais (do Mandato, da Primeira Sexta-Feira da Quaresma e da Glorificação de São Francisco Xavier) em cujo andamento argumentativo a noção de “fineza do amor de Cristo” é decisiva. A partir destes três grupos, foi-nos possível elencar os catorze sermões que compõem o *corpus* de “fineza do amor”:

- 1) *Sermam do Mandato* (pregado na Capela Real, no ano de 1645);
sermão XIII do volume II; pp. 371-401;

⁸ MAZIERO, Diana. *O conceito de amor nos “Sermões do Mandato” do Padre Vieira; iniciação científica FAPESP*; São Paulo, 1998.

- 2) *Sermam do Mandato* (pregado na Capela Real, no ano de 1650);
sermão XI do volume IX; pp. 333-374;
- 3) *Sermam do Mandato* (pregado na Misericórdia de Lisboa, na manhã
de 1655); sermão XI do volume IV, pp. 318-374;
- 4) *Sermam do Mandato* (pregado na Igreja de Santo António dos
Portugueses em Roma, no ano de 1670); sermão XIII do volume I,
pp.901-960;
- 5) *Sermam da Primeira Sexta-feira da Quaresma* (pregado no Convento
de Odivellas, no ano 1644); sermão III do volume IV; pp. 76-105;
- 6) *Sermam da Primeira Sexta Feira da Quaresma* (pregado na Capela
Real, em 1649); sermão III do volume XI; pp. 96-137;
- 7) *Sermam da Primeira Sexta-Feira da Quaresma* (pregado na Capela
real, no ano de 1651); sermão VII do volume IV; pp. 210-247;
- 8) *Sermam da Glorificação de São Francisco Xavier (Xavier dormindo)*
Sonho Segundo; sermão II do volume X, pp.47-89;
- 9) *Sermam da Glorificação de São Francisco Xavier (Xavier dormindo)*
Sonho Terceiro, sermão III do volume X; pp. 90-134;
- 10) *Sermam da Glorificação de São Francisco Xavier (Xavier acordado)*
Sermão VII. Doudices, volume X; pp. 295-320;
- 11) *Sermam da Glorificação de São Francisco Xavier (Xavier acordado)*
Sermão VIII. Finezas; volume X; pp. 321-350;

- 12) *Sermam da Glorificação de São Francisco Xavier (Xavier acordado)*
Sermão IX. Braço, volume X; pp. 351-388;
- 13) *Sermam da Glorificação de São Francisco Xavier (Xavier acordado)*
Sermão X. Da fua Canonização; volume X; pp.389-425;
- 14) *Sermam da Glorificação de São Francisco Xavier (Xavier acordado)*
Sermão XI. Do feu dia; volume X; pp.426-264.

Estabelecidos os sermões a serem estudados, cumpriu-nos observar a distribuição das ocorrências⁹ da tópica “finezas do amor”, segundo as divisões em partes dos sermões, estabelecidas pelo próprio Vieira. Se até aqui pareceu que os três grupos de sermões eram igualmente importantes para a construção do conceito, será proveitoso notar a discrepância numérica das ocorrências em cada sermão, ressaltadas na tabela e no gráfico que seguem:

Tabela 1 - Divisão dos Sermões Estudados por ocorrências em partes dos sermões

		Sermões estudados	Partes dos sermões												Ocorrências
			I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	
Núcleos	Mandato	SM 1645	5	8	1	6	2	1	1	1	4				29
		SM 1650	12	8	1	7	12	0	4	3	11	5	9	3	75
		SM 1655m	0	0	0	1	0	0	4	0	0	0			5
		SM 1670	1	5	0	17	4	0							27
	1ª 6ª feira Quaresma	SPSFQ 1644	0	0	0	0	1	0	0	0	3				4
		SPSFQ 1649	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2			2
		SPSFQ 1651	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0			2
	São Francisco Xavier	SGSFX s 2º	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2
		SGSFX s 3º	1	0	0	0	1	0	2						4
		SGSFX 7º doudices	0	1	0	0	0								1
		SGSFX 8º finezas	2	3	2	1	1	0	4	4	1				18
		SGSFX 9º braço	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0		1
		SGSFX 10º canonização	0	0	0	0	0	0	1	0					1
		SGSFX 11º do seu dia	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0			4
		Total													174

⁹ Ocorrência (ing. *token*): Sempre que se de ocorrência (*token*). O aparecimento do termo *socialismo* num texto analisado do ponto de vista lingüístico será uma ocorrência da palavra *socialismo*.” *Dicionário de Lingüística* (vários autores). Editora Cultrix; São Paulo; 1997/98; p. 441.

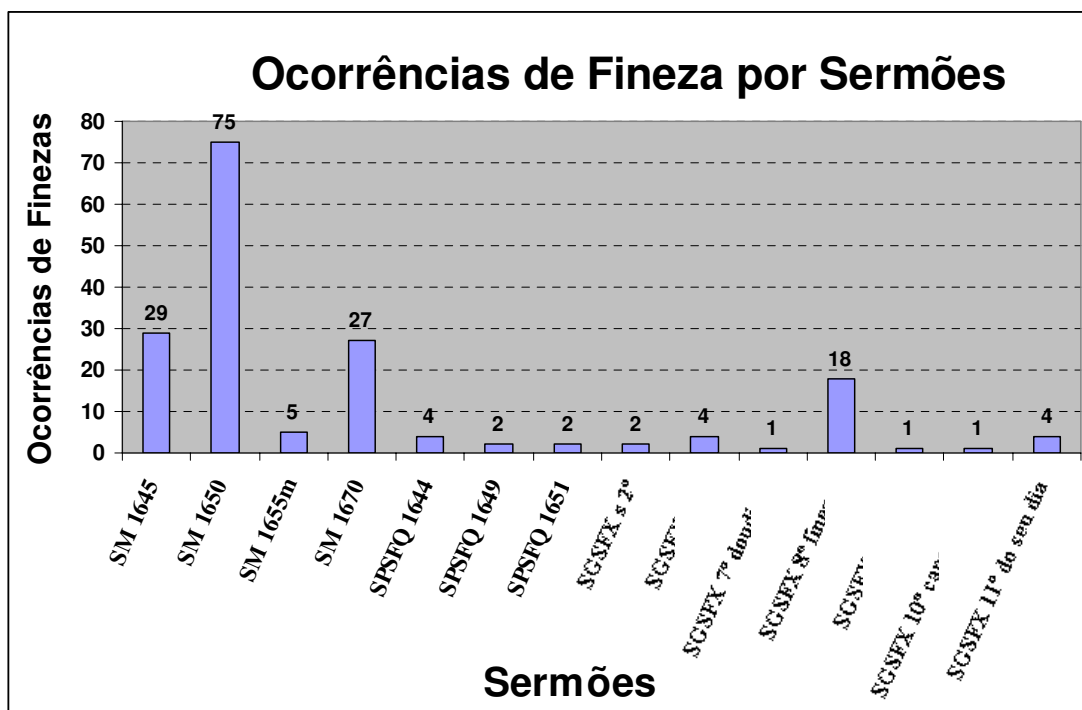


Figura 1 – Distribuição das ocorrências de “fineza” por sermão.

Desta forma, está claro que a maioria das ocorrências está nos “Sermões do Mandato”, o que nos levou a redimensionar a importância relativa do núcleo, buscando examiná-lo prormenorizadamente e especificar todos os empregos da tópica encontrados nele. Assim, o “Sermão do Mandato (1645)” ocupa todo o segundo capítulo desta dissertação e nele estão consideradas as diferenças, quanto aos efeitos, entre o amor de Cristo (perfeito) e o amor dos homens, por sua vez imperfeito, mas que pode ser redirecionado, através do sermão, para um caminho mais cristão.

Em seguida, analisaremos as ocorrências constantes do “Sermão do Mandato (1650)”, que trata exclusivamente das “finezas do amor de Cristo”. Neste discurso, ao tentar hierarquizá-las, Vieira, através da *aemulatio*¹⁰, supera as “finezas do amor de Cristo” defendidas por Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e São João Crisóstomo. Absolutamente central para esta dissertação, este sermão apresenta 75 das 174 ocorrências analisadas neste trabalho.

Os outros dois “Sermões do Mandato (1655 manhã e 1670)” ocupam a ínfima parte do primeiro núcleo.

O segundo núcleo de sermões (“da Primeira Sexta-Feira da Quaresma”) nada mais é do que um apêndice aos empregos definidos nos capítulos anteriores, referentes aos “Sermões do Mandato”. Nestes três sermões, cujo tema bíblico é *diligete inimicos uestros* (amai vossos inimigos) temos a contraposição entre amor e ódio e as ocorrências de “fineza do amor” - como era de se esperar, uma vez que não existem “finezas do ódio” - são pouquíssimas, oito ao todo.

Por fim, a última parte do trabalho trata do terceiro grupo, nomeado como “Sermões à Glorificação de São Francisco Xavier”. Os sete sermões estudados aqui revelam uma aceção muito precisa da “fineza do amor” aplicada a um exemplo particular de prática missionária, o do padre jesuíta Francisco Xavier, que viveu no século XVI.

¹⁰ O conceito de emulação pode ser encontrado, como se verá, tanto em Aristóteles como em Quintiliano. Em linhas gerais, trata-se do mecanismo da superação por merecimento, isto é, um recurso retórico composto por uma característica moral positiva, uma vez que não envolve a inveja, mas o merecimento daquele que não tem determinada coisa e almeja conseguí-la.

I. 2 –Noção preliminar de *fineza*: *Fineza X Agudeza*

Feitas as considerações de tempo, lugar e gênero do *corpus* a ser analisado, faz-se necessária uma definição preliminar do sentido que os diversos empregos da tópica, tanto profanos, como sacros, permitem às letras seiscentistas. Para tanto, recorrer-se-á ao mais importante dicionário ibérico da época, *Tesoro de la Lengua Castellana o Española*, de Sebastián de Covarrubias Orozco. É interessante notar que “fineza” não aparece como entrada autônoma e independente, mas subordinada à noção de “fino”:

“Fino: Lo que en su especie es perfecto y acabado, que ha conseguido su fin en buena o mala parte. 1)Paño fino, bellaco fino. De fino se dijo: 2) Afín; 3)Afinidad; 4) Definir; 5) Definito; 6) Definición; 7) **Fineza** – significa algunas veces agudeza; 8) otras, perfección de la cosa; 9) y en término cortesano cierta galantería y hecho de hombre de valor y honrado término.”¹¹

Antes que se proceda às análises dos sermões, cabe registrar um emprego do termo um pouco mais antigo que os que serão tratados neste trabalho. Trata-se de um exemplo retirado do “panegírico” à Infanta D. Maria I, irmã de D. João III, escrito por João de Barros. O texto, que provavelmente deveu-se a alguma mercê concedida pelo rei à homenageada¹², emprega a tópica “fineza” como argumento de perfeição moral, depois de citadas mulheres exemplares da Antigüidade, todas e cada uma emuladas pela referida infanta. Note-se que a situação superlativa do

¹¹ COVARRUBIAS Orozco, Sebastián de – *Tesoro de la Lengua Castellana o Española*; edición de Felipe C. R. Maldonado; Nueva Biblioteca de Erudición y Crítica, Editorial Castalia; 1995; Madrid; España; p.547.

¹² Segundo Manuel Rodrigues Lapa, prefacista da edição pesquisada, o qual cita o estudo de Carolina Michaelis de Vasconcelos sobre a referida Infanta, o elogio teria sido feito em 1555, quando da nomeação de D. Maria duquesa de Viseu.

encerramento do “Panegírico da Infanta D. Maria” é mais que oportuna para utilização deste termo:

“E se agora quisesse contar as *finezas*, que em diversos gêneros de virtudes fizeram mulheres, como as lacedemônias, milésias e tebanas, faltar-me-ia o tempo, e não os feitos, que acabaram. Cheios estão os livros de todos eles.”¹³

Para que também se registre, como dados de comparação, outros usos contemporâneos da tópica, há pelo menos duas ocorrências que merecem comentário. A primeira delas diz respeito ao uso que Gracián faz da tópica:

“Muchas paridades conglobadas hacen una armonía muy deliciosa, aplicándolas, o por conformidad o por exceso. Fue plausible discurso del Padre Valentín de Céspedes, jesuíta y perfecto orador de nuestros tiempos, panegirico a San Josef; formó la escala de Jacob en su real ascendencia, y fuele aventajando por sus gradas a todos los principales supuestos. Fue, dice, más que los patriarcas; excedió a Abraham, pues esperó más, viendo preñada su esposa, y creyó su inocencia; a Isaac en el contento; a Jacob en el empleo de la Raquel más bella; a Josef en la pureza, y en recoger el grano del Cielo en Belén, que fue casa de pan; a Moisés en ver a Dios, no en la zarza, sino en los brazos de su Madre Nazarena; es más que los profetas, que si ellos le anuncian y Juan le señala con el dedo, Josef es voz que le manda, y sus brazos lo sustentan; más que los apóstoles, que si a Pedro se le encomiendan las ovejas, a Josef solo una, y un Cordero, que son las riquezas del Cielo; más que los querubines, que si ellos guardan el paraíso material Josef el animado de María. Desta suerte, de grada en grada, fundándose en su nombre, que significa *Aumento*, sube, y llega a competir con el Espíritu Santo el título de Esposo, con celos y *finezas*.”¹⁴

¹³ BARROS, João de – *Panegíricos (Panegírico de D. João III e da Infanta D. Maria)*; Livraria Sá da Costa; Lisboa; Portugal, 1943; p. 217.

¹⁴ Op. Cit., Discurso XIV, pp. 162-163, tomo I.

Além de ser notável a passagem por estar localizada exatamente no discurso que diz respeito à “Agudeza por Paridade Conceituosa”, recurso largamente utilizado nos sermões, é-o também por associar a tópica à gradação que imprime ao primeiro comparado, que emula e excede a todos os demais.

A comparação executada no texto é semelhante à que se encontra no recorte proposto dos sermões na terceira parte. Este terceiro núcleo visa o estudo de seis dos quatorze “Sermões Consagrados à Glorificação de São Francisco Xavier”, missionário português que foi à Índia e ao Japão para disseminar o catolicismo. Naquele capítulo ver-se-á como, no mais das vezes, o Padre Vieira utiliza o termo *fineza* referindo-se ao São Francisco Xavier, não sem antes tê-lo comparado ao próprio Cristo em alguma das situações que tenha obrado *finezas* em benefício dos homens.

Desde agora, contudo, cabe observar que o conceito de *agudeza*, nuclear para a retórica seiscentista, nem sempre significa como o de *fineza*; a *fineza*, ao contrário, invariavelmente terá o conceito de *agudeza* como acompanhante indissociável de seu emprego.

Há ainda uma outra ocorrência importante do conceito de *fineza* na obra de Gracián que pode localizar melhor as áreas de aplicação de *fineza* e *agudeza*:

Fórmase el enigma de las contrariedades del sujeto, que ocasionan la dificultad y artificiosamente lo escurecen, para que le cueste al discurso el descubrirlo; como éste:

Por un amoroso exceso
El más potente Señor,
Le tiene el divino amor
En estrecha cárcel preso;

Y está con tanta afición,
Que aunque él es el prisionero,
Falta la prisión primero,
Que él falte de la prisión.

Es panegirico a Cristo en el Sacramento, con que se pondera grandemente la gran *fineza* de su amor. De suerte, que también los enigmas sirven, para más ponderar un hecho o un sentimiento grande (...)”¹⁵

Neste excerto, mais uma vez, associa-se a *fineza* ao “panegírico” ¹⁶, o que também é feito pelo Padre Vieira quando diz, por exemplo que as *finezas* são o “panegírico” do amor de Cristo, evidenciadas ora no Sacramento – como no poema que Gracián cita – ora na Paixão e morte de Cristo, ora pelo mesmo amor, constante e inalterável por ser divino, mas que demonstra mais seus efeitos quando se separa dos homens.

O Padre Vieira também pondera a situação de Cristo no Sacramento penalizado por não ver aqueles a quem amava – os homens – como os via quando estava encarnado. Assim, o Sacramento, para o Padre Vieira, também antecede a tópica de *fineza*, com a idéia de prisão. No entanto, sobejam sentidos aos usos que serão analisados das ocorrências deste termo no *corpus* estudado, de modo que a proposição da comparação será relembrada ao longo do trabalho.

¹⁵ Op. Cit., Discurso XL, “De la Agudeza Enigmática”, p. 105, tomo II.

¹⁶ “Panegírico: es un razonamiento hecho en alguna celebridad; modo oratorio, donde concurre mucha gente en fiesta de algún santo que celebra la Iglesia, o en coronación o honras de algún rey; y largo modo, en honra de algún señor particular o persona singular en vida y ejemplo. Dijese del nombre griego πανήγυρις, *panegiris*, que vale ayuntamiento de gente o convento publico, compuesto de παν, *omne*; et ἀγείρειν, *agirin*, *congregare*.” In:

COVARRUBIAS Orozco, Sebastián de – *Tesoro de la Lengua Castellana o Española*; edición de Felipe C. R. Maldonado; Nueva Biblioteca de Erudición y Crítica, Editorial Castalia; 1995; Madrid; España; p. 800.

Ainda resta ressaltar que a noção de “fineza do amor” tem, em termos gerais, três naturezas distintas que se combinam num todo, mais ou menos como a “Santíssima Trindade”. As três naturezas que o conceito “fineza” comporta, para o Padre António Vieira, são retórica, teológica e exemplar ou moral, formando um todo coeso, ainda que no mais das vezes uma natureza apareça mais destacadamente que outra. Isto, no entanto, já é matéria para o próximo capítulo.

II - *Sitio*¹⁷

Neste capítulo discutir-se-á o conceito de “fineza do amor” desenvolvido no “Sermão do Mandato (1645)”. Com relação à data de pregação dos sermões deste núcleo do Mandato, cabe lembrar que faz parte, no calendário litúrgico, dos quarenta dias que antecedem a comemoração da Paixão, morte e ressurreição de Cristo, período conhecido como Quaresma. O sermão tem por tema o Evangelho de São João, capítulo 13, versículo 1: *Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos*¹⁸.

A discussão do sermão gira em torno da sabedoria ou ignorância dos homens (representados pelos apóstolos, principalmente Pedro e João), usando-se os mesmos parâmetros (sabedoria ou ignorância) para medir os efeitos do amor de Cristo em relação aos homens. Isto fica claro logo na primeira ocorrência do termo *fineza*, constante da proposição do sermão de Vieira:

“Mas fê o fim, & intêto de ambos era o mesmo: fê o fim, & o intento de Christo, & do Evangelista era manifestar gloriolamente ao mundo as **finezas** do feu amor; porque razão o Evangelista fê emprega todo em pôderar a sabedoria de Christo, & Christo em advertir a ignorancia dos homens?”¹⁹

¹⁷ “Tenho sede”, palavras ditas por Cristo na Cruz. (Jo, 19, 28)

¹⁸ “Antes do dia da Páscoa, sabendo Jesus que tinha chegado a sua hora de passar deste mundo ao Pai, tendo amado os seus, que estavam no mundo, amou-os até ao extremo.”

¹⁹ S.M. 1645 – I; § 403, p. 372; volume II.

A edição de referência será sempre a fac-similar da Editora Anchieta. Usamos S.M. como abreviatura de “Sermão do Mandato” e o número que segue é a data de pregação do referido

Desta citação depreende-se que a noção de *fineza*, ao menos neste sermão, dependerá da “ciência” ou “ignorância”. Outra distinção de crescente importância que aparece já nesta primeira ocorrência é a estrita separação ou distinção entre as qualidades divinas e humanas. Tal distinção, neste primeiro momento, possibilitar-nos-á tecer considerações sobre a natureza humana, a natureza divina e a confluência destas duas na figura do Cristo²⁰.

Pode-se observar, ainda, que aparece, logo no começo do discurso, o termo “fim” como objetivo, finalidade, *equivocando-se*²¹ com Causa Final²², noção teológica presente no conceito de *fineza*, que representa, entre outros sentidos, a finalidade da ação de Cristo em prol dos homens. É necessário, entretanto, que este caminho da análise das *finezas* seja percorrido passo a passo, ocorrência por ocorrência, para pôr em evidência a verdadeira “máquina”²³ do amor mobilizada pelos sermões de Vieira, em seu pleno funcionamento. A segunda ocorrência fornecer-nos-á outros elementos à análise:

“Pois paraque o mundo levante o penfamento de confideraçoeens vulgares, & comece a sentir tam altamente das **finezas** do amor de Christo, como ellas merecem; advirtafe (diz o Evangelista) que

sermão. O símbolo § indica o parágrafo do texto na *Editio Princeps*, que é a edição a que se remete a edição que usamos. As demais notas de citações diretas dos sermões seguirão este mesmo padrão.

²⁰A figura do Cristo, embora central para o conceito de *fineza* será estudada mais pormenorizadamente, isto é, considerando-se sua natureza ao mesmo tempo divina e humana, a partir do próximo capítulo, sobre o “Sermão do Mandato (1650)”.

²¹ Vale ressaltar que a palavra é aqui empregada com a mesma acepção utilizada pelos seiscentistas, em cujo vocabulário significava coincidência de sentidos.

²² Quer dizer que a finalidade última da encarnação de Cristo é a salvação dos homens.

²³ “Máquina” porque, à imagem da ‘máquina’ dos deuses antigos, nestes sermões, justamente, o próprio amor de Cristo (alimentado pela atualização de suas finezas) é responsável pela maior parte das peripécias dos argumentos e também porque deles depende a maior parte dos efeitos de ‘maravilha’ dos sermões que servirá de móvel à conversão dos fiéis, no momento da Quaresma.

Chrifto amou, fabendo: *Sciēns Jefus: & advirtafe* (diz Chrifto)
que os homens foraõ amados, ignorando: *Tu neſcis.*”²⁴

Já é tempo de assinalar a grandeza do tema escolhido por Vieira nestes sermões quaresmais, tanto nos do Mandato, como nos da Primeira Sexta-Feira da Quaresma. À primeira vista, pode parecer intrigante que o padre Vieira, sempre preocupado com os negócios do Reino de Portugal²⁵ e tendo proferido vários sermões e escritos a respeito²⁶, nestes trate exclusivamente do amor de Cristo, sem que se cite nenhuma passagem histórica que possa ser localizada de imediato. Este comentário, todavia, reflete apenas nossa estranheza ao procurar traços históricos

²⁴ S.M. 1645 – I; § 403, p. 373; volume II.

²⁵ O Padre António Vieira nasceu a 6 de fevereiro de 1608, filho de Cristóvão Vieira Ravasco e Maria de Azevedo, na Rua dos Cónegos, perto da Sé de Lisboa. A mãe era filha de um armeiro da Casa Real e trouxera, como dote, a promessa régia de um emprego de justiça ou fazenda, fato vulgar na época. O emprego, no entanto, era no Brasil.

Assim, aporta António Vieira, aos seis anos e acompanhado da família, na Bahia, onde estudará no Colégio Jesuíta e se ordenará padre da Companhia. Exemplo de aluno (embora muitos biógrafos ressaltem o lendário episódio em que, tendo rezado para Nossa Senhora das Maravilhas, Vieira, aluno medíocre, teria sentido um estalo em sua cabeça que o tornara brilhante), já aos dezesseis anos é destacado para escrever a carta anual ao Geral da Companhia e apenas dois anos mais tarde leciona Retórica no Colégio da Ordem no Recife. Neste tempo que passou no Brasil, teve atuação decisiva em alguns episódios, como a invasão da Bahia pelos franceses. Contava com trinta e três anos quando acompanhou o filho do vice-rei a prestar explicações na corte portuguesa.

Em 1641 ei-lo de volta a Portugal, onde prega para o Rei D. João IV que logo se impressiona com a oratória de Vieira, dando-lhe lugar de destaque na corte. Vieira aconselha-o neste período diversas vezes e, inclusive, viaja como embaixador - representando a própria voz do Rei - para a França e para a Holanda, Roma e Inglaterra, negociando a paz por meio do casamento do filho do rei, D. Teodósio. Vieira vive gozando de toda benevolência real até 1656, quando o Reino passa a ser comandado por D. Luísa de Gusmão, depois por D. Afonso VI e D. Pedro. Neste ínterim, já há mais de 100 acusações contra o jesuíta junto à Inquisição do Santo Ofício. O Padre Vieira nunca mais recobrará sua posição de influência junto ao governante de Portugal, o que lamentará até morrer, em 18 de julho de 1697, na Bahia.

(Nota das notas: optamos por trazer a biografia do Padre Vieira resumida e diluída nas notas de roda-pé, ressaltando o aspecto que mais nos interessar para o comentário tecido. Várias são as fontes donde as tiramos, como por exemplo:)

História da Literatura Portuguesa (Ilustrada). Fascículo XXXI, 7ª do vol. III, publicada em 1928 pela Academia das Ciências de Lisboa, sob a direção de Alino Forjaz de Sampaio.

AZEVEDO, J. Lúcio de. *História de António Vieira*. Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira e Filhos, Lisboa, 1931, 3 tomos.

²⁶ Por exemplo:

Vieira, Padre Antônio. *Escritos Históricos e Políticos*. Martins Fontes, São Paulo, 1995. (estabelecimento dos textos, organização e prefácio de ALCIR PÉCORA).

nestes sermões e ter dificuldade em achá-los, o que não quer dizer, absolutamente, que eles não existam. Ao contrário, aproveitamos a oportunidade para colocar a questão, que será resolvida adiante²⁷. O que podemos dizer a respeito dela é o mesmo que disse o Padre Vieira a respeito da *fineza* neste momento deste sermão de 1645:

“Vá agora o Amor deſtorcendo eſtes fios. E eſpero que todos vejão a **fineza** delles.”²⁸

O que se pode comentar desta passagem é o conceito de “nexus equívocos”, que aparece na oratória de Vieira como em outros textos seiscentistas. Em outras palavras, a equivocidade de sentido faz parte do *modus operandi* dos sermões, quando uma palavra significa necessariamente mais de uma coisa, operando em ‘mão dupla’. É isto que torna os sentidos equívocos, coincidentes. A palavra “equívoco”, aqui, não significa o que hodiernamente significa (engano, engodo), mas coincidência de significados, colaborando para demonstrar o maior engenho do orador:

“La primorosa equivocación es como una palabra de dos cortes y un ſignificar a dos luces. Conſiſte ſu artificio en uſar de alguna palabra que tenga dos ſignificaciones, de modo que deje en duda lo que quifo decir. (...) Úſaſe de la dicción equivoca algunas veces, para exprimir mayor miſterio y profundidad.”²⁹

Algumas vezes o equívoco pode, ao contrário, prejudicar o orador. Não é isso, entretanto, o que acontece com Vieira. Isto é o que evidencia a próxima

²⁷ Referimo-nos às considerações referentes ao valor do Sacramento no final do capítulo V; ao “Sermão da Sexta-Feira da Quaresma (1651)”, capítulo VI; e ao capítulo VII, *Perinde ac cadaver*, que começa com estas considerações.

²⁸ S.M. 1645 – I; § 404, p. 373; volume II.

²⁹ GRACIÁN, Baltasar. *Agudeza y arte de ingenio*. Clásicos Castalia, Madrid, 1988, p. 53, tomo II, “Discurso XXXIII: De los Ingeniosos Equivocos”.

ocorrência do termo *fineza*, já na parte II deste sermão de 1645. Ocupa-se o padre agora em ponderar a dependência que a *fineza* tem da ciência, do conhecimento. As duas suposições à que Vieira alude nesta passagem são que “quem ama, porque conhece é amante; quem ama porque ignora é néscio.”

“He tal a dependencia, que tem o amor destas duas supposiçoens, que o que parece **fineza**, fundado em ignorância, não he amor: & o q não parece amor, fundado em sciencia, he grande **fineza**.”³⁰

Desta forma, assim como a ciência contribui para “aumentar o grau” da *fineza*, a ignorância colabora, na mesma medida, para diminuí-la. Para melhor compreender a passagem, deve-se considerar o lugar que ela ocupa no sermão e as personagens divinas que aparecem no texto para expressá-la.

Os atores relacionados pelo Padre Vieira neste trecho do primeiro sermão, são Pedro, antes chamado Simão, pescador que depois de seguir Cristo tornou-se pescador de gente, o que lhe conferiu o epíteto de “príncipe dos Apóstolos”³¹, Elias e Moisés. A situação considerada no sermão é a do Evangelho de São Lucas que narra justamente a preocupação de Pedro expressa em seu pedido para que Cristo não fosse a Jerusalém, porque lá ele morreria:

“Esta resolução de São Pedro considerada, como a considerou Origenes, foy o mayor acto de amor, que se fez, nem pôde fazer no mundo; porque se Christo nam hia morrer a Jerusaleem, não se remia o genero humano; se nam se remia o genero humano, S. Pedro não podia ir ao Ceo: & que quizesse o grande Apostolo

³⁰ S.M. 1645 – II; § 404, p. 373; volume II.

³¹ O próprio nome “Papa” que designa o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana seria uma sigla de “Pedro Apóstolo Príncipe dos Apóstolos”.

privar-se da gloria do Ceo, porque Christo não morresse na terra: que antepuzesse a vida temporal de seu Senhor á vida eterna sua; foy a mayor **fineza** de amor ,a que podia aspirar o coração mais alentado.”³²

A suposição de Vieira, é, pois, a de que Pedro não queria que Cristo dali se fosse e este pedido representaria a maior *fineza*, porque Pedro queria evitar que Cristo passasse por sua Paixão, ainda que isto comprometesse a sua própria salvação. Esta intenção “fina” de Pedro é contraposta à cena da Paixão de Cristo na cruz onde ele diz que sente sede, depois de já cumpridos tantos martírios de sua provação:

“Contraponhamos agora esta acçã de Christo na Cruz, & a de São Pedro no Tabor. A de S. Pedro, parece, que tem muyto de **fineza**, a de Christo, parece,que não tem nada de amor: Se ferá isto allí?”³³

Até aqui persuade-nos Vieira que Pedro foi mais fino que qualquer homem podia sê-lo , e Cristo, menos amante do que devia ter sido. Embora o declare com sutileza, toda a narração da cena de Cristo na cruz dizendo que tinha sede apresenta-se simulando um desejo menor, pois, em se tratando do amor do salvador do mundo, ter sede naquela hora não era tão digno. Numa hora de tanto sofrimento em prol dos homens a quem amara tão despreocupadamente³⁴ sentir sede? Trata-se, sem dúvida, de um tipo de dificuldade que Vieira produz em seu discurso, exatamente por rebaixar a figura de Cristo. Por isso chamamo-la de “dificuldade por rebaixamento”. Sendo esta a questão, nada melhor que resolvê-la pelo embate das duas aparições de *fineza*. Comparemo-las:

³² S.M. 1645 – II; § 406, p. 374; volume II.

³³ S.M. 1645 – II; § 407, p.375; volume II.

³⁴ Este assunto será tratado com mais exatidão e escrupulo daqui a alguns parágrafos.

“O que em S. Pedro parecia **fineza** não era amor: porque estava fundado em ignorancia: *Nesciens quid diceret.*” (Luc. 9, 33) ³⁵

“O que em Christo não parecia amor, era **fineza**: porque estava fundado em sciencia: *Sciens quia omnia consummata sunt, ut consummaretur scriptura, dixit, Sitio.*”³⁶ (Jo 19, 28)

Tão importantes e centrais são estas duas ocorrências que trazem até explícita a citação bíblica em Latim, que é o instrumento primeiro que à mão tem o orador. A citação em Latim é a base para tudo o que o padre dirá em seu sermão. Interpretando-a palavra por palavra, a citação em latim é a pista mais contundente do processo de construção dos sermões.

Para prosseguir com a análise, entretanto, será necessário lançar mão de um conceito postulado por São Tomás de Aquino³⁷ a respeito de como se efetiva a inteligência no homem. Para São Tomás, o homem tem uma inteligência possível que apreende, através dos sentidos, para que o homem seja capaz de entender, através, nesta segunda etapa, do intelecto agente, que é o intelecto que passou de potência a ato. Talvez seja mesmo hora de invocar o próprio Santo – ainda que traduzido para o português – em favor da clareza e da ciência das palavras que acima ficam ditas:

³⁵ S.M. 1645 – II; § 408, p. 375, volume II.

³⁶ S.M. 1645 – II; § 408, p.375, volume II.

³⁷ Tomás de Aquino nasceu em 1225 no castelo de Roccasecca e morreu em 1274 em Fossanova (ambas localidades ficam atualmente na Itália). Discípulo de Alberto Magno, doutorou-se pela Universidade de Paris, tendo lá lecionado, além das Universidades de Roma e Colônia (fundada por seu mestre). Entre suas obras mais famosas estão a *Suma Teológica* e a *Súmula Contra os Gentios*. De modo bem superficial, São Tomás foi responsável pela “cristianização” do pensamento de Aristóteles ou pela “aristotelização” da doutrina da Igreja, dependendo donde se quer analisar a questão.

“Capítulo Oitenta e três – É necessária a existência de um intelecto agente”.

144. Daqui se infere que a ciência das coisas em nossa inteligência não é causada pela participação ou influência de certas formas inteligíveis subsistentes em si mesmas, segundo afirmaram alguns filósofos platônicos, mas o intelecto adquire a ciência a partir das coisas sensíveis, através dos sentidos. Contudo, como nas potências sensitivas as formas das coisas são particulares, conforme expusemos acima (no capítulo LXXXII), as coisas não são inteligíveis em ato mas apenas em potência. Pois o intelecto só compreende universais. Ora, o que está só em potência só pode passar ao ato mediante algum agente. É indispensável, por consequência, algum agente que torne inteligíveis em ato as “imagens” recebidas nas potências sensitivas. Isto não pode ser feito pelo chamado intelecto possível, pois este é mais potência em relação às coisas inteligíveis do que causador de intelecção. É preciso, portanto, postular um outro intelecto, que faça com que as imagens inteligíveis em potência sejam inteligíveis em ato, assim como a luz faz com que as cores visíveis em potência se tornem visíveis em ato. É o que chamamos de intelecto agente, o qual seria ocioso postular, se as formas das coisas fossem inteligíveis em ato, como afirmaram os filósofos platônicos.”³⁸

Assim, tendo em vista a justificativa de São Tomás para a existência de uma capacidade intelectiva da alma, isto é, capaz de efetivar o entendimento, de fazê-lo passar de potência a ato, é possível agregar ao conceito de *fineza* também o de entendimento. Neste sentido, o entendimento que está contido neste ato intelectivo que é a própria *fineza* é capaz de “converter” a ignorância em sabedoria, como nas ocorrências abaixo:

³⁸ Tomás de Aquino, Dante, Duns Scot, Ockham. *Os Pensadores*. “Compêndio de Teologia”; Cap. LXXXIII, p. 89.

“E allí todas aquellas **finezas**; que confideravamos, parecia amor, & eram ignorancias: pareciam afectos da vôtade, & erão erros do entendimento.”³⁹

“E allí aquellas tibiezas, que confieravamos, parecia, que não eraõ amor, & eram as mayores **finezas**: parecia,que eraõ hum dezejo natural, & eraõ o mais amorofo, & requintado affecto.”⁴⁰

Deixamos a Pedro no monte Tabor, implorando a Cristo que não fosse morrer a Jerusalém e a Cristo dizendo que tinha sede na cruz. Pedro fino, Cristo nem tanto. Agora já Cristo fino, Pedro néscio. Cabem todas as perguntas adverbiais possíveis: onde, quando, como foi que as *finezas* viraram “erros de entendimento” e as “tibiezas” tornaram-se finas? Foi precisamente no momento retórico que o entendimento, o intelecto agente, que é ato, passou a ser considerado para a determinação da verdade expressa nos dois momentos bíblicos narrados por Vieira. Nas ocorrências seguintes, confirma-se a troca do agente da ação de *fineza*, e o motivo é expressamente o entendimento.

“Deforte ,que a sciencia, com que obrava Chriſto, & a ignorancia, com que obrava Pedro, trocârão eſtes dous affectos de maneira, que o que em Pedro parecia **fineza**, por ſer fundado em ignorancia, nam era amor; & o que em Chriſto não parecia amor, por ſer fundado em ſciencia, era **fineza**.”⁴¹

Atribuem-se dessa forma as categorias articuladas sob esta tópica, estando a *fineza* sempre da parte divina e a ignorância, da humana. Esta é a discussão central do sermão. As quatro categorias que postulam a ciência ou a ignorância são: “conhecer a si mesmo”, “conhecer a quem se ama”, “conhecer o amor” e, curiosamente, “conhecer o fim onde se vai parar amando”. Tal divisão, parecida

³⁹ S.M. 1645 – II; § 408, p.375, volume II.

⁴⁰ S.M. 1645 – II; § 409, p.376; volume II.

⁴¹ S.M. 1645 – II; § 409, p.376; volume II.

com o ordenamento que dá Aristóteles em seu “Livro Dois da Retórica”⁴², especifica-se da seguinte forma:

“Se não se conhecesse a fi, tal vez empregaria o seu pensamento, onde o não havia de pôr, fe fe conhecêra. Se não conhecesse a quem amava, tal vez quieria com grandes **finezas**, a quem havia de aborrecer, fe o nam ignorára. Se nam conhecesse o amor, tal vez fe empenharia cegamente no que não havia de emprender, fe o foubra. Se não conhecesse o fim, em que havia de parar amando, tal vez chegaria a padecer os danos, a que nam havia de chegar, fe os previra.”⁴³

Se a ciência de Cristo a respeito da imperfeita natureza humana, por um lado, parece que delimita a noção de *fineza*, por outro, parece que a diminui, porque estando a ciência da parte de Cristo, então, da parte do homem, e de toda a humanidade em nome de Pedro, está o adjetivo de néscio⁴⁴. Ou seja, significa não apenas que Cristo sabe, como divino que é, mas implica sobretudo que o homem não sabe sobre o que está falando, o que supõe diminuição.

Há, contudo, sempre a esperança e a fiel crença na conversão e no redirecionamento do cristão para um caminho ainda mais cristão. É isso que propõe o empenho retórico do Padre Vieira que, apenas aquecido com a volta completa que dera no conceito de *fineza* neste primeiro movimento retórico em que a palavra

⁴² Referimo-nos aqui aos capítulos de II a XVII do Livro II. Neles, empenha-se Aristóteles em ordenar e descrever as “paixões” da alma humana, que seriam os sentimentos, ou melhor, as “disposições de alma” (*πάθος*), a que está sujeito o ouvinte, ou o conjunto deles. São exemplos das paixões: a cólera (ira) e seu contrário, a calma; a amizade e o ódio; temor/segurança; vergonha / impudícia; obrigação/desobrigação; piedade/indignação; emulação /desprezo. Cada “paixão” está descrita conforme três partes: 1) indicação do *habitus*, ou “disposições duráveis” as quais somos levados a experimentar; 2) enumeração das pessoas contra as quais se ressent ordinariamente e 3) o arrolamento dos objetos a propósito dos quais se pode senti-lo.

⁴³ S.M. 1645 – III; § 410, p.377; volume II.

⁴⁴ Cf. p. 41.

afina-se ao predicar Cristo no lugar de Pedro, passa a fazer, agora, o aprofundamento da questão e a manipulação daquilo que pouco acima foi chamado de “ignorâncias do amor humano”. A exegese obedecerá, então, ao mesmo movimento retórico que ocorre nesta primeira cena tratada: para cada uma das “ignorâncias do amor humano” empenhar-se-á o padre em mostrar como, apesar da ignorância dos homens, Cristo foi fino. A ignorância dos homens passa a ser duplamente vexatória, não só porque em se comparando o que sabe com o que não sabe sai este diminuído da comparação, mas também por não perceber o homem que ignorava como imitar ao amor fino, isto é, o amor divino de Cristo. É neste tipo de correção, nesta “ignorância de conduta moral do cristão”, que Vieira centra seus sermões. No caso do Mandato, o conjunto de sermões é quase metalingüístico (ou “metateológico”, o que, neste caso, dá no mesmo), porque estes especialmente são discursos para louvar o amor de Cristo, que é a função básica de qualquer sermão.

Se se disse que, com esta inversão da significação de *fineza*, sai o amor humano um pouco abatido, o amor de Cristo no entanto, parece nada sofrer. Ou melhor, o amor de Cristo parece sair também um pouco diminuído da competição, mas desta vez não porque Pedro fora baixo e vil, mas justamente pelo contrário. Justamente porque Pedro não era vil e Cristo, portanto, não carecia esforçar-se para amá-lo, precisamente pela grandeza do coração de Pedro apóstolo ficava o amor divino diminuído. É nessa dificuldade, pois, que se encontra o nosso discurso:

“Se o de Chrifto foy verdadeyro amor, & verdadeyra **fineza**;
porque amou os feus como eraõ, & com inteira sciencia do que

eraõ: ao inimigo sabendo o seu odio, ao ingrato, sabendo a sua ingratidão, & ao traydor, sabendo a sua deslealdade: *Sciebat enim quisnam effet, qui traderet eum.*”⁴⁵

Aparece então a ingratidão⁴⁶, paixão que converte o amor em ódio. Àquele que conhece a ingratidão do que amou sobejam motivos para que isto aconteça. O amor de Cristo, no entanto, e a *fineza* de seu amor em decorrência de ser divino, parecem ser ao mesmo tempo, os remédios e os exemplos mais extraordinários contra a ingratidão, porque referentes a Cristo. Numa cena aparentemente injusta⁴⁷, dada a distância que vai de Cristo a Judas - o traidor mais famoso da história da humanidade - é justamente sobre a traição que se assenta a *fineza* deste sermão.

“Taõ inteiramente conhecia Christo a Judas, como a Pedro, & aos demais; mas notou o Evangelista com especialidade a sciencia do

⁴⁵ S.M. 1645 - IV; § 416, p. 382; volume II.

⁴⁶ A ingratidão apareceu já como paixão no *Sermão do Mandato* (1643), que não faz parte do *corpus* desta pesquisa, mas que se faz deveras necessário. Neste sermão de 1643 o Padre Vieira, mais uma vez, a exemplo do tratamento clássico dado à questão, define “os remédios do amor” - fatores que podem fazer com que um amor humano (imperfeito) se acabe. O “tratamento” dado à questão, isto é, a manipulação do amor como doença e que, portanto, mereça um “antídoto”, necessita um remédio, é, inclusive, um lugar-comum na Grécia Antiga e na cultura latina. Estes “remédios”, pois, para o Padre Vieira, seriam quatro: o tempo, a ausência, a ingratidão e o melhorar de objeto. Este último remédio parece, *prima vista*, um pouco estranho, mas é muito parecido com a *aemulatio* aristotélica. Não é dele, todavia, que queremos falar. A ingratidão, terceiro remédio para o amor segundo o Padre Vieira, é considerada um remédio muito eficaz porque capaz de transformar o amor em ódio: “Assim como os remédios mais eficazes são ordinariamente os mais violentos, assim a ingratidão é remédio mais sensitivo do amor, e juntamente o mais efetivo. A virtude que lhe dá tamanha eficácia, se eu bem o considero, é ter este remédio da sua parte a razão. Diminuir o amor o tempo, esfriar o amor ausência, é sem-razão de que todos se queixam; mas que a ingratidão mude o amor e o converta em aborrecimento, a mesma razão o aprova, o persuade, parece que o manda. (...) Se ponderarmos os efeitos de cada um destes contrários, acharemos que a ingratidão é o mais forte. O tempo tira ao amor a novidade, a ausência tira-lhe a comunicação, a ingratidão tira-lhe o motivo. De sorte que o amigo, por ser antigo, ou por estar ausente, não perde o merecimento de ser amado; se o deixamos de amar não é culpa sua, é injustiça nossa; porém, se foi ingrato, não só ficou indigno do mais túbio amor, mas merecedor de todo o ódio.” (S. M. 1643, parte V)

⁴⁷ A cena é oriunda do capítulo 13 do Evangelho de São João, em que Cristo abaixa-se e lava os pés dos discípulos, destacando-se o lavatório dos pés de Judas que, Cristo sabia-o, traí-lo-ia, como, de fato, traiu. Outra passagem importante contida na mesma cena é quando Cristo abaixa-se para lavar os pés de Pedro. Diante da negativa e assombro do discípulo, Jesus teria respondido: *Quod ego fascio, tu nescis* (Ignoras o que faço). Foi daqui que saiu aquele néscio referindo-se a Pedro na consideração passada.

Senhor, em respeyto de Judas; porque em Judas mais que em nenhum dos outros campeou a **fineza** do seu amor.”⁴⁸

Em seguida apresenta o remédio ou a contraparte encontrado por Cristo para a ingratidão de Judas, que o vendia, o “amor fino”:

“[Definindo São Bernardo o amor fino, diz allí: *Amor non querit causam, nec fructum*. O amor fino não busca causa, nem fruto. Se amo, porque me amam, tem o amor causa; se amo para q me amem, tem fruto: & o amor fino não ha de ter porque, nem para que. Se amo, porque me amam, he obrigação; faço o que devo: se amo, para que me amem, he negociação, busco o que dezejo. Pois como ha de amar o amor para ser fino?] *Amo, quia amo; amo, ut amen*⁴⁹: amo, porque amo, & amo para amar. Quem ama porque o amam, he agradecido, quem ama, para que o amem, he interesseiro: quem ama, não porque o amam, nem para que o amem, esse fô he fino. E tal foy a **fineza** de Christo, em respeyto de Judas, fundada na sciencia, que tinha delle, & dos demais Discipulos.”⁵⁰

A inversão, a surpresa, agudeza fina desta feita, para o espanto do rumo que tomava o discurso, encontra-se na falta de merecimento, na ingratidão mesma de Judas. A noção do amor experimentado por Cristo pelos homens é uma amizade. Segundo Aristóteles, a amizade é querer bem em resposta a uma disposição favorável: “Est notre ami celui qui nous aime, et que nous aimons en retour. Se croient amis ceux qui sont dans cette disposition l’un envers l’autre.”⁵¹ É, portanto, amigo, para Aristóteles “aquele que se alegra com nossas alegrias e que sofre com

⁴⁸ S.M. 1645 – IV; § 416, p.382, volume II.

⁴⁹ “Amo porque amo e amo para amar” (com a finalidade de).

⁵⁰ S.M. 1645 – IV; § 417, p. 383, volume II.

⁵¹ Aristóteles. *Rhétorique – Livre II*. “Chapitre 4: De l’amitié e de la haine”; 1381 b, Paris, Belles Lettres, p. 68.

A introdução desta definição citada é: “Quelles personnes l’on aime ou l’on haït, et pourquoi, disons-le, après avoir défini l’amitié, et ce que c’est qu’aimer. Admettons donc qu’aimer, c’est souhaiter pour quelqu’un ce que l’on croit des biens, pour lui et non pour nous, et aussi être, dans la mesure de son pouvoir, enclin à ces bienfaits.”

nossas penas, sem outra razão que nosso interesse”. A amizade verdadeira inclui o desinteresse do amor, mas não o perdão, mesmo conhecendo-se a ingratidão daquele que desonrou este “contrato” firmado entre os amigos.

Reside a *fineza* de Cristo para o Padre Vieira mais no conhecimento, por parte do mesmo Cristo, da falta de merecimento de Judas que no desconhecimento do amor por parte de Judas. Judas, ao contrário de Pedro, não é apenas néscio, mas juntamente ingrato. É este defeito maior e acumulado que acrescenta o merecimento da parte de Cristo. Vejamo-lo:

“Pelo contrario Judas, nem amava a Christo, porque o vendia, nẽ o havia de amar, porque havia de perseverar obftinado até a morte: & amar o Senhor a quem o não amava, nem o havia de amar, era amar sem caufa , & sem fruto, por isso a mayor **fineza**.”⁵²

“Por isso dá o titulo de amigo só a Judas, não porque lhe merecesse o amor, mas porque lhe acreditava a **fineza**. Amar por razões de amar, isso fazem todos ; mas amar com razoes de aborrecer, só o faz Christo. Fez das offensas obrigaçoens, & dos aggravos motivos, porque era obrigação do seu amor chegar à mayor **fineza**: *In finem dilexit*.”⁵³

A traição de Judas será, não só neste e no próximo sermão do Mandato (1650), como o foi no de 1643, circunstância que acrescenta a *fineza* do amor de Cristo. Tal será a discussão do próximo capítulo. É pelo mesmo motivo também que nada foi dito a respeito do conceito de “amor fino” extraído, segundo o próprio Vieira, de São Bernardo. Por enquanto basta o exemplo do desinteresse do amor de Cristo, que ama até aos ingratos e, portanto, sem ter causa nem desejar fruto.

⁵² S.M. 1645 – IV; § 418, p. 384, volume II.

⁵³ S.M. 1645 – IV; § 418, p. 384, volume II.

Outro exemplo bíblico aparece antes da peroração do sermão. Segundo a divisão do sermão aventada acima, estamos na parte sobre o conhecimento do amor (é necessária a ciência do que é o amor para ser fino). A próxima ocorrência refere-se a passagens do livro 2 dos Reis do Antigo Testamento, capítulos de 18 a 20 – cujos títulos são: 18) *Amizade entre Davi e Jônatas, Inveja e atentados de Saul contra Davi* ; 19) *Jônatas defende Davi, Novos atentados de Saul contra Davi*; 20) *Davi e Jônatas renovam sua amizade; Jônatas procura reconciliar Saul com Davi*.

Aparece aí uma definição de amor, ou antes uma comparação entre o amor que se dedica a um amigo quando este pode ser ainda desconhecido; e o amor que ratifica o primeiro, isto é, tendo já conhecido o amigo. O amor aqui descrito é claramente a amizade entre Jônatas (filho de Saul, rei de Israel) e Davi, jovem que vencera Golias e fora aclamado Rei de Judá. Importa, nesta ocorrência, sobretudo o caráter “conhecedor” do amor de Jônatas por Davi. A diferença entre o “amor primeiro” e o “amor segundo” fica marcada no texto pela gradação hiperbólica representada pela seqüência de orações iniciadas por “depois de” que compõe o período composto que segue:

“Que Jonatas fe resolvesse a David, quando não conhecia as payxoens deste tyrano affecto; naõ foy muyta **fineza**; mas depois de conhecer seus rigores, depois de soffrer suas femrazões, depois de experimentar suas crueldades, depois de padecer suas tiranias, depois de sentir suas auzencias, depois de chorar faudades, depois de refistir contradições, depois de atropellar difficuldades, depois de vencer impossiveis: arriscando a vida, desprezando a honra, abatendo a authoridade, revelando secretos, encobrimdo verdades, defmentindo espias, entregando a alma, fogeitando a vontade, cativando o alvedrio, morrendo dentro em lí, por tormento, & vivendo em seu amigo, por cuydado: sempre triste, sempre affligido, sempre inquieto, sempre constante: a pezar de seu Pay,

& da fortuna de ambos (que todas estas **finezas**, diz a Escritura fez Jonatas por David) q depois, digo, de tão calificadas experiencias de feu coração, & de feu amor, se resolvesse segũa vez a fazer juramêto de sempre amar? Isto li he amor.”⁵⁴

Ainda relativamente ao amor entre Jônatas e Davi, expressa Vieira também já um indício, uma pista, de como tratar estes “exemplos exemplares” do Antigo Testamento: são prefiguração das ações de Cristo; antecipação da *fineza do amor de Cristo* pelos homens, isto é, eles carregam em si o efeito de maravilha inerente às *finezas*. É a primeira vez que aparece este tipo de ocorrência que, no entanto, será bastante comum⁵⁵, como se pode verificar na próxima ocorrência.

É deste tipo de consideração (dos exemplos) que advêm boa parte das metáforas utilizadas pelo Padre Vieira. Ao citar algum episódio do Velho Testamento, invariavelmente Vieira toma a ação da personagem (que pode ser Abraão e Isac; Davi e Micol, Jônatas, Davi e Saul) como figura do “novo mandamento do amor” anunciado por Cristo, relatado nas passagens do Novo Testamento. Quase sempre Vieira acha nestes episódios circunstâncias para aproximá-los da conduta cristã: pouquíssimas vezes estes exemplos servem para censura ou repreensão.

Um exemplo, aliás, bem oportuno do que acaba de ficar escrito é a próxima ocorrência, que se refere a outra passagem do Velho Testamento, encaixando-se exatamente no que se disse acima. Trata-se, agora, do “Capítulo 103” do Livro dos

⁵⁴ S.M. 1645 – V; § 421, p.386, volume II.

⁵⁵ O capítulo VI, sobre os “Sermões da Primeira Sexta-Feira da Quaresma” abordará prioritariamente este assunto.

Salmos, intitulado “Hino ao Criador”; versículo 19⁵⁶. O narrador, retomado no texto de Vieira, é o mesmo Davi, figura bíblica bastante recorrente neste tópico das *finezas*. Ao associar o verso “até o Sol conhece seu ocaso” à trajetória de Cristo e aos sofrimentos da Paixão, há a imagem⁵⁷ mais forte deste sermão. Cristo, como sol do catolicismo, e o sol como astro insensível. A *fineza* neste caso decorre do fato de ir Cristo morrer pelos homens “sabendo onde ia parar amando”. Segundo Vieira, Santo Agostinho é quem faz a associação:

“O certo he (diz Agostinho) que debayxo da metafora do Sol material, fallou David do Sol Divino Christo , que fô he Sol com entendimento. E porque ambos forão muy parecidos em correr ao feu occafo,por isso retratou as **finezas** de hum nas infenibilidades do outro.”⁵⁸

Seguindo este mesmo raciocínio, da maior *fineza* do amor de Cristo ser sua sabedoria, isto é, conhecimento de seu fim, ocorre, já quase na peroração do sermão, a última “inversão” da atribuição de *fineza*. A exemplo do que acontecera entre Pedro e Cristo, a “inversão” agora se dá de forma mais generalizada, incluindo toda a humanidade. A próxima ocorrência é rara, já que é das poucas que aparecem em

⁵⁶ “(Fez a Lua para marcar o tempo), ao Sol indicou seu ocaso.”

⁵⁷ Para Lausberg, a imagem (*imago*), é um dos meios que a memória tem para ordenar os “lugares retóricos” ou tópicos (*loci*): “La artificiosa memoria se sirve de dos medios auxiliares: del medio auxiliar ordenador de los *loci* y del medio auxiliar intensificador de las *imagenes*. (...) Dentro del dispositivo de los *loci*, listo ya y distribuido conforme al esquema del cinco, hay que alojar ahora los asuntos concretos que se quiere notar. Estos objetos notables pueden ser *res* y *verba*. A fin de hacer mas profunda su fuerza de penetración, estos objetos han de someterse a un proceso intensificador por parte de la fantasía. La imagen con que la fantasía reviste el objeto se llama *imago*: Her. 3, 20, 33 *quoniam ergo rerum similes imagines esse oportet, ex omnibus rebus nosmet nobis similitudines eligere debemus*. – Hay, pues, *imagenes* de las ideas o pensamientos y también *imagenes* de la formulación lingüística: Her. 3, 20, 33 *duplices igitur similitudines esse debent, unae rerum, alterae verborum*.”; in: LAUSBERG, Heinrich. *Manual de Retórica Literaria (Fundamentos de una ciencia de la literatura)*; Editorial Gredos, Madrid, 1975, 3 tomos; tomo II, § 1086-1088, pp. 401-403.

⁵⁸ S. M. 1645 – VI; § 427, p.391; volume II.

discurso direto, em primeira pessoa, na boca do próprio Cristo, que fala pelo Padre Vieira:

“Se os homens querem saber a **fineza**, com que os amey, não a ponderem pela minha fabedoria, ponderem-na pela sua ignorancia.”⁵⁹

Mais uma vez a “vantagem”, ou a superioridade, porque aquele que é fino é superior - e se ainda não ficou entendido é conveniente que fique explicitamente dito - está da parte de Cristo. Cristo parece ser melhor que os homens porque conhece seu fim que é salvar os homens. É disso que até agora convencia-nos Vieira. A partir daqui, há uma “inversão”, como chamamos, ou uma “Retorsión”, como chama Gracián.

Retoricamente, o que acontece nos sermões de Vieira com relação à predicação do termo *fineza* aproxima-se muito do descrito por Baltasar Gracián em seu *Agudeza y Arte de Ingenio*⁶⁰:

“Superioridad es de discurso no rendirse a la agudeza del que provoca, sino aspirar al vencimiento con otro igual, y aun mayor. Son venerados, son temidos semejantes ingenios, y en las lides de sutileza tenidos por vivos e de respuesta.

Es muy semejante esta especie de concepto a la pasada aunque tiene su especialidad; consiste en retorcer un dicho, o un hecho, sobre el mismo que lo propone, ya motejando, ya alabando; discurrese al actor por paridad o correspondencia de alguna circunstancia especial, por lo cual le compete lo mismo, y aun mejor. (...)

⁵⁹ S. M. 1645 - VII; § 430, p. 393; volume II.

⁶⁰ GRACIÁN, Baltasar. “Discurso XXXVIII: De las prontas retorsiones”; *Agudeza y Arte de ingenio*; Edición de Evaristo Correa Calderón; Editorial Castalia; Madrid; 1987; 2 tomos, pp. 188-197.

Retuércese un hecho, así como un dicho, aludiendo a la misma circunstancia, y descubriendo que corre la misma razón en el sujeto sobre quien se convierte.”

É precisamente o que Vieira faz, ao mudar sempre a predicação do termo *fineza*. Primeiro chegou-se à conclusão de que fino era Cristo, não Pedro. Depois, comparando, então, as dores de Cristo na Paixão com a ignorância dos homens, conclui que o que mais atormentava Cristo nas suas provas cada vez maiores de sofrimento a fim de que os homens fossem salvos não eram os açoites, mas a ignorância dos que amava e pelos quais tudo sofria. A ignorância, pois, era o que mais fazia Cristo sofrer durante sua Paixão:

“E porque esta falta de conhecimento, he o que mais fente, & mais deve fentir quem ama: por isso ponderou Christo à **fineza** de seu amor, não pela circunstancia da sua sciencia, fenaõ pela de nossa ignorancia: *Quod ego facio, tu nescis.*”⁶¹

Neste caso a ignorância dos homens acrescenta uma vantagem à *fineza* de Cristo: embora saia Cristo vitorioso, há ainda uma contribuição à *fineza* de Cristo por parte dos homens, mesmo que a contribuição humana seja por ser ignorante, apenas. Este movimento parece que diminui a *fineza* de Cristo, porque a *fineza* do amor de Cristo fica, assim, sujeita à ignorância dos homens; é esta a condição para que ocorra.

Mais uma vez, porém, retorcer-se-á a *fineza* para que Vieira a pondere ao extremo, no extremo deste sermão. Aliás, este jogo de palavras entre extremo e *fineza* é bastante comum na *peroratio* dos sermões estudados. A equivocidade dos termos deriva da etimologia latina da palavra que, pelo menos nos sermões

⁶¹ S. M. 1645 – VIII; § 434, p. 397; volume II.

estudados, parece advir de *finus*, de *in finem dilexit eos*, que pode significar tanto “tendo-os amado no fim”, como “amou-os ao extremo”. Não é este comentário, entretanto, que nos dá cuidado, mas a retorção retórica que pode ser observada na passagem:

“Como formais logo desculpas a nossas ingrátidoens, donde podieis crescer motivos a vossas **finezas**? Cuidey, que tinha dito a mayor de todas; mas esta foi a mayor. Chegou Christo a diminuir o credito de feu amor, para dissimular, & encobrir os defeytos do nosso, & quiz parecer menos amante, só para que nós parecêlmos menos ingratos. Assim uzou da ignorancia dos homens, sendo a confideração da nossa ignorancia o mais apurado motivo da sua **fineza**.”⁶²

Se a ingratidão dos homens, ponderada exaustivamente neste capítulo, diminuía a *fineza do amor de Cristo*, já neste ponto é a diminuição no crédito da *fineza*, por parte do próprio Cristo, que produz o efeito de mudar a predicação à *fineza*, que é o recurso retórico que mais se viu neste capítulo.

O último par de ocorrências produzirá o fecho, ainda seguindo o fio deste discurso – da ignorância das *finezas* do amor de Cristo, por parte dos homens ser decisiva neste conceito -, e afinando-o, no final diminui a *fineza* para que ela mais se dilate. O recurso é silogístico, finamente retórico, produzindo, por isso mesmo, o remate do convencimento do sermão. Vieira parte de uma “premissa universal”, particularizando-a para o caso do amor de Cristo, para, de diminuta, tornar a *fineza* de seu amor ser, finalmente, considerada soberana entre todas.

E, finalmente, para não tirar ao Padre Vieira o remate do capítulo, já que é de sua boca, afinal, que sai a nossa matéria, adianto que no próximo capítulo, sobre o

⁶² S. M. 1645 – IX; § 435, p.398; volume II.

“Sermão do Mandato (1650)”, a noção de *fineza* do amor de Cristo afinar-se-á mais ainda, o que para leitor experto não será nenhuma surpresa:

“ Porque não pôde chegar a mayor **fineza** hum amante, que a estimar mais o credito do seu amado, que o credito do seu amor.”⁶³

“A ingratidão acrefcetava a **fineza**, a necessidade diminuia o amor, & quiz Christo parecer menos amãte, para que os homens parecessem menos ingratos. Allí amou no principio da vida, & allí acabou no fim della.”⁶⁴

⁶³ S. M. 1645 – IX; § 436, p. 399; volume II.

⁶⁴ S. M. 1645 – IX; § 436, p. 399; volume II.

III – *Et vos debetis alter alterius lavare pedes* ⁶⁵

Neste capítulo será discutida a noção de *fineza do amor* do ponto de vista adotado no sermão de 1650⁶⁶. A tarefa, no entanto, não é simples. Este sermão detém 75 das 174 ocorrências da tópica analisadas nesta pesquisa. Os números, na verdade, não são provas da prolificidade do padre, mas apenas uma de suas evidências. Além disso, este sermão - diferentemente dos demais “sermões do Mandato”, cujo tema é *cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos* (Jo 13,1) - tem por tema *et vos debetis alter alterius lavare pedes* (Jo 13, 14). Veremos, ao fim deste capítulo, que nesta diferença entre *suos qui erant in mundo* e *vos debetis alter alterius* reside boa parte da particularidade deste sermão.

⁶⁵ “[Se eu, pois, Mestre e Senhor, vos lavei os pés,] também vós deveis lavar os pés uns aos outros”. (Jo, 13, 14).

⁶⁶ Entre 1645 e 1650 experimenta Vieira plena confiança do monarca D. João IV para assuntos diplomáticos, indo o Padre primeiro à França para negociar a mão da herdeira para D. Teodósio, e depois à Holanda, onde já tinha estado anteriormente, para negociar a paz com as “Províncias Unidas”. Seus argumentos, no entanto, não convencem as cortes estrangeiras. É por esta ocasião que redige o “papel forte”, que trata de defender que se entregue Pernambuco aos holandeses para, primeiro, vencer a Espanha e depois reconquistá-lo. Em 1652 seu nome é cogitado para missão diplomática em Inglaterra, mas encontra-se o missionário de partida para o Brasil, a fim de pregar no Pará e Maranhão.

João Lúcio de Azevedo, seu biógrafo mais prolixo, chama esta fase de 1641-1650 de “O político”, como chamara a anterior (1608-1640) de “O religioso”, distinção por muitos, como Cantel e Pécora, acusada indevida, pois o Padre nunca deixou de ser nem um, nem outro, nem missionário, que é o título do terceiro período. Em Vieira todas estas atribuições perfazem um todo coeso e complementar embora, como no caso destes sermões, sobressaia, por exemplo, mais o teólogo que o político, como é de se notar.

É necessário analisarem-se, entretanto, as evidências da importância deste discurso para o tema das *finezas* e das *finezas* para este sermão - o que não é a mesma coisa - embora um e outro sentido sejam grandiosos e grandiloquentes.

A primeira ocorrência do termo *fineza* constante deste sermão dá-se através de um quiasma⁶⁷ que esclarece o tema do 'amor de Cristo':

“ Então foraõ mayores as demoſtraçoens, mayores os extremos, mayores os rendimentos, mayores as ternuras, mayores em fim todas as **finezas**, q cabem em hũ amor humanamẽte divino , & divinamente humano: porque naquela clauſula final ajuntou o fim com o fino: *In finem dilexit eos*. ”⁶⁸

Como desde a primeira ocorrência fica exposto, neste sermão será estabelecido o *status* do amor de Cristo. Somente nesta primeira ocorrência da tópica já se vê como o assunto é importante. Considerando-se apenas a sua disposição simétrica e a dos termos de mesmo radical semântico (*fin-*) tem-se uma boa medida disso: a palavra *fineza* aparece como retomada de uma série de “sinônimos” que a preenchem, explicam-na, mas, sozinhos, efetivamente, não são sinônimos de *fineza*. Esta é uma definição apropriada de “co-ocorrência”, isto é, os termos que ocorrem ao lado de *fineza* e que fornecem indícios do uso que naquela ocorrência se faz. O denominador comum entre todos estes sinônimos e seu

⁶⁷ Mais precisamente em “linguagem retórica”, o quiasmo chama-se *commutatio* e “consiste en la contraposición de un pensamiento y su inversión mediante la repetición de dos radicales con cambio reciproco de la función sintáctica de ambos radicales en la repetición. (...) A las formas flexivas se equipara la inflexión en la formación de palabras.”, in: LAUSBERG, op. cit., vol. II, pp. 217-218.

O entrecruzamento de radicais que ocorre no nosso exemplo seguiria, neste caso, a fórmula: a^xb^y/b^xa^y ; onde *a* significa “humano”; *b* significa “divino” e *x* e *y* significam, respectivamente, os morfemas de formação de advérbios (*-mente*), ou de caracterização do determinante de amor - adjetivo - (*-o*).

⁶⁸ S.M. 1650 - I, § 334, p. 334, volume IX.

determinante é “maiores”. O procedimento em si, conhecido pelo nome de “disseminação e recolha”, é muito característico de textos seiscentistas, embora seja muito especial nesta aparição. A retomada do termo *fineza* dá-se introduzida por “enfim”, que tem o mesmo radical de *fineza*. Ladeando-a, há o quiasma adverbial “divinamente humano e humanamente divino”; em seguida ocorrem outras palavras do mesmo radical de *finem*, que pode tanto significar fim, finalidade, como também extremo, nexos amplamente explorados por Vieira em “final”, “fim” e “fino”. O mais importante, entretanto, é a natureza do amor de Cristo, divina e humana ao mesmo tempo, marcada pelo quiasmo. Este sentido será doravante de suma importância, pois reflete a localização da particularidade da tópica das *finezas*, que só se aplica plenamente quando relativa ao amor do mesmo Cristo.

O amor de Cristo, por definição, é elevado, sublime. Apesar disso, Vieira encarecerá ainda mais o assunto, entre todos, superlativo. As *finezas* do amor de Cristo, segundo o que até agora foi exposto, figuram, dentre os *tópoi* sublimes abordados nestes “Sermões do Mandato”, como o mais elevado. Neste discurso Vieira tratará de hierarquizá-las, isto é, ocupar-se-á em competir as *finezas* do mesmo Cristo entre si e decidir quais foram (ou são) as maiores:

“Suposto que no amor de Christo as **finezas** do fim foraõ mayores que as de todo o tempo da vida, entre as **finezas** do fim qua foy a mayor **fineza**?”⁶⁹

É de se notar que as ocorrências apareçam assim, aos pares e trios; raras são, neste sermão, ocorrências únicas (apenas uma ocorrência por trecho). Não é, no

⁶⁹ S.M 1650 – I, § 335, p. 334, volume IX.

entanto, o modo e o número em que as *finezas* aparecem o que mais nos dá cuidado. A atenção deve estar voltada, neste momento, para o tipo de *fineza* a ser considerada por Vieira: as *finezas* do fim da vida de Cristo, incluso e principalmente o momento imediatamente antecedente à sua morte, o da Paixão.

Há uma discussão teológica interessante, ainda que superficialmente apreendida, acerca deste tema. Como Cristo humanizou-se para sofrer pelos homens, pergunta-se se a maior *fineza* não teria sido o encarnar-se. O Padre Vieira, porém, já tem a questão por decidida: as *finezas* do fim (por isso mesmo) são maiores:

“O Evangelista compára as **finezas** do fim com as **finezas** de toda a vida , & resolve que as do fim forão mayores: eu comparo as **finezas** do fim entre sy mesmas; & pergũto, destas **finezas** mayores qual foy a mayor?”⁷⁰

Estabelecido o assunto, mais que em qualquer outro sermão objeto desta pesquisa, neste, o Padre Vieira especifica a estratégia discursiva que adotará:

“O estylo que guardarey neste discurso , para que procedamos cõ muita clareza ferá este: referirey primeiro as opinioens dos Santos, & depois direy tambem a minha ; mas com esta differença, que nenhũa **fineza** do amor de Christo me darão , q eu não dê outra mayor : & a **fineza** do amor de Christo que eu differ, ninguem me ha de da outra igual.”⁷¹

Trata-se explicitamente da *aemulatio*, técnica retórica constante do Livro II de Aristóteles e pelo mesmo assim descrita: “a *emulação* é um pesar ocasionado pela presença manifesta de bens estimados e que nos poderão causar

⁷⁰ S.M 1650 – I, § 335, p. 334, volume IX.

⁷¹ S.M 1650 – I, § 335, p. 335, volume IX.

ressentimento à vista de pessoas cujos pares somos nós, não absolutamente porque estes bens são de outro, mas porque eles não são também nossos (é por isso que a *emulação* é uma paixão honesta e de gente honesta, assim como a inveja é uma paixão vil e de vis, pois um se coloca, por emulação, em condição de obter estes bens; o outro, por inveja, impede o próximo de os ter), donde se segue necessariamente que, para provar a emulação, é necessário julgar-se digno dos bens que não possuímos (mas que nos será possível obtê-los).”⁷²

A definição de emulação, embora caiba perfeitamente na finalidade produzida pelo discurso de Vieira - já que a emulação é, grosseiramente traduzindo as palavras de Aristóteles, “uma vontade boa de possuir o bem possuído por outro”, neste caso, das *finezas* - ainda não traduz com exatidão a competição produzida por Vieira entre os teólogos a respeito das *finezas maiores* que seriam as do fim da vida de Cristo. Desta forma, decidimos acrescentar a este sentido de emulação também o de superação, que é o recurso utilizado neste discurso⁷³.

⁷² “Les *habitus* de l’émulation, ses sujets et ses occasions apparaîtront clairement du point du vue qui voici: si l’émulation est une peine occasionnée par la présence manifeste de biens estimés et qu’il nous serait possible de recevoir ressentie à l’égard de personnes dont nous sommes naturellement les pairs, non point parce que ces biens sont à un autre, mais parce qu’ils ne sont pas aussi à nous (et c’est pourquoi l’émulation est une passion hôte et de gens hôte, tandis que l’envie est une passion vile et de gens vils; car l’un se met, par émulation, en état d’obtenir ces biens; l’autre, par envie, empêche le prochain de les avoir), il suit nécessairement que, pour éprouver l’émulation, il faut se juger digne des biens que nous n’avons point, (mais qu’il nous serait possible de recevoir). Car personne ne prétend aux choses qui sont manifestement impossibles.” ARISTOTE. *Rhétorique – Livre II*. Société d’Édition “Les Belles Lettres”; Paris; 1967; Chapitre 11, 1388b, page 89.

⁷³ O recurso da *aemulatio* como superação retórica aparece descrito por Lausberg como oriundo de Quintiliano e submetido ao recurso da paráfrase: “La paráfrasis en prosa de modelos en prosa somete el modelo al proceso de los *modi*. También aquí el objetivo es la *aemulatio*. La paráfrasis de modelos en prosa es más difícil que la de modelos poéticos, pues allí el modelo se ha adelantado ya

Do mesmo modo que visto no sermão de 1645, desta feita o louvor às *finezas* de Cristo inclui, por outro lado, a “desvalorização”, ainda que relativa, da posição do homem e de seus julgamentos em relação ao divino. Nas palavras do próprio padre:

“Mas para que os corações humanos , costumados a ouvir tibiezas cõ nome de encarecimentos , não se enganem na fêmelhãça das palavras em descredito de vossõ amor;protesto que tudo o que differ de suas **finezas**, por mais que eu lhe queira chamar as mayores das mayores,naõ fãõ exageraçõens , fenaõ verdades muito defaffectadas;antes não chegãõ a ser verdades , porq fãõ aggravo dellas.”⁷⁴

“Vòs , Senhor, q conheceis vossõ amor, o engrandecey, vòs que fõ comprehendeis , o louvay; & pois he força , & obrigaçã que nós tãbem fallemos , paffe por hũa das mayores **finezas** suas sofrer que e vossa preferença digamos tam pouco delle.”⁷⁵

Nas duas ocorrências supracitadas observa-se, de um lado, a ignorância da parte humana no que diz respeito ao reconhecimento das *finezas* que obrara Cristo pelos homens, o que provoca um agravamento ou diminuição das mesmas *finezas*. Por outro lado, na segunda citação percebe-se da parte do “Senhor” a exata percepção da grandeza de seus atos. O discurso religioso, neste sentido, tem, então, a função de corrigir a disparidade da percepção destes atos praticados a favor dos homens, a que chamamos *fineza*, provocando nos ouvintes o arrependimento e a contrição perante Deus. Assim acaba Vieira seu exórdio.

a explorar todas las posibilidades del *bene dicere*. Pero justo esta dificultad constituye un incentivo: Quint. 10, 5, 5-8: *...neque adeo ieiunam ac pauperem natura eloquentiam fecit, ut una de re bene dici nisi semel non possit; ... ipsa denique utilissima est exercitationi difficultas.* (...) Precisamente la *aemulatio* con modelos literarios e prosa nos enseña a valorar las cualidades de los modelos no sólo por fuera, como ocurre con la simple lectura, sino por dentro (Quint. 10, 5, 8 *introspicimus*), al trabajar activamente sobre detalles en concurrencia con el autor: Quint. 10, 5, 8 *quantum virtutis habeant, vel hoc ipso cognocimus, quod imitari non possumus.*” ; in: op. cit. § 1101, tomo II, p. 409.

⁷⁴ S.M 1650 – I, § 336, p. 335, volume IX.

⁷⁵ S.M 1650 – I, § 336, p.336, volume IX.

A partir daqui, temos a hierarquização das *finezas* segundo a opinião de três Santos-Doutores (Santo Agostinho, São Tomás e São João Crisóstomo). A cada um deles replicará Vieira com uma *fineza* tirada do interior da própria circunstância (*fineza*) defendida pelo Santo em questão. Emulados todos, aponta o padre aquela que ele acredita ser a maior *fineza*. Trata-se, literalmente, de uma contenda teológico-retórica. Chamaremos de *fineza* a opinião do Santo e de *fineza* correlata maior àquela que será proposta por Vieira para superar a *fineza* apontada pelo Santo. Vejamos qual é a maior *fineza* da vida de Cristo que aponta Santo Agostinho:

“Entrando pois na nossa questão , qual **fineza** de Christo he a mayor das mayores? Seja a primeira opinião de Santo Agostinho , que a mayor **fineza** do amor de Christo para com os homens foy o morrer por elles.”⁷⁶

Segundo considera Santo Agostinho (e com ele muitos teólogos) a maior *fineza* de Cristo foi morrer pelos homens porque se fazendo objeto de sacrifício, salvava Cristo ao mundo com sua morte. Segundo a Igreja Católica, aliás, esta é a justificativa para Cristo ter-se feito homem sendo divino. É, também, deste modo, a maior *fineza* que obrou Cristo pelos homens, sacrificando sua própria vida por eles. Nas palavras do próprio Santo:

“Ele, a nossa vida, desceu até nós. Suportou a nossa morte e matou-a pela abundância da nossa vida. Com voz de trovão clamou que voltássemos para Ele, para o lugar escondido donde veio a nós, descendo primeiro ao seio da Virgem onde se desposou com Ele a natureza humana, a carne mortal, para não ficar eternamente mortal. E de lá “como um esposo que saiu do tálamo, deu saltos como um

⁷⁶ S.M. 1650 – II, § 337, p. 336, volume IX.

gigante para percorrer o seu caminho” (Salmos, 18, 6). Não se deteve, mas correu clamando com palavras, com obras, com a própria morte, com a vida, com a descida (ao Limbo), com a Ascensão, clamando sempre que a Ele voltássemos.

“Fugiu dos nossos olhos para que entremos no coração e aí O encontremos. Sim, separou-se de nós, com relutância, mas não nos abandonou. Arrancou-se donde nunca se retirou, porque “o mundo foi por Ele criado” (Jo 1, 10), e “estava neste mundo e veio a este mundo salvar os pecadores” (I Tim 1, 15)”.⁷⁷

O Padre Vieira, no entanto, na própria circunstância da morte acha-lhe uma distinção que revela o argumento do ponto:

“Com licença porém de S. Agostinho, & de todos os Santos, & Doutores, que o seguem, que fãõ muitos; eu digo que o morrer Christo pelos homens não foy a mayor **fineza** de seu amor: mayor **fineza** foy em Christo o auferirse, que o morrer: logo a **fineza** do morrer não foy a mayor das mayores.”⁷⁸

A circunstância da ausência provocada pela própria morte, para Vieira, supera a *fineza* da morte. Isto pode ser explicado pelo próprio conceito de *fineza*, pois, como ficou explanado no capítulo anterior, a *fineza* significa sacrifício (e neste ponto tanto a morte como a ausência o representam), mas implica também o desconhecimento do mesmo por parte daquele que é beneficiado. Assim, Cristo morre pelos homens e na morte todos conhecem que eram amados. Na ausência porém, o sacrifício fica diminuído, obnubilado pela ignorância dos próprios homens em reconhecer na ausência contínua um sacrifício. Como o objetivo do

⁷⁷ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução do original latino de J. Oliveira Santo e A. Ambósio de Pina; Livraria Apostolado da Imprensa; Braga, Portugal, 1990; livro IV, capítulo 12 “O amor em Deus”, p. 100.

⁷⁸ S.M. 1650 – II, § 338, p. 337, volume IX.

Evangelista era encarecer a *fineza* do mesmo Cristo, por isso, segundo Vieira, encarece a ausência:

“Porque o intento do Evãgelista era encarecer , & ponderar muito o amor de Christo: *Cum dilexisset, dilexit*: & muito mais encarecida , & ponderada ficava a sua **fineza** em dizer que se partia, do que em dizer que morrerá.”⁷⁹

Ao dizer que, ausentando-se, Cristo sofre mais, vemos novamente o amor dos homens como argumento, não de sua *fineza*, mas da “*fineza maior*” considerada por Vieira, que é deixar de estar no mundo com aqueles que tanto ama. E comparando-a à morte, o próprio silêncio do evangelista acerca da morte denuncia a supremacia da ausência:

“A morte de Christo foy tam circunstaciada de tormentos, & afrontas padecidas por nollô amor, que cada circunstancia della era hũa nova **fineza**: com tudo de nada disto faz menção o Evangelista , tudo passa em silêncio, porque achou que encarecia mais com dizer em hũa lã palavra que se partira, que com fazer dilatadas narraçoens dos tormentos, & afrôtas, (posto que tam excessivas) com que morrerá: *Ut transeat ex hoc mundo: in finem dilexit eos*.”⁸⁰

Finalmente, para validar sua tese, usa Vieira do *exemplum*, isto é, por meio de uma personagem bíblica faz uma comparação com o amor de Cristo, ainda que a personagem eleita, neste caso, não tenha sido tão exemplar a vida toda. Trata-se de Maria Madalena, que procura Cristo no sepulcro para ungi-lo na noite de sua morte e não o acha. Chora, sente a ausência daquele que amava, ainda que fosse

⁷⁹ S.M. 1650 – II, § 338, p. 337, volume IX.

⁸⁰ S.M. 1650 – II, § 338, p. 338, volume IX.

apenas seu corpo⁸¹. Então aparece Jesus ressuscitado a Maria Madalena. Na ocorrência seguinte, a circunstância ponderada são as lágrimas:

“E se o amor da Madalena, que era menos fino, avaliava alfin a caula a fua dor entre a morte, & a ausencia; que faria o amor de Christo , que era a mesma **fineza**?”⁸²

Após o *exemplum*, considera Vieira as diferenças entre a morte e a ausência.

“Para ponderarmos bem o fino desta **fineza**, que ainda não está ponderado , havemos de entender, & penetrar bẽ o que era em Christo o aufentarse, & o que era o morrer.”⁸³

A maior diferença, pois, que acha entre a morte e a ausência é o sofrimento que ambas originaram em Cristo. À morte, embora circunstanciada de padecimentos, principalmente físicos, não buscou Cristo nenhum alívio; à ausência, ao contrário, busca Cristo o remédio da Eucaristia. É esta a primeira vez que o sacramento será considerado como *fineza*; daí o caráter notável desta próxima ocorrência da tópica. É necessário dizer também que o sacramento é dos lugares de *fineza* mais empregados pelo padre Vieira, figurando, neste e nos demais sermões, ora como sinônimo, ora como contraponto da mesma. Neste caso, aparece como evidência de como a ausência é mais sentida pelo mesmo Cristo, justamente por precisar ser remediada. Vejamo-la:

“Daqui se segue, q tantas vezes morre Christo naquelle sacrificio, quantas se faz presente naquelle Sacramento. Oh excessiva **fineza** de amor!”⁸⁴

⁸¹ João 20, 11.

⁸² S.M. 1650 – II, § 340, p. 339, volume IX.

⁸³ S.M. 1650 – III, § 342, p. 340, volume IX.

⁸⁴ S.M. 1650 – IV, § 344, p. 342, volume IX.

Neste ponto, tendo refutado a *fineza* de Santo Agostinho como a maior, por ter considerado o Sacramento da Eucaristia “remédio” da ausência provocada pela mesma morte, ainda refutará, com a autoridade de São Bernardo⁸⁵ a idéia de a morte ser considerada fina, pelo próprio Cristo. Mais uma vez, retorcendo completamente o rumo que a argumentação tomaria, argumenta Vieira que, mesmo que a morte fosse a maior *fineza*, a ausência ficaria sendo então a maior das maiores:

“E fe me replicão com a autoridade de Chriſto *Maiorem hac dilectionem nemo habet* : que o morrer he a maior **fineza** ; Responde S. Bernardo , que fallava Chriſto das **finezas** dos homens, não das fuas.”⁸⁶

“Mas eu refpondo , que ainda que fallaffe das fuas, fe prova melhor o noſſo intento. Se o morrer he mayor **fineza** , & o auſentarſe he mayor que o morrer ; ſegueſe que a **fineza** de ſe auſentar não foy mayor **fineza** entre as grandes, ſenão mayor entre as mayores : foy hũa **fineza** mayor q a mayor: *Maiorem hac dilectionem nemo habet , ut animam ſuam ponat quis pro amicis ſuis.*”⁸⁷

Com este par de ocorrências, Vieira encerra seus empregos da tópica de *fineza* propostos por Santo Agostinho e desde já inicia outra emulação não menos difícil, com os empregos propostos por São Tomás. Como ficou dito, a partir daqui

⁸⁵ Para São Bernardo, teólogo cistercense que professava a *unio mystica* entre Deus (e as pessoas da Trindade) e os cristãos, a *memoria passionis* é um dos requisitos para a *caritas* que conduz o homem à ascese: “L’Eglise, c’est-à-dire ici l’âme des chrétiens, par opposition à celle des Juifs ou des païens, se sent percée d’aiguillons inconnus aux autres devant le témoignage d’amour infini qu’elle est seule à recevoir. Devant ce spectacle, qu’elle est seule à contempler, d’un Dieu mort sur la croix pour la sauver, elle ne peut que s’écrier avec l’Eglise du Cantique: *vulnerata caritate ego sum*. C’est pourquoi la méditation de la passion et de la résurrection qui la couronne, du fait même qu’elle provoque dans le cœur des élans d’amour plus ardents, s’accompagne d’un accroissement de charité tel qu’elle prépare l’âme à recevoir la visite du Verbe.” in: GILSON, Etienne. *La théologie mystique de Saint Bernard*. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1986; “L’amour charnel du Christ”, p. 103.

⁸⁶ S.M. 1650 – IV, § 344, p. 343, volume IX.

⁸⁷ S.M. 1650 – IV, § 344, p. 343, volume IX.

começa o Sacramento a tomar proporções definitivas para a questão da *fineza*. Já na apresentação da *fineza* proposta por São Tomás o Sacramento da Eucaristia é exaltado. Para este Santo, o aspecto mais fino de Cristo traduz-se justamente neste legado sacramental em “deixar-se conosco”, segundo as palavras do próprio padre:

“Diz S. Thomás que a mayor **fineza** do amor de Christo hoje foy deixafse com nosco, quãdo fe auſentava de nós. E verdadeiramente que o ir, & ficar, o partirſe , & não fe partir, o deixarſe a ſy , quando nos deixava a nós, não ha duvida que foy grande **fineza**.”⁸⁸

Antes, porém, de seguir na refutação, ou melhor, na superação, da *fineza* exaltada pelo Santo, tratará Vieira de dificultá-la, comparando-a à “*fineza* correlata maior de Santo Agostinho”, àquela que a superou, que foi a ausência. Em outras palavras, se a ausência é mais forte que a morte (que era a *fineza* defendida por Santo Agostinho), a *fineza* exaltada por São Tomás a desfaz, pois se Cristo se deixa com os homens no Sacramento, então não se ausenta. É de se notar que o mesmo argumento usado para exaltar a ausência (a instituição sacramental como remédio à ausência) agora é mobilizado para contrapor-se a ela.

A complicação do argumento está em que, se a instituição do sacramento foi solução para não se ausentar, age o Senhor contra a própria noção de *fineza*, pois a definição mais ampla da tópica das “finezas”, para abranger um sentido que figura em todos os sermões, está relacionada ao caráter desinteressado do amor de Cristo; ou mais especificamente, que o amor de Cristo, sendo fino, não age como os

⁸⁸ S.M. 1650 - V, § 346, p. 344, volume IX.

"amores vulgares", mas contra eles. No entanto, na dificuldade ora desenvolvida Cristo teria agido conforme sua inclinação e, portanto, vulgarmente⁸⁹:

“Foy tam grande , que parece desfaz tudo, quanto até-gora temos dito ; porque ainda que no amor de Christo feja mayor **fineza** o auferirse , que o morrer, a **fineza** de se deixar com nosco desfaz a **fineza** de se auferir de nós.”⁹⁰

Ainda sem resolver no próprio texto a questão, pois o recurso aqui utilizado é o de dificuldade por enigma⁹¹, entra Vieira a emular o Santo. É notável que, na ocorrência seguinte, Vieira enuncia claramente sua “predileção” pela doutrina tomista, dizendo-se grande venerador dela. Apesar disso, apresentará outra *fineza* para contrapor à de “deixar-se conosco”.

“Com isto se representar allí , & com eu ser grande venerador da doutrina de São Thomás digo que o deixar-se com nosco não foy a mayor **fineza** do seu amor: dou outra mayor”⁹²

Mais uma vez é da própria proposição do Santo (sacramentar-se em corpo e sangue) que tira Vieira sua *fineza*. Se sofre mais Cristo quando se ausenta, a instituição do mesmo sacramento por um lado remedia esta ausência e, por outro, presentifica, através da transubstanciação, o pão em corpo e o vinho em sangue, à vista de todos os cristãos. Este Sacramento é, sem dúvida, o mais poderoso e o mais eficaz de todos, como se verá na *fineza* que propõe Vieira. Não é, no entanto, a presença do Cristo no Sacramento que propriamente constitui sua *fineza*, embora este aspecto não possa, jamais deixar de ser fino. O que resolve a questão acima,

⁸⁹ Esta dificuldade só será resolvida mais adiante, na “fineza correlata maior à de São Tomás”, apresentada como superação pelo Padre Vieira.

⁹⁰ S.M. 1650 - V, § 346, p. 344, volume IX.

⁹¹ cf. nota 14, “Intróito”.

⁹² S.M. 1650 - V, § 347, p. 344, volume IX.

sobre “ausentar X deixar-se conosco” é o modo pelo qual Cristo se deixa no Sacramento, impassível e, portanto, renunciando às vantagens da presença. Ei-lo:

“Mayor **fineza** foy no mesmo Sacramento o encobrirle, que o deixarle: logo a **fineza** de le deixar não foy a mayor da mayores.”⁹³

Assim, está Cristo presente na hóstia, mas sem ver os mesmos a quem amava. Aliás, a visão é, de todos os sentidos, o mais ressaltado por Vieira, porque capaz, inclusive, de fazer ao homem crer no que não deveria. Os olhos aparecem, nos sermões de Vieira, como o mais privilegiado dos sentidos para trocar “a imagem do ser das coisas pela miragem do desejo”⁹⁴. Neste caso, Cristo, sabendo que os homens podiam enganar-se, não vendo o Senhor, priva-se da vista para que os homens realmente o vejam no Sacramento:

“ Que foffe mayor **fineza** o encobrirle , que o deixarle , foy bulcar remedio à ausencia ; iſſo he comodidade : o encobrirle, foy renunciar os alivios da presença; iſſo he **fineza**. ”⁹⁵

Este preço pago pelo amor de Cristo para a instituição do Sacramento, esta *fineza*, faz parte do processo de “dramatização do Sacramento”, como diz Pécora (1994), e tem como propósito imediato evidenciar a presença efetiva de Cristo (isto é, o cristão quando come a hóstia de fato está em contato com o corpo de Cristo), reforçando a Eucaristia como lugar privilegiado de síntese dos sofrimentos de

⁹³ S.M. 1650 – V, § 347, p. 344, volume IX.

⁹⁴ É o que diz A, Pécora em seu artigo “O demônio mudo”, in: *O olhar*, NOVAES, A., considerando justamente o perigo do engano do entendimento que a visão pode causar, porque assim o homem se afeiçoaria mais às coisas atraentes do mundo que ao Ser que as criou. “O demônio do olhar agiria de modo a fazer com que o entendimento do que fosse visto se confundisse com a imagem daquilo que se gostaria de ver. O efeito próprio desse demônio seria, silenciosamente, trocar a imagem do Ser das coisas pela miragem do desejo.” (p. 306).

⁹⁵ S.M. 1650 – V, § 347, p. 344, volume IX.

Cristo, como neste caso, diminuindo a distância entre os fiéis e a Igreja. "A liturgia eclesiástica, deste ponto de vista, não apenas não acrescenta distância ao contato entre o fiel e Deus, como significa uma intensificação renovada deste contato: a Igreja, seu aparato e *status*, é via necessária de aproveitamento do tesouro da Graça que mana da Paixão e Morte de Cristo e concentra-se no sacramental eucarístico."⁹⁶

Ainda sobre este tema da visão, há outro sermão onde se discute este sentido tão privilegiado em Vieira, que, no entanto, não entrou no nosso *corpus*. Trata-se de um sermão curto, mais à maneira de disputa, como, aliás, era do gosto da rainha Cristina da Suécia, destinatária desta peça retórica pregada em Roma. Neste sermão, Vieira discute "quais são o maior laço e o maior perigo: os olhos próprios ou os alheios?" Durante o desenvolvimento, ele retoma o já utilizado episódio (no sermão do Mandato de 1645) em que Abraão conduz seu filho Isaac ao sacrifício e usa, inclusive, a impassibilidade de Cristo na hóstia, como aqui. Daquela feita, conclui Vieira que é necessário obrar de modo: seguro (i. e., não obrar nada para olhos humanos); perfeito (obrar apenas para os olhos de Deus); e heróico (obrar como se Deus não o visse). Apenas a recorrência desta "impassibilidade de Cristo" em outro sermão já o evidencia como lugar comum da retórica vieiriana, também presente em expressões como "tragamos este exemplo sempre diante dos olhos" (*peroratio* do S.M. 1645).

Continuando a distender os efeitos da "impassibilidade de Cristo na hóstia", compara-o Vieira a um *exemplum* retirado do livro dos Reis 14, 24, quando

⁹⁶ *Teatro do Sacramento*, p. 188.

Davi exila seu filho Absalão e depois lhe permite que volte, mas não que o veja. Neste caso, o argumento é que a presença com a proibição da vista (“lei de não ver”) é pior que a ausência; Cristo no sacramento sujeitou-se àquilo que Absalão reclamava, mas com uma diferença, notada por Vieira: este o fez por amor do pai; já Cristo:

“Absalão toda esta **fineza** fala por amor do seu Pay David ; mas Christo melhor filho de David que Absalão, ainda que no dia de hoje se partia para seu Pay , não fez esta **fineza** por amor de seu Pay , fala por amor de nós : *ut transeat ex hoc mundo ad patrem : in finem dilexit eos.*”⁹⁷

Dificultando, novamente, seu próprio argumento contra si, Vieira replica que Cristo não sente a privação da vista, estando impassível no Sacramento e por isso não é *fineza*:

Já eu me dera por satisfeito , se do mais interior do mesmo Sacramento não resultara hũa replica tam forte, q na diferença da comparação parece que desfaz a **fineza**. Mayor **fineza** he a de hum vivo sem ver a quem ama , que a de hum morto sem sentir o que padece. Mas Christo no Sacramento tambem não sente, porque está alli impassível : logo não he **fineza** o não ver , onde se não sente a privação da vista.”⁹⁸

Não é a mesma impassibilidade, porém, que será contra-argumento eficaz diante de tão nobres defensores: São João, Madalena e São Bernardo. Do primeiro, usa Vieira os versículos Jo 19, 33-34, sobre a lançada que trespassa o coração de Cristo. Já morto, sofreu-a como se vivo estivesse. Com a Madalena, ocorre o contrário: unge-o vivo como se estivesse morto. De São Bernardo, enfim, vem o argumento decisivo, pois que Cristo não só padeceu, como mereceu a mesma

⁹⁷ S.M. 1650 – V, § 351, p. 347, volume IX.

⁹⁸ S.M. 1650 – VII, § 354, p. 349, volume IX.

ferida, pois ainda que a recebeu impassível depois da morte, aceitou-a vivo e passivo no início da vida (ao fazer-se homem). Assim, a instituição do Sacramento comporta dois aspectos igualmente importantes e complementares, à imagem de Cristo, que é, ao mesmo tempo, homem e Deus: em consagrar o pão consiste o Sacramento e em não ver os homens, o sacrifício, sendo, assim, *fineza*:

“E esta he a **fineza** cruel , & terrivel ao amor, pela qual deixandofe com os homens, fe condenou a não ver os mesmos porquem fe deixou. Com declaração, & sentença final, & sem embargos , que mais fez em fe encubrir , que em fe deixar.”⁹⁹

Resolvida, pois, a questão da impassibilidade e sua decorrente *fineza*, Vieira empenha-se doravante em superar São João Crisóstomo, o qual argumentara que a maior *fineza* de Cristo foi “lavar os pés aos discípulos”, durante a última ceia. Abaixar-se, humilhar-se, diante daqueles homens é, para São Crisóstomo, mais importante que o próprio sacramento:

“A Terceira, & ultima opiniaõ he de S. Joaõ Chrysoftomo, o qual tem para fy , que a mayor **fineza** do amor de Chriſto hoje, foy o lavar os pès a feus Discipulos.”¹⁰⁰

Não se detém, contudo, na comparação entre o lavatório e o sacramento, mas dentro do próprio lavatório acha circunstância em que o afine, apresentando a sua opinião que, a exemplo dos casos anteriores, supera a situação apresentada pelos Santos. Mais uma vez, a superação não vem de exemplo exterior (por isso não retoma a discussão sobre o Sacramento), mas da própria cena donde o Santo tira seu argumento. Neste caso, do próprio lavatório:

⁹⁹ S.M. 1650 – VII, § 359, p. 354, volume IX.

¹⁰⁰ S.M. 1650 – VIII, § 360, p. 354, volume IX.

“Sendo tam fundada como ifto a opiniaõ de S. Chryfostomo, & dos outros Doutores antigos, & modernos, que a encarecem, & seguem ; eu cõtudo não polfo consentir que feja esta a mayor **fineza** do amor de Christo hoje ; porque dentro do mesmo lavatorio dos pès darey outra mayor.”¹⁰¹

A *fineza* correlata maior à de São João Crisóstomo é não excluir Judas do lavatório, pois, como pondera Vieira noutra parte, fazendo-se homem Jesus, pôs-se abaixo dos anjos e arcanjos; agora, lavando os pés aos homens, faz-se servo deles. Aos pés de Judas então, Cristo demonstra a *fineza* de seu amor tratando com igualdade aquele que mais merecia ser desprezado, como nas ocorrências abaixo:

“Muyto foy , & mais que muito lavar os pès aos Discipulos ; mas lavalos tambem a Judas, effa foy a **fineza**.”¹⁰²

Enunciada a *fineza* de superação, ou *fineza correlata maior*, a tópica se desdobrará, de agora em diante, numa discussão muito pertinente e inédita sobre a justiça ou injustiça da *fineza*. Mais uma vez¹⁰³ será a traição de Judas o mote da argumentação da tópica. Este próximo emprego da tópica que anuncia a discussão é antológico:

“A **fineza** do amor moltrafe em igualar nos favores os que faõ defiguaes nos merecimentos : não em fazer do indignos dignos, mas em os tratar como fe o foffem.”¹⁰⁴

Eis aí o ponto chave da *fineza* neste sermão. Assim como a tópica é desempenhada por meio de recursos retóricos como a “retorção”, a “dificultação” e o “enigma”, permite também a flexibilidade da definição conceitual na invenção.

¹⁰¹ S.M. 1650 – VIII, § 361, p. 355, volume IX.

¹⁰² S.M. 1650 – VIII, § 361, p. 355, volume IX.

¹⁰³ Esta discussão já foi iniciada no capítulo anterior *Sitio*, pp. 16 e 17. Cf. nota 46 sobre ingratidão.

¹⁰⁴ S. M. 1650 – IX, § 363, p. 357, volume IX.

A cada novo sermão, a tópica articula noções novas, com diferentes pesos em seus empregos particulares; no capítulo passado, por exemplo, a noção mais importante atrelada aos empregos de *fineza* estudados era a “ciência”, predicada do amor de Cristo somente, mas que ganhava também *status* de ignorância. Neste caso, o conceito mais importante de *fineza* é o da “merecimento ou desmerecimento”. Isto, no entanto, não quer dizer que *fineza* aqui não seja “ciente”, mas que o aspecto mais relevante, agora, é a igualdade entre aqueles que recebem o amor de Cristo ainda que não o mereçam igualmente.

Judas é o ingrato por excelência, ao contrário dos outros discípulos. Cristo, porém, a todos lava os pés. Neste sentido, pois, a *fineza* parece ser injusta:

“E o amor fino (qual he sobre todos o amor de Pay) quando he igual na benignidade para os que a merecem, & defmerecem, nellas mefmas apparencias de menos juftiça realça mais os quilates de fua **fineza**. ”¹⁰⁵

Nesta injustiça reside a *fineza*. Ao tratar Judas, o ingrato, como se merecesse o lavatório dos pés, Cristo iguala, por sua atitude, aqueles que são diferentes no merecimento. O “amor fino”, tal qual o define São Bernardo no sermão anterior, tem aqui sua maior prova, pois Cristo demonstra que ama com a finalidade única de amar (*amo quia amo et amo ut amem*). Este ato, no entanto, pode dar margem à reclamação dos demais seguidores, como na ocorrência:

“E porque os outros Discipulos na grande differença de Judas fe podião queixar desta igualdade , & dizer como os Operarios: *Parem illum nobis fecisti*; não defiltio por illo o amor de Christo , antes fe gloriou da mefma defigualdade, porque as queixas,

¹⁰⁵ S. M. 1650 – IX, § 364, p. 358, volume IX.

quando as ouvesse da sua justiça, eraõ os mayores panegyricos da sua **fineza**.”¹⁰⁶

Nesta ocorrência, as queixas da injusta igualdade aparecem como “panegíricos” da *fineza*. Ou seja, a distância entre os discípulos que mereciam o lavatório e Judas, que traía Cristo, é apagada, resultando no mesmo tratamento para todos. Daí adviriam as reclamações, restabelecedoras da distância ou diferença entre Judas e os demais. Cristo, no entanto, a todos lava. Assim, pois, na igualdade de tratamento entre Judas e os outros discípulos confirma-se a *fineza*. É necessário acrescentar à sua definição o fato de a tópica da *fineza* trazer sempre consigo parecer, à primeira vista, não ser fina (como no sermão anterior, Cristo não parecia ter sido sábio no primeiro momento). Neste caso, o parecer que não foi justo é justamente o que provoca a “retorção” da tópica.

Estendendo a ingratidão de Judas a todo o gênero humano, o padre Vieira pondera a *fineza* que Cristo executara ao encarnar. Ainda neste primeiro episódio de sua vida terrena, acha-lhe uma *fineza*, precisamente o “colocar-se aos pés dos homens”, isto é, tendo tomado a natureza humana, não foi senhor, mas escravo¹⁰⁷:

¹⁰⁶ S. M. 1650 – IX, § 364, p. 359, volume IX.

¹⁰⁷ Embora o padre Vieira não seja místico, muitas vezes seus raciocínios encontram-se expressos por São Bernardo. Segundo Gilson, para São Bernardo Deus se instruiu através da Encarnação de Cristo: “En tant que Dieu, le verbe savait éternellement notre misère; il la savait mieux que nous: parfaitement; mais ne la savait pas comme nous parce qu’il ne l’avait pas expérimentée, et il ne pouvait l’expérimenter qu’en se faisant homme: *sciebat quidem per naturam, non autem sciebat per experientiam*. C’est pourquoi ce Dieu impassible s’est abaissé jusqu’à souffrir; revêtant la forme de l’homme asservi, il a éprouvé la misère et la sujétion, pour éprouver la miséricorde et l’obéissance: l’obéissance dans la soumission, la misère humaine dans sa passion. Expérience dont il n’avait certes pas besoin pour enrichir sa science – il savait tout – mais pour éprouver selon le mode humain cette souffrance dont il avait une connaissance tout divine.” op. cit. p. 100.

É interessante notar também o tipo de conhecimento divino, objeto de análise desta tópica no capítulo anterior, a ciência divina. Para São Bernardo, embora ela seja completa, perfeita, manifesta-se inclusive na experiência da encarnação, assunto do próximo capítulo.

“A mayor **fineza** que fizestes pelos homens na vossa encarnação, não foy fazervos homem como nós, mas tomar a natureza humana no mais baixo grao da sua fortuna, que he a de escravo: *Cum in forma Dei effet, formã ferui accipiens*.”¹⁰⁸

É, porém, na igualdade de tratamento entre justos e injustos que reside toda a *fineza* desta parte do discurso:

“Bem vejo que esta igualdade, que tanto admirais, & encareceis entre extremos tam desiguaes, não he para arguir injustiça no amor de Christo, mas para mais apurar a sua **fineza**.”¹⁰⁹

Precisamente nesta ocorrência que acabamos de observar vemos a tópica adquirir um novo sentido: a *fineza* do amor aparece, ela mesma, como finalidade última do amor de Cristo. É útil lembrar que a *fineza* caracteriza-se sobretudo pelo caráter desinteressado daquele que ama. Neste caso, há uma especificação quase tautológica deste desinteresse, como se o objetivo último do desinteresse amoroso fosse justamente mostrar seu próprio desinteresse. Em outras palavras, há uma “distensão” do sentido da máxima de São Bernardo que define o amor fino: *amo quia amo et amo ut amem*¹¹⁰.

Este grupo de seis ocorrências que aparecem juntas reforça o sentido da oposição (correspondência X falta de correspondência) encontrado,

¹⁰⁸ S. M. 1650 – IX, § 367, p. 360, volume IX.

¹⁰⁹ S. M. 1650 – IX, § 368, p. 361, volume IX.

¹¹⁰ O interessante a ser notado neste caso não é a fineza do amor propriamente dita (lavar os pés a Judas), mas o fato de ser este o meio que Cristo encontra para mostrar o desinteresse do seu amor. Neste trecho, temos novamente a citação de São Bernardo sobre o amor fino, que é exatamente o elo entre o amor desinteressado de Cristo e a maior fineza ponderada por Vieira neste sermão, que será deixar o mandamento do amor. Cabe ser lembrado também o comentário de Pécora sobre as apropriações que Vieira faz do vocabulário e das idéias místicas para anunciar a união com o divino. "O que interessa a Antonio Vieira ressaltar não é tanto o longo processo de uma dolorosa busca ascética, basicamente silenciosa e intramuros, além de exclusivamente individual, quanto o resultado disso, a união já adquirida, ou prestes a sê-lo, que, assim, afirma sobretudo uma forma de aliança e instituição de que participam os homens e Deus, à qual caberia a prescrição de normas de conduta e ação favoráveis à sua plena consumação." (*Teatro do Sacramento*, p. 87)

respectivamente, no amor de Pedro, João ou dos demais discípulos; e no de Judas, situação ideal para a manifesta *fineza* já que, neste caso, não havia correspondência. Desta forma, o amor de Cristo por João ou Pedro não podia ser fino porque ali existia uma correspondência; em Judas, ao contrário, havia todas as circunstâncias necessárias à *fineza*.

Observemo-lo nos seguintes empregos:

“Segue-se que Christo paga a Pedro amor com amor, que he o que se chama correspondencia; porém a Judas pagalhe odio com amor, em que propriamente consiste a **fineza**.”¹¹¹

“A mesma razão que depois teve no Calvario , teve agora no Cenaculo : & qual foy? A **fineza** de seu amor.”¹¹²

“E quando apenas ha qué morra pelo justo, Christo para mostrar a **fineza** de seu amor morreo por justos, & por injustos.”¹¹³

“Parece que não quer o Discipulo amado que seja fino para outrem o amor de seu amante ; mas ouçame agora (que folgo de fallar com quem me entende) lhe direy o maior louvor do seu amor, & a mayor **fineza** do de Christo.”¹¹⁴

“O amor de Christo para com Joaõ não podia ser fino ; porq era tam alta a correspondencia do amado , que se lhe não engrossava as **finezas**, impedia que o foffem.”¹¹⁵

Antes de concluir, utiliza-se Vieira do recurso *exemplum*. Retirado do livro II de Samuel, 1, mais uma vez entram Davi, Saul e Jônatas no palco de Vieira. A situação ponderada é a morte de Saul e Jônatas, seu filho, no campo de batalhas. Embora pai e filho fossem israelitas e lutassem pela causa de Davi, Jônatas sempre

¹¹¹ S. M. 1650 – IX, § 368, p. 362, volume IX.

¹¹² S. M. 1650 – IX, § 368, p. 362, volume IX.

¹¹³ S. M. 1650 – IX, § 368, p. 362, volume IX.

¹¹⁴ S. M. 1650 – IX, § 369, p. 363, volume IX.

¹¹⁵ S. M. 1650 – IX, § 369, p. 363, volume IX.

o defendera das armadilhas de Saul que, por ser mais velho, achava-se mais apto a ser rei de Israel. Saul, pois, era “inimigo” de Davi. Devido ao valor heróico de Saul (que neste caso não representa Judas) e à competitividade entre os dois, Davi o pranteia. Agora não é mais a ingratidão o móvel da *fineza*, mas a oposição entre os dois heróis que gera as *finezas* por parte de Davi. Ei-lo:

“A amabilidade de Jonathas confiltia no amor , nos affectos, nas faudades, nas lagrimas, que levavaõ apos fy o coração , & a correspondencia do amor de David: & a amabilidade de Saul confiltia no odio, na ingratidaõ , na enveja, nas perseguiçoens tantas, & tam obstinadas , cõ que por fy mefmo, & pelos feus lhe desejava beber o fangue, & tirar a vida: & estas lhe provocavaõ as **finezas** do amor forte, & heroico , cõ que tantas vezes tendo-o debaixo da lança lhe perdoou a morte.”¹¹⁶

Ainda relativamente ao lavatório, há a “distenção” do tema. Chamamos de distenção o que Gracián chama de “agudeza por exageración”¹¹⁷. Neste tipo de agudeza sobressai o encarecimento do ato baseado na suposição. Para Gracián, esta *agudeza* não implica necessariamente a verdade, mas a hipótese do que poderia ter acontecido. A ponderação recai ainda sobre Cristo lavando os pés de Judas:

“Acabemos com o mais fino de todas as **finezas** deste acto , comprehendendo desde o principio até o fim delle todos os Discipulos, & todo o lavatorio.”¹¹⁸

¹¹⁶ S. M. 1650 – IX, § 369, p. 363, volume IX.

¹¹⁷ “Poco es ya discurrir lo possible, si no se transciende a lo impossible. Las demás agudezas dicen lo que es, ésta lo que pudiera ser; ni se contenta con eso, sino que se arroja a lo repugnante. (...) Consiste su artificio en un encarecimiento ingenioso, debido a la ocasión, que en las extraordinarias ha de ser el pensar y el decir extraordinario. (...) No escrupulea en la verdad este género de sutileza, déjase llevar de la ponderación y atiende sólo a encarecer la grandeza del objecto, o en panegiri o en satira.” op. cit., tomo I, “Discurso XIX: de la agudeza por exageración”; p. 197.

¹¹⁸ S.M. 1650 – X, § 371, p. 364, volume IX.

“A **fineza** tanto mayor quanto mais sentida de Christo nesta ultima
Scena do seu amor, foy, que começou lavando, & acabou sem
lavar.”¹¹⁹

Como o domínio desta tópica é muito abrangente, ainda explorando esta *fineza* que tem sua imagem mais eficaz ligada à “justiça” do lavatório dos pés de Judas, aparece outro aspecto da tópica já bastante explorado para encarecê-la: a ciência com que Cristo perdia o trabalho de suas mãos nos pés daquele discípulo é fator para maior engrandecimento. Na segunda ocorrência deste “entrecruzamento” de *finezas* isto fica mais explícito porque é enunciado pela fórmula “*fineza sobre fineza*”.

“Desgraça grande, se o Senhor não foubra o que havia de fer; mas
sabendo, como advertio o Evangelista; por isso a mayor
fineza.”¹²⁰

“E como o Senhor sabia o mau grado que havia de colher deste seu
cuidado, & diligencia ; que quando a devesse mandar cortar , &
lançar no fogo, a regasse tam amorosamente como as demais, &
perdesse o trabalho de suas mãos, & tambem o regadio mais alto
das suas lagrimas, esta foy a **fineza** sobre **fineza** do lavatorio dos
pés.”¹²¹

Vieira, no entanto, não acabou seu discurso. Depois de encarecidas e refutadas as opiniões dos três santos (Santo Agostinho, que teve para si que a maior *fineza* foi o “morrer pelos homens”, superada pela ausência; São Tomás, que disse ser a Eucaristia a maior *fineza*, superada pela privação da vista no mesmo Sacramento; e São João Crisóstomo, que opinou ser o lavatório a mais fina das

¹¹⁹ S.M. 1650 – X, § 371, p. 364, volume IX.

¹²⁰ S.M. 1650 – X, § 371, p. 364, volume IX.

¹²¹ S.M. 1650 – X, § 372, p. 365, volume IX.

finezas, superada pelo fato de Cristo ter lavado também os pés de Judas), propõe Vieira aquela que ele julga ser a mais fina entre todas.

Observando o tema do sermão, enuncia que a *fineza* de Cristo em sua Paixão reside no “*alter alterius*” da proposição, isto é, no “uns aos outros”. Desta forma, cobra Cristo as *finezas* que executara pelos homens, mas não em torno de Cristo, mas dos próprios cristãos. Pelas palavras do próprio padre:

“Digo que a mayor **fineza** de Chrifto hoje, foy querer que o amor, com que nos amou, foffe divida de nos amarmos: *Et vos debetis alter alterius lavare pedes.*”¹²²

E para melhor encarecê-lo, coloca-o Vieira em primeira pessoa, na boca do próprio Cristo:

“Amey-vos eu, cheguey a fervirvos eu (diz Chrifto) pois quero que me pagueis effa **fineza**, & effa divida em vos amardes,& em vos servirdes huns aos outros.”¹²³

Há que se observar que este preceito que prega que os cristãos amem-se uns aos outros é razão para a união do corpo místico da Igreja. A diferença entre o amor do Velho Testamento e este pregado por Cristo é que os homens devem se amar “como eu (Cristo) vos tenho amado”, ou seja, o amor do cristão por outro cristão deve imitar o amor do próprio Cristo pelos homens. A partir daqui, estamos já na *peroratio* do discurso e encontraremos sobretudo encarecimentos:

“Digame agora a terra,& o Ceo, digaõme os homens, & os anjos, fe houve, ou póde haver, nẽ amor mayor q este amor, nem **fineza** que iguale esta **fineza**? Por illõ eu me empenhehey a dizer , que dando a todas as outras **finezas** de Chrifto hoje outra mayor ,

¹²² S.M. 1650 – XI, § 373, p. 365, volume IX.

¹²³ S.M. 1650 – XI, § 373, p. 366, volume IX.

como fiz,à ultima que eu finalasse, ninguem me havia de dar outra igual.”¹²⁴

Outra especialidade é digna de nota nesta última *fineza*: para todas as outras houve *exempla* os mais diversos que as ilustrassem. Para esta, no entanto, não há amor capaz de igualá-lo ou exemplificá-lo:

“Para as outras **finezas** tam celebradas por seus autores , & tam encarecidas por seus extremos,tivemos Madalenas, Absaloens, & Davides que nos dessem exemplos ; para esta nem dentro,nem fóra da Escritura se achará algum que se pareça com ella, quanto mais que a iguale.”¹²⁵

“Se Rachel dissesse a Jacob, que o amor, que lhe devia, o pagasse a Lia : se Jonathas dissesse a David, que o amor, que lhe devia, o pagasse a Saul: se o mesmo S. João dissesse a Christo , que o amor, com que o amava, o pagasse a Pedro; então teriaõ aquelles affectos humanos algũa apparencia , com que podessem arremedar esta **fineza** de Christo : mas nem o amor dos irmãos, nem o dos pays, nem o dos esposos , nem o dos amigos, que se não funda em carne, & sangue , ainda fingidos, & imaginados se poderão nunca medir, quanto mais igualar o q tem as raizes no immenso, & o tronco no infinito.”¹²⁶

Mais uma vez, exerce o padre sua última obrigação exegetica, que é cobrar dos fiéis correção nas obras defendidas no sermão:

“Mas demos tres passos atrás, & ponhamos esta **fineza** à vista das outras tres, que tanto adelgacemos.”¹²⁷

“E todas estas **finezas** tam grandes quem as deve, & a quem se haõ de pagar?”¹²⁸

“E este amor que a ingratidaõ inventou para o mayor torcedor do coração humano , foy tal a **fineza** do amor de Christo, que nolo deixou em preceito.”¹²⁹

¹²⁴ S.M. 1650 – XI, § 375, p. 367, volume IX.

¹²⁵ S.M. 1650 – XI, § 375, p. 367, volume IX.

¹²⁶ S.M. 1650 – XI, § 375, p. 368, volume IX.

¹²⁷ S.M. 1650 – XI, § 375, p. 368, volume IX.

¹²⁸ S.M. 1650 – XI, § 375, p. 368, volume IX.

¹²⁹ S.M.1650 – XII, § 378, p. 370, volume IX.

Mais: No amor dos homens, em que o ciúme se reputa por **fineza**, hum amor leva sempre por condição dous aborrecimentos; porque quando amaõ, he com condição que nã vós haveis de amar a outrem, nem outrem vos ha de amar a vós.”¹³⁰

Resta-nos ainda um breve comentário sobre o amor dos homens, para explorarmos o quarto *Sermão do Mandato*, pregado na Misericórdia de Lisboa, pela manhã, no ano de 1655. É necessário que notemos que o amor aos próprios homens, condenado por Vieira em outras partes destes sermões, por afastar o cristão do Criador, é deslocado para o núcleo amoroso de Jesus, ou seja, desde que os homens se amem a si como o próprio Cristo os amou, ele não é nocivo, pelo contrário, é exigência da nova lei do amor estabelecida por Cristo, antes de voltar para sua esfera celeste. Este mandamento ou *mandato* é a chave interpretativa de todo este núcleo de “sermões do Mandato”. Ainda, o mandamento novo de Cristo representa a união do corpo místico da Igreja, isto é, de todos os cristãos. Neste sentido, este mandato é, também, um princípio político de união dos cristãos.

Assim, a *fineza* exaltada pelo padre Vieira supera todas as demais. Apenas para retomar a hierarquia das *finezas* tal como estabelecida neste sermão, tivemos a opinião de três Santos Padres, contrapostas (e superadas) cada uma pela opinião de Vieira, retirada, inclusive, da mesma circunstância exaltada pelo Santo em questão. O primeiro foi Santo Agostinho, para quem a maior *fineza* de Cristo foi morrer pelos homens, logo superada pela *fineza* de “ausentar-se dos homens”; Santo Tomás, para quem a maior *fineza* teria sido “deixar-se com os homens no

¹³⁰ S.M.1650 – XII, § 378, p. 370, volume IX.

Sacramento”, é superado pelo fato de Cristo ter-se deixado “encoberto” no mesmo Sacramento (é interessante notar que o “deixar-se no Sacramento” supera, inclusive, a *fineza correlata maior* exaltada por Vieira no caso de Santo Agostinho); São João Crisóstomo, que disse que a maior *fineza* foi Cristo ter lavado os pés dos discípulos, foi superado pelo fato de Cristo ter lavado os pés de Judas, o traidor, também. Finalmente, a opinião de Vieira, que não tem contraposição maior que a supere e que, por outro lado, supera todas as demais, é de que o mandamento novo “amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado” é a maior *fineza* de Cristo.

E prosseguindo nesta instituição do amor cristão, que troca a correspondência amorosa entre os homens pelo amor que devíamos ao próprio Cristo, Vieira desdobra em dois este amor, para que não reste dúvida sobre sua *fineza*: cada um deve amar a todos e todos a cada um. Ei-lo:

“Pelo contrario o amor de Christo leva por obrigação dous amores; porque nos ama com preceito de que cada hum de nós ame a todos, & de que todos amẽ a cada hum de nós. E porque tal **fineza** de amor fê naõ vio nunca no mundo, por isso o preceito deste amor fê chama mandamẽto novo: *Mandatum novum do vobis*.”¹³¹

¹³¹ S.M.1650 – XII, § 378, p. 370, volume IX.

IV – *in finem dilexit eos*¹³²

Neste capítulo será discutida a tópica *fineza do amor* segundo os cinco empregos encontrados no “Sermão do Mandato” de 1655, manhã¹³³. Há um outro sermão do Mandato pregado neste mesmo ano de 1655, identificado pelo epíteto tarde. O fato de não aparecer nenhuma ocorrência de *fineza do amor* no “Sermão do Mandato 1655, tarde” (motivo pelo qual este sermão não figura neste *corpus*) é muito sugestivo já que faz Vieira uma comparação entre Deus e Cristo. Entre as duas figuras divinas, Vieira não vê necessidade em aplicar a tópica da *fineza*, que é sempre emulativa.

¹³² “Amou-os ao extremo”.

¹³³ Na ocasião da pregação deste sermão está o Padre Vieira na corte, embora passe praticamente uma década (de 1652 a 1661) ocupado com sua atividade missionária no Nordeste do Brasil, radicado no Colégio do Maranhão, mas percorrendo-a toda convertendo índios e defendendo-os dos colonos. É este, inclusive, o motivo que o traz a corte: conseguir a proibição régia da exploração da mão-de-obra indígena. É também este o motivo de sua expulsão do Maranhão pelos colonos portugueses, em 1661. Voltando a Lisboa, o Padre Vieira encontra acesa a discórdia entre D. Afonso VI e D. Luísa, então rainha regente, sobre quem governaria Portugal. Vieira toma o partido da Rainha, sendo desterrado para o Porto, para Coimbra e, em seguida, processado pelo Santo Ofício, processo que já contava com mais de cem acusações, inclusive a de, influenciado pelas profecias do sapateiro Bandarra, pregar que Portugal seria o V Império e que D. João IV ressuscitaria. De outubro de 1665 a dezembro de 1667 fica o orador detido nos cárceres da Santa Inquisição em Coimbra. O padre só voltaria a pregar em Lisboa no dia de Reis de 1669, por ocasião do nascimento da princesa Isabel (de malogrado fim), filha de D. Pedro. Mesmo tendo se empenhado sobremaneira em conseguir do atual soberano sentimento igual ao que nutria D. João IV por ele, suas tentativas são malogradas e Vieira decide exilar-se em Roma no final de 1669, onde o encontraremos a pregar o próximo “Sermão do Mandato (1670)”. As informações foram resumidas da *História da Literatura Portuguesa (Ilustrada)*. Fascículo XXXI, 7ª do vol. III, publicada em 1928 pela Academia das Ciências de Lisboa, sob a direção de Alino Forjaz de Sampaio, pp. 193-198.

Neste sermão, Vieira detém-se sobretudo em discutir se Cristo foi mais fino ao encarnar ou ao sofrer pelos homens. A encarnação de Cristo e, portanto, sua natureza humana, é tratada de forma muito especial pelo Padre Vieira. Para os cristãos, a encarnação de Cristo é o que possibilita o restabelecimento das relações entre os homens e Deus, o que só é plenamente alcançado na Paixão. Aliás, neste sermão em que competem os dias da Encarnação e da Paixão, aparece a questão celeberrima entre os teólogos que é discutir se Cristo encarnaria se os homens não tivessem pecado. Scoto prega que sim; São Tomás, que não. Vieira concilia as duas opiniões, argumentando que provavelmente encarnaria o Cristo, mas impassível, somente pelo gosto de estar entre os humanos. É neste sermão também que surgem as considerações sobre como medir o que é, em essência, eterno e, portanto, sempre igual a si mesmo, como o amor de Cristo¹³⁴.

É em torno deste tipo de questionamento que se desenvolve a presente peça oratória. Seu assunto principal pode ser resumido reduzindo-se os dois momentos considerados, Encarnação¹³⁵ e Paixão de Cristo, a duas ações cada um. No

¹³⁴ A consideração acerca de como medir o que é infinito, perfeito e imutável, no caso o amor de Cristo, é tratada logo na *dispositio* do sermão anterior (1650), ao apresentar o texto bíblico e traduzi-lo aos fiéis: "O amor pode-se considerar ou por dentro, quanto aos afetos, ou por fora, quanto aos efeitos; e o amor de Cristo quanto aos afetos de dentro tão intenso foi no princípio como no fim: mas quanto aos efeitos de fora muito mais excessivo foi no fim que em todo o tempo de vida." (S.M.1650 - I). Esta preocupação reside, para nós, no bom entendimento que os jesuítas, como propagadores por excelência da fé católica, tanto buscavam para conciliar a palavra divina com o conhecimento daqueles que o ouviam, aspecto este fundamental para a perfeita exegese.

¹³⁵ São Bernardo, ao formular sua teologia da *unio mystica*, através da qual o homem é raptado e elevado a unir-se misticamente a Deus, reserva aos sofrimentos padecidos por Jesus, pelos homens, um lugar de destaque, o de primeiro degrau da ascense mística; pois, ao seguir a vida de humildade do próprio Cristo, o homem recupera sua semelhança com Deus. Num segundo degrau está o Espírito Santo, que mostra ao homem a caridade, preparando seu coração para que seja 'raptado aos céus' por Deus no terceiro estágio. Gilson, em seu muito instrutivo *La Théologie mystique de Saint Bernard*, comenta assim o religamento do humano com o divino, possível a partir de Cristo: "Or, le

primeiro – Encarnação – os extremos considerados são: “sair do Pai e vir à Terra” e “fazer-se homem”, passos ponderados pelo Concílio Niceno; no segundo – a partida do Verbo encarnado – os extremos serão “lavar os pés aos homens” e “deixar-se no Sacramento”. A categoria mais relevante entre os diversos significados que a tópica assume, neste caso, é a da união Sacramental, mais especificamente o próprio Sacramento. Como já dissemos, o amor de Cristo, sempre perfeito e imutável, é considerado por Vieira segundo seus efeitos, que são “as demonstrações dos afetos”.

Já no primeiro emprego da tópica, temos um exemplo recorrente da natureza assumida por Cristo na encarnação, ressaltando-se sobretudo o caráter humilde que Cristo assumia no ato do Lavatório dos Pés, pondo-se aos pés dos homens, como servo. Esta condição é distendida ao extremo, como na passagem abaixo:

“A natureza a todos os homens fez iguaes; a fortuna he a que fez os altos, os baixos, & os baixíffimos quaes fão os servos. E esta foy a **fineza** do amor de Christo hoje fobre a do dia , & obra da Encarnaçam.”¹³⁶

É de se notar que, assim como um emprego semelhante a este de Cristo posto aos pés dos homens como servo já aparecera anteriormente, os demais empregos não nos parecerão estranhos, absolutamente.

A próxima ocorrência, por exemplo, repete o já visto. Remete-se Vieira justamente ao motivo da Encarnação, acima ponderado, por meio de uma metáfora.

Christ est le Fils de Dieu, la seconde personne de la Trinité, celle par laquelle cette Trinité nous est le moins inaccessible, puisqu'elle s'est incarnée pour nous ménager un accès vers les insondables profondeurs d'un Dieu Qui nous resterait sans cela totalement caché." In: GILSON, Etienne. *La Théologie mystique de Saint Bernard*, Librairie Philosophique J. Vrin, Paris, 1986, p. 121.

¹³⁶ S.M. 1655 – manhã – IV, § 349, p. 330, volume IV.

Alegando que o motivo mais profundo de ter Cristo encarnado fora estar com os homens, não necessariamente padecer por eles, Vieira compara a situação à visita de um amigo; se no caminho descobre-se que o amigo está enfermo, visitamo-lo como amigo e como enfermo, como o visitaríamos por amigo mesmo se não estivesse doente. O motivo mais profundo, então, para Cristo tomar a natureza humana seria estar com os próprios homens:

“Este foy o motivo mais affectuoso, este o affecto mais fino, esta a **fineza** mais subida de ponto , com que o amor divino no dia da Encarnação , & logo em seu principio, mostrou o fim, cõ que trouxera a Deos à terra.”¹³⁷

Tendo já citado Jo VI, 57 (*qui manducat meam carnem, in me manet, et ego in illo*) e Santo Agostinho (*si manet, manetur*), Vieira usa uma “exageração”¹³⁸, com o sentido de aproximar os homens de Cristo neste ato de união sacramental. Segundo Pécora, “a natureza profunda dessa união, aliás, seria análoga à intradivina, o que radicalizaria, à maneira bem própria de Vieira, a homogeneidade virtual entre o humano e o divino sustentada pela vontade afirmativa da origem. Claro, Vieira não o afirma de modo a recusar a formulação ortodoxa: a analogia, como a homogeneidade virtual, refere-se a uma semelhança de proporção e não a uma identidade¹³⁹.” É com este sentido, pois, que aparece a formulação *fineza* sobre *fineza* já vista no sermão de 1650, mas agora referida ao Sacramento:

¹³⁷ S.M. 1655 – manhã – VII, § 362, p. 341, volume IV.

¹³⁸ cf. nota 117, cap. III.

¹³⁹ “A coincidência entre o humano e o divino é pensada, ortodoxamente, como *per modum participationis*, isto é, refere-se à relação de um *ente (ens)* com o ato puro de Ser (*esse*) que o causa. Desse modo, coincidir, ser análogo, participar, é sempre o mesmo que “ser causado”, e nunca igual a “tomar parte” (*partem capere*).” nota do autor; *Teatro do Sacramento*, p. 79.

“Mas ainda neste estar sobre estar temos outra **fineza** sobre **fineza**. Porque não l'õ quiz o amor de hoje, que Christo estivesse com nosco, & estivesse em nós, senão que nós também estivéssomos nelle.”¹⁴⁰

Mais uma vez, encarecendo, distendendo o próprio Sacramento, Vieira retorce a *fineza*¹⁴¹ sobre a Encarnação, que ganha o *status* de origem de tudo e, portanto, mais importante por ser condição *sine qua non*:

“Só me pòdem oppor, & dizer os Doutos, que todas as ventagens, ou **finezas**, em que o amor de hoje parece vencer o amor da Encarnação, se haõ de referir à mesma Encarnação, & ao amor daquelle dia; porque a mesma Encarnação foy o principio, & fundamento de todas, pois se Christo nam encarnàra tãbem se não podèra conflagrar, nem deixar no Sacramento.”¹⁴²

Como no “Intróito” ficou dito, este sermão não acrescenta grande mudança à tópica. Não é isto, porém, o que ocorre no “Sermão do Mandato (1670)”.

¹⁴⁰ S.M. 1655 – manhã – VII, § 364, p. 343, volume IV.

¹⁴¹ “Puede haber retorsion de retorsion, quando revolve el que objectó primero y rebate la respuesta con otra sutileza, perseverando en el vencimiento, que es gran prueba de prontitud y esfuerzo de ingenio.” GRACIÁN, B. *Agudeza y Arte de Ingenio*, tomo I, p. 194.

¹⁴² S.M. 1655 – manhã – VII, § 376, p. 353, volume IV.

V – *Fortis est ut mors dilectio*¹⁴³

No Sermão do Mandato (1670)¹⁴⁴, Vieira considera exclusivamente o amor de Cristo ao ausentar-se dos homens, dizendo ser este seu maior extremo. Seus contra-argumentos de dificuldade serão, primeiramente, o amor, que não reconhece como amor o “apartar-se”; em segundo lugar, o Sacramento, porque Cristo “se deixa com homens” na Eucaristia; e em terceiro, a morte, quando Cristo sofre os maiores tormentos por amor dos homens na Cruz.

Na apresentação do tema, retirado, como os demais, do capítulo treze do evangelho de São João, Vieira chama a este "Secretário do peito de Cristo". Quais os motivos relativos à eleição deste apóstolo em relação à questão da *fineza*? As ocorrências são bem variadas; vão desde a reciprocidade do amor de Cristo, cobrada pela Eucaristia, tendo como figura da reciprocidade as palavras de Cristo quando filia o evangelista à Nossa Senhora, na Cruz, até a predileção demonstrada

¹⁴³ “[Põe-me como selo sobre teu coração, / como um selo sobre o teu braço, / porque] o amor é forte como a morte.” (Cântico dos Cânticos 8, 6)

¹⁴⁴ No capítulo passado, deixamos o padre Vieira em Roma, a pregar no Vaticano, tendo sido insistentemente convidado por Cristina da Suécia a tornar-se seu pregador; convite feito também pelo próprio Papa e negado ambas as vezes. Malquistado pelo rei português, depois de preso e processado pelo Santo Ofício, exila-se voluntariamente em Roma, com o objetivo de, inclusive, defender a canonização de alguns santos jesuítas. É provavelmente nesta ocasião que serão pregados os sermões estudados no capítulo VII, “Sermões da Glorificação de São Francisco Xavier”. Ficou em Roma de novembro de 1669 a junho de 1675. Findo este período, retorna à pátria, onde não consegue a antiga influência sobre os negócios do Estado português a que tanto aspirava. Seis anos depois, embarca, pela última vez, para o Brasil, onde viveu mais dezesseis anos não menos tumultuados que o foram na Europa, vindo a falecer em 1697. Nestes últimos anos, ocupava-se Vieira de organizar e publicar seus sermões, trabalho concluído por seu primeiro biógrafo, André de Barros.

No sermão que ora analisamos, embora não haja nenhuma marca formal que diretamente o aponte como peça biográfica, o que, aliás, nem condiziria com o decoro de um sermão, muitas vezes chegamos a pensar que, ao defender que a maior fineza de Cristo fora se ausentar daqueles que amava, figuradamente o padre Vieira falava de si próprio. Se esta, porém, não era sua intenção, não por este motivo a comparação se torna vã.

por Cristo ao revelar somente a ele, no lavatório dos pés, o fato de que um dos apóstolos tinha intenção de delatá-lo.

Dentro da variação destas ocorrências podemos perceber o amor de Cristo por João como modelo de amor constante e, mais especificamente, como o amor que descreve exemplarmente a despedida do mesmo Cristo quando se ausenta dos homens. Também aparece contemplada, no amor de Cristo pelo evangelista, a instituição do Sacramento que, como temo-nos empenhado em mostrar, demonstra um efeito particular de maravilha para os cristãos, unidos que ficam a Cristo ao comungá-lo.

Deste ponto de vista, Vieira opera em conformidade com a tradição exegética, na qual o evangelho de São João é tratado como aquele em que mais evidente fica a união contraída com Deus, assim como também a união dos católicos entre si, na comunhão¹⁴⁵. Este amor é descrito como ágape: "O que ainda caracteriza a ágape é que ela não é binária como o eros, isto é, uma relação somente entre dois entes humanos, relação que facilmente se tona exclusivista e provoca ciúme; mas ela é necessariamente trinária e, por isso mesmo, aberta para os outros e basicamente para todos. Quem ama a Deus deve também amar o irmão (1 Jo 4, 19s), e quem ama o irmão em ágape, ama, ao mesmo tempo, também a Deus (1 Jo

¹⁴⁵ Trata-se da visão dos teólogos estudiosos do texto bíblico original, cujos artigos sobre os termos utilizados e suas acepções particulares encontram-se compilados no: *Dicionário de teologia Bíblica*, de Johannes B.Bauer. Neste caso, o verbete é "amor".

4, 11s) [...] Na medida em que participamos deste amor intratrinário, nós nos tornamos "um", somos aperfeiçoados na unidade (ver 1 Jo 1,3)."¹⁴⁶

Tal especificidade de São João, adequada ao tema ao dia, é explorada por Vieira nos “Sermões do Mandato”, cujos temas são retirados do capítulo 13 do Evangelho de São João. Neste sermão, trata-se de defender que a maior fineza do amor de Cristo foi obra quando ele se ausentou dos homens. Ei-lo:

“Mas que diga o Evangelista constantemente, que não he defamor , fenaõ amor: & que quando Christo se ausenta de nós, entaõ obrou a mayor **fineza**, entaõ subio ao mayor extremo, entaõ chegou ao vltimo fim, aonde podia chegar amando: *Cùm dilexiffet fuos, in finem dilexit eos?*”¹⁴⁷

Tendo já explicitado a direção geral de seus argumentos, Vieira apresentará, muito didaticamente, seus contra-argumentos, explorados nas partes do sermão. Serão três: o amor, onde se argumenta que se ausentar não pode ser prova de amor; o Sacramento, em que Cristo se deixa com os homens; a morte, que parece ser a maior prova de amor por parte do mesmo Cristo. Nas palavras do padre:

“O amor diz, que não póde fer amor o apartarfe Christo de nós: o Sacramento diz, que o deyxarfe com noço foy a maior **fineza**: a Morte diz, que o morrer por nós foy o mayor extremo de todos.”¹⁴⁸

Duas coisas são notáveis na passagem acima. A primeira é que, mais uma vez, tendo já sido apresentados os contra-argumentos em outros sermões, os mesmos adquirirão outra dimensão neste discurso; a segunda é sobre a organização da peça oratória, que se encaixa perfeitamente no que descreve

¹⁴⁶ BAUER, Johannes B. *Dicionário de teologia Bíblica*, São Paulo, edições Loyola, 1984, volume 1, p.57, artigo de V. Warnach.

¹⁴⁷ S.M. 1670 – I, p. 906, vol. I.

¹⁴⁸ S.M. 1670 – II, p. 907, vol. I.

Gracián como “Agudeza compuesta”. É a agudeza que consiste em encontrar contra-argumentos e encarecê-los, aumentando, assim, de quilate a conclusão. O exemplo descrito por Gracián, aliás, é bastante semelhante ao de Vieira, não só pela maneira pela qual o orador desempenha seu discurso, mas também pela matéria, que versa sobre a predileção do Cristo por João, o evangelista. Cumpre-nos acrescentar que este tipo de agudeza não impede, em absoluto, que haja “retorções” ou “encarecimentos”, como os houve nos sermões anteriores.

Gracián descreve que o orador superou três dificuldades¹⁴⁹ que ele próprio havia instaurado em seu discurso. A primeira era que o amor de João não parecia ser tão perfeito, pois se exprimia por um verbo no imperfeito, *diligebat*. A segunda dificuldade foi que, embora João aceitasse a filiação à Virgem Maria, em substituição ao Filho que morria, não se conhece a resposta desta; e a terceira, finalmente, era que não se achava, nas palavras de Cristo ou sua mãe, encarecimentos a respeito do evangelista, mas sobejavam em se tratando do

¹⁴⁹ A introdução do trecho que descreve as três dificuldades encontradas pelo orador citado por Gracián é: “En tan adelantada competencia presentó un riquísimo joyel de desempeño: sea un águila real, coronada de tres rayos sutilísimos, que cuando más parece que la amenazan con sus dificultades, la coronan victoriosa con sus desempeños. Fue un discurso de un gran predicador, consagrado el águila del Empíreo, con tres valientes dudas sobre sus tres blasones, sus tres mayores excelencias, en un apasionado, religioso auditorio. Amenazaba la primera al ser Benjamín de su Maestro, *quem diligit Jesus*, dificultando que no parece ser tan extremado el amor que le muestra Cristo, pues se exprime por un imperfecto, *diligebat*, que parece el Sumo Artífice en este retrato de su amor (si el amor copia y retrata) no puso la última mano, que no acabó de retocarle, no le perficionó del todo, cuando sobrescribió: *Diligebat Jesus*, en vez del *faciebat*. Amagó la segunda. al ser hijo de la Reina del Cielo y substituto del Hijo de Dios, ponderando que no estaba tan asentada esta prerrogativa como se desea y requiere, pues aunque aceptó Juan, como quien ganaba, *et ex illa hora accepit eam Discipulus in sua*. Pero no consta que María aceptase, como quien perdía en el truke. La tercera, tocaba en lo vivo, por lo odioso dela comparación, y más en teatro de tantas y tan apasionadas atenciones, que no se halla una sola alabanza jamás en la boca de Cristo ni de su Madre, del Evangelista, hallándose encarecimientos del Bautista, y aun entonces se dice: *caepit dicere ad Turbas de Joanne*, que no era aquello más que un comenzar. A estas tres dificultades correspondieron tres iguales desempeños”.

Batista. Compensa conferir a superação dos três pontos dificultosos, assim descrita por Gracián:

“El primero, al *dilige*bat, que no procedía de falta de amor, sino de exceso, porque nunca su divino amador puso tasa, puso término, ni coto al amor de Juan; añadía cada día y cada instante amor a amor, y siempre le parecía poco, como diciendo, más amor, aun no estaba bastante, más, y más, y cada día, de nuevo, *dilige*bat. Al misterioso silencio de su Madre Reina, satisfizo: que no sólo no fue disfavor, sino fineza, y que antes bien fuera agravio al aceptarle tan tarde por hijo, habiéndole reconocido por tal tanto antes, pues el mismo día que concibió al imenso Dios en sus virginales entrañas, concibió a Juan en el corazón, y que no fue impropiedad, sino misterio. el añadir el ángel al *concupies*, el *in utero*, y aun aquel *hic erit magnus*, fue alusión a otro hijo menor; echó el sello a este desempeño San Lucas, refiriendo el nacimiento de Cristo, con decir: *Peperit filium suum primogenitum*, que fue un tácito confesar que sería el segundo Benjamín Juan. Sobre todo, se desempeñó con ventajas de los grandes encomios del Bautista, ponderando que esta deferencia hubo entre el nacimiento de los dos Juanes con el soberano Monarca: que al Bautista le aventajó Cristo en palabras; era su voz: *Ego vos clamatis*; pero al Evangelista en obras: tomó a pechos el favorecerle, apechugó con él para levantarle a la mayor grandeza.”¹⁵⁰

Tendo já esclarecido o modo como este sermão se organiza, resta-nos, a exemplo dos demais, analisar, uma por uma, as ocorrências da tópica *fineza*.

Na segunda parte do sermão, cuja principal refutação é o amor, temos um *exemplum* retirado do “Cântico dos Cânticos”, narrado pelo rei Salomão. Para os teólogos e para o Padre Vieira, este livro bíblico, que é um poema idílico-dramático entre dois amantes (o Esposo e a Esposa), é metáfora dos “amores de Cristo com a Santa Madre Igreja”. Os três próximos trechos da tópica, que estão numa gradação, versarão sobre a última passagem do poema, que diz *Heu, fuge*¹⁵¹. A primeira ocorrência, pois, desta série gradativa, elucida sobre esta exclamação final

¹⁵⁰ GRACIÁN, B. *Agudeza y arte de ingenio*, “Discurso LII: Del primer género de agudeza compuesta”; tomo II, pp. 176-177.

¹⁵¹ “Foge, amado meu.” (Cântico dos Cânticos 8, 14)

em que a metáfora dos esposos refere a relação entre Cristo e a cristandade. O fim do livro coincide com o fim da vida de Cristo e, segundo a passagem, também com o fim do amor:

“Em quanto não chegou a este ponto, sempre a fabedoria de Salamaõ teue mays, & mays que escreuer dos extremos do amor de Christo , mas tanto que disse: *Heu fuge*: tanto que disse que se hauia Christo de deyxar o mundo, tanto que disse que se hauia de apartar dos homens por amor dos homens , Salamaõ suspendeo a pena : a Espoça quebrou a cithara : o amor rompeo o arco : & aqui deo fim á historia de suas **finezas** ; porque até-qui póde chegar o amor, & não pode passar daqui. Salamaõ acabou o liuro, & S. João poz o *Finis: In finem dilexit eos.*”¹⁵²

Ainda encarecendo sua “dificultação” que nesta parte é o amor, Vieira faz um retrospecto do começo do amor entre a Esposa e o Esposo, isto é, do começo do poema. É interessante notar a diferença traçada entre os “dois amores”; caracteriza-se o primeiro pela experimentação, pela procura; e seus determinantes são “principiante” e “proficiente”; do segundo, diz-se experiente, “consumado”, “perfeito”. Assim como há diferença no amor, há diferença também em seus efeitos:

“Nos principios do amor as **finezas** do Esposo eraõ buscar a Espoça por montes & valles: *Ecce iste venit faliens in montibus, transfiliens colles* : nos principios do amor as **finezas** da Espoça eraõ ter o Esposo sempre comlgo, & não se apartar hum momẽto delle: *Inueni, quem diligit anima mea, tenui eum, nec dimittam*: porẽm depoes que o amor principiante passou a amor perfeyto, depoes que o amor proficiente chegou a amor confumado ; já as presenças se trocã pelas ausencias, & todos os extremos do amor se reduzem: a que?”¹⁵³

¹⁵² S.M. 1670 – II, p. 914, vol. I.

¹⁵³ S.M. 1670 – II, p. 915, vol. I.

Assim, o efeito do amor consumado não é mais requerer a presença, mas invocar a ausência, contida naquele *Heu, fuge*. Neste sentido, a primeira impressão causada é que quando a Esposa diz ao Esposo que se afaste não age finamente. Aliás, este é um dos aspectos mais ressaltados da tópica nesta pesquisa: à primeira vista, a verdadeira *fineza* nunca parece ser fina. O Padre Vieira, no entanto, diz o contrário, contrapondo antiteticamente, pela primeira vez, amor X *fineza*, já que o amor prima pela presença e a *fineza*, pelo sacrifício da separação. Ei-lo:

“a hum Ay, & hum Ideuos: *Heu! Fuge*. O *Heu* significa a violencia; o *Fuge* a resolução: o *Heu* significa o affecto; o *Fuge* o sacrificio : o *Heu* significa o amor; o *Fuge* a **fineza**, & o extremo.”¹⁵⁴

A diferença existente entre o amor iniciante e o amor experimentado também é renomeada como a diferença entre o “amor unitivo” e o “amor forte”, referindo-se ainda ao “Cântico dos Cânticos”, mais especificamente à passagem que intitula este capítulo. Ao comparar o amor, que une, à morte, que separa, Vieira pondera que há o amor que une, e o amor que separa, de tão forte. O argumento principal é que o excesso provoca efeitos contrários; assim, a luz intensa não ajuda a ver, mas cega; a dor extrema emudece; e o amor forte não une, separa. É este o amor que move o Cristo e que obra as *finezas*.

Resolvida a questão do amor, lutam ainda o Sacramento, “com seu escudo” e “a morte com sua espada”. São as metáforas¹⁵⁵ usadas pelo padre para a

¹⁵⁴ S.M. 1670 – II, p. 915, vol. I.

¹⁵⁵ Segundo Tesouro, trata-se de uma “Argutezze de Simboli”, que tem ligação com a metáfora de atribuição, através da qual se atribui o valor de um instrumento ou outra circunstância conjunta ao que se predica metaforicamente. Em suas próprias palavras: “in oltre, da questa Figura prendon gratia que ‘Simboli che han per *Corpo, Spadi, e Scudi*, significanti la *Guerra*”. in:

encenação da disputa (que trazem em si a idéia de emulação – superação para imitação) e, ao mesmo tempo, a resposta para a questão presente na seguinte ocorrência:

“Hauerá ainda quem se opponha a este extremo de **fineza**? Hauerá ainda quem se opponha a este extremo de amor?”¹⁵⁶

Como já foi dito em outra parte, vemos constantemente a tópica assumir outros valores nos diferentes sermões (por vezes até no mesmo sermão) e, do mesmo modo, admitir soluções diferentes para a mesma questão. Consideramos também que o Sacramento e a morte são figuras retóricas das mais relevantes para nossa tópica. Seguindo, pois, o encaminhamento dado ao sermão, observaremos que estas figuras, ao contrário do que aconteceu no capítulo III (sobre o “Sermão do Mandato 1650”), terão não apenas uma solução diferente, mas sofrerão, inclusive, uma inversão relativamente aos valores a elas atribuídos. É neste sentido que a próxima ocorrência começa a argumentar contra o amor que Cristo deixou-se conosco no Sacramento.

“Allega por parte do Sacramento o Amor, & defende conftantemente que foy mayor **fineza** o deyxarnos; o ficar com nofco, que o apartarlê de nós.”¹⁵⁷

Como de costume, entra agora na encenação da contenda um *exemplum* bíblico, retirado do Livro de Rute, Antigo Testamento, capítulo 1. Conta o livro Sagrado que Noemi, casada com Elimelec, tinha dois filhos, que se casaram com Rute e Orfa. Já viúva Noemi, dez anos depois lhe morrem os dois filhos. Noemi,

TESAURO, Emanuele. *Il Canocchiale Aristotelico*. Berlim, Verlag Gehlen, Bad Homburg v.d.H., 1968 (versão facsimilar da edição de 1670), p. 614.

¹⁵⁶ S.M 1670 – IV, p. 916, vol. I.

¹⁵⁷ S.M 1670 – IV, p. 916, vol. I.

então, intenta voltar de Moab para sua terra natal, Belém, pedindo às noras que, por isso, fossem embora, voltassem também aos seus. Ocorreu que Orfa foi embora, porém Rute, tanto se enterneceu da amiga que ficava, que não se pode separar dela. Como diz o próprio Vieira, “em um caso temos os dois casos”: quem ama pouco se separa, mas quem muito ama, não se pode separar. Aplicando o caso a Cristo, temos um entrecruzamento, à maneira de quiasma, das duas amigas, pois Cristo se aparta dos homens mesmo amando-os muito. Resta-nos observá-lo na ocorrência:

“Que grosseiros são os affectos humanos para aualiar as **finezas** do amor Diuino! se Christo se apartara como Orpha, amando como Orpha, fora menor o seu amor; mas Christo apartou-se como Orpha, amando como Ruth. Amar muyto , & apartar-se, esta he a **fineza**.”¹⁵⁸

Assim, amando como Rute, mas apartando-se como Orfa, Cristo age com os homens. E neste agir contra a vontade, ou pelo menos contra aquilo que *per se* desejaria, consiste a *fineza*: fino não é aquele que age a favor da inclinação, do afeto, do amor, mas aquele que o supera. Neste sentido, as *finezas* obras por Cristo são ímpares, isto é, nunca poderão ser comparadas a nenhuma ação humana. Por outro lado, também, este aspecto de maravilha única colabora para que a *fineza*, à primeira vista, não pareça fina, ou ao contrário, como no próximo trecho, que o que não é fino pareça sê-lo. A ocorrência seguinte trata do Sacramento que, aqui, por ser considerado como inclinação da vontade de ficar com os homens, não é considerado fino. Ou ainda, usando uma distinção feita

¹⁵⁸ S.M 1670 – IV, p. 929, vol. I.

anteriormente, o amor agiu como unitivo, não como forte. A *fineza* diz respeito ao amor forte. Observemos o desejo de Cristo manter-se com os homens na passagem abaixo:

“Deyxarſe Chriſto com os homens no Sacramento, foy ſeguir o amor o ſeo affecto, & a ſua inclinação : foy ſatisfazer ao deſejo: *Deſiderio deſider aui hoc Paſcha manducare uobiſcum*: foy goſto, foy alliuiio, foy ſatisfação, foy deſcanço, foy commodidade, ſi; que **fineza** não. Obrou o amor , com amor , mas não obrou como fino.”¹⁵⁹

Eis que tão cedo chegamos a um ponto crucial deste discurso: agir finamente é agir contra a inclinação, é vencer até as leis da natureza. O padre Vieira utilizará este tipo de argumento para descrever a natureza única do amor de Cristo, que se mostra sempre agindo finamente, isto é, contra o esperado se considerarmos a natureza humana. Na próxima ocorrência, Vieira alia o desejo de Cristo de ficar com os homens às tendências descritas pela observação da natureza:

“Cahir a pedra para o centro, correr a fonte para o mar, voar o fogo, para ſua eſſera, he natureza, he inclinação, he deſcanço, não he **fineza**: & iſſo foy deyxarſe Chriſto cõ os homens no Sacramento.”¹⁶⁰

O Sacramento, pois, antes tão enaltecido, agora ganha outro *status* neste sermão; é a representação da inclinação da vontade, não *fineza*, papel delegado à ausência¹⁶¹:

“Deyxarſe Chriſto no mundo com os homens, foy buſcar o amor as ſuas delicias, & por iſſo não foy **fineza** : a **fineza** foy deyxar o mundo, & apartarſe dos homens: *Vt tranſeat ex hoc mundo*; porque foy violentar a inclinação, foy ſacrificar o goſto, foy

¹⁵⁹ S.M 1670 – IV, p. 930, vol. I.

¹⁶⁰ S.M 1670 – IV, p. 930, vol. I.

¹⁶¹ Note-se que ainda se mantém a diferença anteriormente explicitada entre morte e ausência. Cf.cap. III, p. 43 e ss.

martyrizar o defejo, foy vencer em fi, & contra fi a mayor repugnancia.”¹⁶²

Depois de rebaixado a “*não-fineza*”, há uma retorção relativa ao Sacramento, cujos efeitos, rigorosamente, são dois: “deixar-se com os homens”, mas, ao mesmo tempo, evidenciar que Cristo deles se apartara. Esta segunda parte é que provoca o efeito de maravilha que a *fineza* contém. Ou ainda, a divisão do Sacramento em dois efeitos tão contrários, que conciliam o “ausentar-se” e o “deixar-se” também deve ser inclusa no efeito maravilhoso, advindo do que é fino:

“Para Christo fe apartar de nós,& juntamente fe deyxar com nosco, diuidiofe Christo de fi mesmo. Grande **fineza**! Grãde marauilha!”¹⁶³

Em nenhum dos capítulos anteriores viu-se tão explicitamente o embricamento entre maravilha e *fineza* como nestas ocorrências que vêm sendo analisadas. Porém, ainda que o efeito geral seja atribuído ao Sacramento, é ao amor que leva Cristo do mundo a que é atribuída a ação de maravilha, justamente por contrariar aquilo que seria sua inclinação natural, deixando-se com os homens. Por outro lado, o Sacramento, sendo pão transubstanciado em Cristo, é memória e recopilação de sua ausência e, portanto, imagem mesma de *fineza*. Nesta ocorrência, temos de especial ainda a aparição da figura retórica da evidência¹⁶⁴.

¹⁶² S.M 1670 – IV, p. 931, vol. I.

¹⁶³ S.M 1670 – IV, p. 931, vol. I.

¹⁶⁴ “La *evidentia* es la descripción viva y detallada de un objeto mediante la enumeración de sus particularidades sensibles (reales o inventadas por la fantasía). (...) se trata de la descripción de un cuadro que, aunque movido en sus detalles, se halla contenido en el marco de una simultaneidad (más o menos relajable). La simultaneidad de los detalles, que es la que condiciona el carácter estático del objeto en su conjunto, es la vivencia de la simultaneidad de los detalles, que es del testigo ocular: el orador se compenetra a sí mismo y hace que se compenetre el público con la

Em outros lugares já ponderamos o valor dado aos olhos nos “Sermões do Mandato”, mas aqui, especialmente, temos uma ocorrência em que Vieira aponta para que a platéia veja o que ele mostra:

“Mas nesta prodigiosa diuisão o amor que fez a marauilha, & a **fineza**, não foy o amor, que deyxou a Christo no mundo, fenaõ o amor, que o leuou do mûdo: *Vt transeat ex hoc mundo*. Vede o com os olhos.”¹⁶⁵

Neste caso, o padre apontou para um “objeto” (*res*) que constitui ao mesmo tempo seu *exemplum*: Vieira põe diante dos olhos dos fiéis o rio Jordão, dividido de si mesmo, como aparece em Salmos 113, 5. Este capítulo é chamado “Milagre do Deus de Israel na saída do Egito” e narra os milagres divinos obrados por Deus quando do fim do cativeiro dos hebreus no Egito. Entre tais excepcionalidades estão a fuga do mar (“o mar o viu e fugiu”), montes que saltam como carneiros e o rio Jordão que se divide em duas partes: uma que segue seu curso, outra que volta para nascente¹⁶⁶. A partir deste milagre obrado na natureza, Vieira indaga qual das duas partes teria feito a maravilha.

“Dizeime agora. partido allí o Iordaõ, & diuidido de si mesmo, qual destas duas partes fez a marauilha? Qual destas duas partes obrou a **fineza**? A parte que correu para o mar, ou a que voltou para a fonte?”¹⁶⁷

Ainda respondendo à questão relativa ao rio Jordão, Vieira pondera que a maravilha foi obrada da parte que voltou para a nascente, porque isto foi violar a

situación del testigo presencial: (...) Quint 9, 20, 40: *ab aliis ὁποτιπῶσις dicitur proposita quaedam forma rerum ita expressa verbis, ut cerni potius videretur quam audiri.*” in: LAUSBERG, Heinrich. *Manual de Retórica Literaria (Fundamentos de una ciencia de la literatura)*; Editorial Gredos, Madrid, 1975, 3 tomos, tomo II, § 810, p. 225.

¹⁶⁵ S.M 1670 – IV, p. 931, vol. I.

¹⁶⁶ “[Que tiveste tu, ó mar, para fugir?] / E tu, Jordão, para retroceder?” (Salmos 113, 5).

¹⁶⁷ S.M 1670 – IV, p. 931, vol. I.

“inclinação natural”, isto é, o modo esperado de ação da natureza. Adelgacemos dois pontos desta passagem. Primeiro: a *fineza* está definida, principalmente, no que é contra a tendência natural; segundo: este “natural” é, literalmente, relativo à natureza, neste sermão. Notemo-lo na resposta:

“Claro está (diz Agostinho, & não era necessário que elle o dissesse) claro está que a parte, que voltou para a fonte, foy a que fez a **fineza**, & a marauilha; porque a parte, que correu para o mar, seguiu a inclinação natural, & foy buscar o seu centro: porém a parte, que tornou para a fonte, violentou essa mesma inclinação, rebateo, & quebrou o impeto da corrente, & contra o peso das aguas, & da natureza a fez outra vez subir para donde deceria.”¹⁶⁸

Finalmente, equivocando a inclinação natural do rio à de Cristo e, portanto, aplicando o *exemplum* ao exemplar, Vieira projeta o milagre do rio no de Cristo, chamado, ele mesmo, “milagre dos milagres”:

“O Jordão fugio de si, & vós fugistes de vós. Vendo q vos aumentaeis dos homens, fugistes de vós para nós, & escondetefuos nesse Mysterio. Mas qual foy aqui a **fineza**? Qual foy a marauilha? Milagre dos milagres, qual foy aqui o milagre?”¹⁶⁹

Novamente, então, o Sacramento toma claramente a posição de imagem da ausência: ao instituí-lo, ainda que Cristo siga sua inclinação natural, o que não seria fino, recopila os signos de sua “não-presença”, isto é, não pode ver nem tocar os homens. Ainda, tendo instituído o Sacramento como imagem de sua ausência, Cristo é mais “generoso” que encarnado: através da imagem de sua ausência, pode estar presente em todos os lugares. Seguindo, então, o intento deste discurso, que

¹⁶⁸ S.M 1670 – IV, p. 934, vol. I.

¹⁶⁹ S.M 1670 – IV, p. 934, vol. I.

é provar como a ausência é *fineza*, reconhece o padre que o “apartar-se dos homens” é que foi a ação fina entre todas no fim da vida de Cristo.

Resta ainda ponderar que o amor pelos homens, em outros lugares condenado por desviar o cristão da Igreja, quando predicado do próprio Cristo, não tem medida, o excesso é o melhor, ou seja, a *fineza* do amor de Cristo, neste sentido, também está ligada à falta de comedimento de seu amor¹⁷⁰. Assim, pois, assistamos à sobreposição dos efeitos do rio Jordão voltar à fonte e de Cristo voltar a seu Pai:

“O ficar Christo com nósco no Sacramento foy milagre da natureza ; porque correo o Rio para o mar, correo o amor para o centro: mas o apartarfe Christo de nós; *Vt transeat ex hoc mundo*; effe foy o milagre fobre a natureza, & contra a natureza ; porque foy voltar o Rio para a fonte dõde nacera, foy romper conta o impeto da inclinaçãõ, foy naõ só vencer a corrente, fenaõ quebrar as correntes ao amor. Allí que a marauilha, & a **fineza**, naõ foy o sacramentarfe Christo para ficar com nósco, fenaõ o apartarfe, & aufentarfe de nós.”¹⁷¹

Analogamente ao rio Jordão, Cristo toma um caminho contrário à sua inclinação natural, que seria de ficar com os homens, apartando-se. Desta forma, o “ficar com os homens” no Sacramento não é considerado *fineza*, já que manifestação do “amor unitivo”:

“Diffè, o que fazia ao feo intento; & callou, que naõ feruia. O intento de S. Ioaõ neste Euangelho naõ era só provar o amor de Christo, fenaõ realçar a **fineza** do mefmo amor: *Cum dilexiffet in*

¹⁷⁰ O mesmo argumento foi utilizado no final do capítulo III a respeito do amor dos homens por seus semelhantes: após a instituição do Sacramento por Cristo, o amor dos homens pelos homens, que anteriormente era condenado, passa a ser requisito da união do corpo místico da Igreja. Assim, este amor, analogamente ao que acabamos de descrever, também tem seu ideal no excesso, não no comedimento, como é usual nas demais virtudes.

¹⁷¹ S.M 1670 – IV, pp.934-935, vol. I.

finem dilexit: E a instituição do Sacramento ainda que foy amor, & grãde amor, em rigor não era **fineza**.¹⁷²

O “apartar-se deles”, ao contrário, sendo obra do “amor forte”, traduz-se em *fineza*:

“E tanto que poz aquella premissa; *Vt transeat ex hoc mundo*; logo concluhio: *In finem dilexit eos*: porque ainda que o sacramentarfe foy amor, o ausentarfe foy a **fineza**: ainda que o deyxarfe foy amor, o deyxarnos foy o extremo: ainda que o ficar com nosco foy amor, o apartarfe de nós foy amor sobre amor: *Cum dilexisset, dilexit*.¹⁷³

Mais destacável, porém, que a diferença entre “deixar-se” e “ausentar-se” é que as duas ocorrências anteriores são comentários sobre o Evangelho de São João, constituindo, *per si*, um argumento de autoridade. Ademais, nestas passagens Vieira interpreta não só o modo como o Santo enunciou seu texto, mas as palavras que foram usadas; o que não era absolutamente primordial às *finezas* foi suprimido. Estas passagens confirmam o que no começo do capítulo afirmamos sobre a singularidade do tratamento de São João por Cristo e, analogamente, sobre o motivo especial pelo qual Vieira elege, para todos os sermões do mandato, temas retirados do seu Evangelho.

Finalmente, para concluir seu discurso, Vieira retoma imagens já utilizadas e, aliás, bastante recorrentes. A primeira delas é a que põe diante dos olhos o próprio argumento, a evidência. Além disso, para distender mais o assunto, Vieira dramatiza, como num teatro, as duas passagens que utilizará: o Horto, quando se

¹⁷² S.M 1670 – IV, p. 936, vol. I.

¹⁷³ S.M 1670 – IV, p. 937, vol. I.

despede dos apóstolos e institui o Sacramento, e o Calvário, onde sofre sua Paixão, na cruz. Chama aos dois momentos teatro¹⁷⁴:

“E para que julgue a mesma vista dos olhos (de que carece a Morte, & o Amor)quanto mayor **fineza** foy no amor de Chriſto o apartarſe de nós, que o morrer por nós, ponhamos o Horto defronte do Caluário, & ajuntemos o theatro da deſpedida cõ o theatro da morte.”¹⁷⁵

Para prová-lo, o padre recorre ao evangelho, desta vez de São Lucas, que diz *avulsus est ab eis*¹⁷⁶, traduzido por Vieira como “arrancou-se deles”. Nesta tradução do texto vê-se a dramatização da passagem bíblica que será o argumento desta passagem do sermão. Para contrapô-la, vale-se Vieira do Evangelho de São Mateus, *emisit spiritum*¹⁷⁷. Instituído o Sacramento, para afastar-se, arranca-se Cristo; na cruz, sofrendo pelos homens, apenas inclina a cabeça e morre. Os efeitos, ou melhor, os acidentes estão trocados: afasta-se como se morresse e morre como se se afastasse¹⁷⁸. Assim o considera Vieira:

“morreo, & auſentouſe, mas com os accidentes trocados : morreo, como ſe ſe auſentàra ſem agonizar: auſentouſe, como ſe morrèra

¹⁷⁴ Os sermões do Padre Vieira, independente do tema sobre o qual versam, têm uma dimensão teatral que já é lugar comum em sua bibliografia crítica. O conceito a que nos referimos é o de Emanuele Tesauro, referente à definição e essência de outros símbolos:

“Apparati & Machine Teatrali: ſon *Metafore rappreſentanti alcun luogo, ò Vero, ò Fabuloſo; per mezzo di apparenze.*”

TESAURO, Emanuele. *Il Canocchiale Aristotelico*. Berlim, Verlag Gehlen, Bad Homburg v.d.H., 1968, p. 732.

¹⁷⁵ S.M. 1670 – V, p. 938, vol. I.

¹⁷⁶ “Afastou-se deles à distância de um tiro de pedra.” (Lucas, 22, 41)

¹⁷⁷ “Jesus, tornando a dar um alto grito, expirou.” (Mateus, 27, 50)

É útil que se registre, a respeito destes dois versículos comparados por Vieira, a diferença entre a tradução da Bíblia (traduzida pelo Pe. Matos Soares, São Paulo, Edições Paulinas, 1989) e o uso que Vieira deles faz.

¹⁷⁸ Embora não apareça nas ocorrências da tópica, há uma bela metáfora ligada à esta transferência de acidentes entre o afastar-se e o morrer: trata-se do cálice que, na primeira passagem (instituição do Sacramento), Cristo pede ao Pai que O afaste dele; há, também, na cruz, outro cálice, desejado por Cristo quando diz que tem sede e pede ao Pai que traga a Ele o cálice. Os acidentes trocados são evidenciados pela metáfora de um cálice que verte seu líquido (sangue de Cristo) no outro.

agonizando. Oh que amor! Oh que **fineza**! Oh que extremo! A
aufencia agonizãte, & a morte fem agonia.”¹⁷⁹

“Confesse logo a Morte com o testemunho de feos propios
despojos, que muyto mays sentio Chriſto o apartarſe de nós, que o
morrer por nós: & que ſe o morrer nos homens he a mayor proua
de amor,em Chriſto o aufentarſe dos homens foy a mayor
fineza.”¹⁸⁰

Por fim, na peroração do sermão, adverte Vieira à guisa de retorção (mas que acaba não se efetivando, como se verá) que, se fosse outro tempo e outro lugar, concluiria que o melhor que fez São Paulo foi deixar Cristo por amor do mesmo Cristo. A última ocorrência, portanto, vem precedida de uma suposição que adverte os cristãos:

“A mayor **fineza** que fez por Chriſto aquella grande alma de S.
Paulo foy deyxar a Chriſto por amor de Chriſto: *Cupio diffolui, &
effe cum Chriſto : manere autem neceſſarium propter uos*.”¹⁸¹

Tendo acabado este sermão, encerram-se com ele as considerações sobre o ciclo composto pelos “Sermões do Mandato” que definiram o conceito de *fineza*.

No próximo capítulo trataremos do grupo de empregos referente aos “Sermões da Primeira Sexta Fera da Quaresma”, cujo cerne, entretanto, retoma questões que já apareceram esparsas nestes primeiros capítulos.

¹⁷⁹ S.M. 1670 – V, p. 948, vol. I.

¹⁸⁰ S.M. 1670 – V, p. 950, vol. I.

¹⁸¹ S.M. 1670 – VI, p. 954, vol. I.

VI - *Diligite inimicos uestros*¹⁸² - divino Exemplar

Neste capítulo será discutida a questão da *fineza* do amor do ponto de vista dos três “Sermões da Primeira Sexta-Feira da Quaresma”, pregados nos anos de 1644, 1649 e 1651, respectivamente, no Convento de Odivellas e na Capela Real de Lisboa (os dois últimos). Os três sermões têm como tema o versículo de Mateus 5, 44, que prega o amor aos inimigos. Embora numericamente as ocorrências relativas a este núcleo de sermões sejam poucas, são significativas, não por serem definitórias da noção de *fineza do amor*, como ocorria nos sermões anteriores, mas justamente por contemplarem um aspecto inerente a todo sermão vieiriano, o *exemplum*¹⁸³.

Nos sermões que compõem nosso *corpus*, Vieira utiliza o recurso do *exemplum* para projetar alguma característica cristã das personagens bíblicas para, em seguida, superá-la em Cristo. Desta forma, o *exemplum* está presente em todo discurso de Vieira, não apenas naqueles que abrangem a *fineza do amor*. Por outro lado, a própria *fineza*, por abranger o mecanismo agudo da superação tem, em seu

¹⁸² “[Eu, porém, digo-vos:] Amai vossos inimigos, [fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem.]” (Mateus, 5, 44).

¹⁸³ Em cada um dos capítulos anteriores consideramos uma característica dos *exempla*, vide pp. 29, 43, 50, 56. Os mais “assíduos” são Jônatas e Davi; outros há não tão perfeitos, como a Madalena, mas de quem, mesmo assim, se predica alguma característica positiva, ainda que “humana”, limitada. É de se notar, ainda, que Judas constitui *exemplum*, por seu não merecimento.

cerne, íntima relação com o mecanismo do *exemplum*. Os *exempla* são provas “extra-técnicas”, ao lado dos *signa* e dos *argumenta*. A diferença entretanto, é que o *exemplum* tem uma fonte externa à argumentação e cabe ao orador relacioná-lo com a causa defendida¹⁸⁴.

No caso do primeiro “Sermão da Primeira Sexta-Feira da Quaresma”, pregado em 1644, a proposição, retirada do tema “amai vossos inimigos”, que norteia a discussão é: “qual dos dois preceitos é mais dificultoso: amar o inimigo ou aborrecer o amigo?”. Desenvolvendo o tema, Vieira cita as opiniões de São Bernardo, Marcial, Marco Túlio, Hecaton, Sêneca, Santo Agostinho e Santo Ambrósio. A opinião geral é de que é da natureza humana corresponder quando amado; ou ainda, de que se deva amar antes para ser correspondido. Há, subjacentes, duas questões anteriormente discutidas, a da finalidade do amor e a do merecimento¹⁸⁵.

¹⁸⁴ Segundo Lausberg, “el *exemplum* = παράδειγμα (Ar. rhet. 1, 2, 13; Quint. 5, 11, 1; Aps. techn. 8) se define como *rei gestae aut ut gestae utilis ad persuadendum id quod intenderis commemoratio* (Quint. 5, 11, 6) – El *exemplum* tiene, pues, una fuente material (*res gesta, res ut gesta*); una función de *utilitas* (*utilis ad persuadendum*) y una forma literaria (*commemoratio*). (...) Ante todo, es importante el hecho de que el *exemplum* (a diferencia y en contraste con el *argumentum*) tiene una fuente fuera de la causa; el *exemplum* es una *probatio* traída de fuera. Por ello el *exemplum* está cerca de las pruebas inartísticas. El orador se enfrenta con el *exemplum* como con una prueba inartística. Pero al paso que las pruebas inartísticas dicen de por sí relación con el hecho y remiten a él, el *exemplum* de por sí es totalmente independiente del hecho de que se trata en la *causa*. El poner en relación el *exemplum* con la *causa* es libre creación del orador, quien ha de servirse para este fin de un método determinado.” LAUSBERG, Heinrich – *Manual de Retórica Literaria (Fundamentos de una ciencia de la literatura)*; Editorial Gredos, Madrid, 1975; tomo I; p. 347; §§ 410, 411.

¹⁸⁵ A questão da finalidade apareceu sobretudo na definição de “amor fino”, proposta por São Bernardo, que diz que amor fino não tem causa nem deseja fruto de suas ações (pp. 27-28; 47-48); quanto ao merecimento (ou a falta dele, no caso), está centrado na figura de Judas (vide p. 28 e 53 e ss).

Os dois últimos santos citados, entretanto, contam o caso de José como exemplo da natureza humana que sempre age ao contrário do esperado, ou seja, tendo sido amado, não ama.

O caso deste *exemplum* figura do livro do Gênesis, capítulo 39. José, filho de Jacó, tendo sido vendido aos ismaelitas por seus irmãos, mora e governa a casa de Putifar, servidor do faraó do Egito. A mulher de Putifar interpela José vários dias para que com ela durma, ao que ele, veementemente, nega. Um dia, a mulher entra e vê José praticando algo sem que ninguém o visse; novamente interpela-o, ao que ele foge deixando sua capa nas mãos da senhora que, então, denuncia-o ao marido, dizendo que José tentara seduzi-la e que a capa era a prova da infidelidade de José ao patrão, esquecida quando ela gritara. José, tendo sido encarcerado, não se defendeu. O Senhor protegeu-o e fez que ganhasse a confiança do governador do cárcere.

José, de fato, pelo que consta do primeiro livro da Bíblia, não correspondeu ao amor da Egípcia. Vieira, no entanto, interpreta-o de outra forma:

“A Egypcia como vil, accusou a Joseph, & o que começou amor, degenerou em vingança: Joseph pelo contrario como honrado, estando inocente, não se desculpou, & o que parecia defamor, mostrou que era **fineza**.”¹⁸⁶

Retorce-se o *exemplum* de tal forma que José, com a capa que o culpa, encobre o delito da senhora sendo, portanto, fino. O fato de não ter se desculpado sobrepõe-se ao “delito” de não a ter amado, o que, aliás, não era condenável, mas louvável, visto ser José casto e a senhora, esposa de seu senhor. José, então em nenhuma

¹⁸⁶ S. P. S-F. Q. 1644 - V, § 87, p. 87, volume I.

atitude deixou de ser íntegro; embora tenha sido fino somente em deixar-se culpar pelo desvio da senhora. Deste caso, predica Vieira que algumas vezes o não corresponder ao amor pode ser motivo de *fineza*.

Continuando seu desenvolvimento, Vieira divide os inimigos em duas classes: aqueles que “fazem mal com ódio” e os que “fazem mal com amor”, sendo estes os que amam desordenadamente, como pais, parentes, amantes. Da mesma forma, há duas formas se entender “aborrecer” e “amar”: aborrecer é amar mal e amar, aborrecer bem. O princípio, então, de amar os inimigos e aborrecer os amigos se torna de fácil execução: quem ama mal, aborrece; se aborrece, é inimigo e ao inimigo se deve amar como tal, e isto é aborrecer bem, que é amar. Assim, silogisticamente, Vieira demonstra como amar os inimigos. Desengana, por outro lado, o auditório a respeito do amor entre os próprios homens.

O próximo *exemplum* se baseia não numa exceção pressuposta, como no caso de José, mas no primeiro homem, segundo a Bíblia: Adão. A passagem localiza-se no livro do Gênesis, capítulo 3, 21. Adão não só perdeu o paraíso e, ao fazê-lo, perdia a toda a humanidade, como também se enganou com seu próprio amor por Eva. Ao ver que pela metade da maçã dera o mundo todo e sua vida, acusou Eva:

“Mas assim como Adam se enganou com o pomo, se enganou também com o seu proprio amor. Chegou a ocasião de mostrar qual elle era, & logo desfez a mesma **fineza** tam grosseiramente, que sendo o preceito sob pena de morte, para elle se livrar a sy, acufou a Eva: *mulier, quam dedisti mihi*.¹⁸⁷

¹⁸⁷ S. P. S-F. Q. 1644 – IX, § 101, p. 100, volume I.

As próximas ocorrências explicitam a inversão do amor de Adão: enquanto não havia penalidades, amava-a. Quando se viu na iminência de se perder, entregou-a. O amor de Adão, nesta peroração, tem não apenas o *status* de *exemplum*, mas generaliza o engano dos amores humanos entre si¹⁸⁸ que, efetivamente, não são *fineza*, mas apenas aparência:

“Em quanto cuidou, q pena da Ley era lōmente
comminação, grandes opparencias de **fineza** (que tudo o q
disslemos foraõ lō apparencias) mas tanto que vio que a devaça
hia deveras, livre me eu huma vez, & padeça Eva embora.”¹⁸⁹

Pois estes erão Adão, os voßos amores, estas as voßas
finezas , estes os voßos extremos tam affectuosos? Estes erão.”¹⁹⁰

Como todo este núcleo, o próximo “Sermão da Primeira Sexta-Feira da Quaresma (1649)” tem o versículo de Mateus, *diligite inimicos vestros*, como tema. No desenvolvimento, Vieira apresenta três dificuldades do preceito: ser dificultoso amar inimigos; dificultoso o motivo (“eu vos digo”); e dificultoso o exemplo (como o filho de Deus). Na última parte de seu desenvolvimento, pondera o padre que, em Deus, o ódio e o amor têm os mesmos efeitos. Depois retorna ao exemplo de Adão, para fazer considerações sobre a redenção do gênero humano. Nesta parte há uma intersecção entre o mistério da Divina Trindade e a sabedoria como requisito de *fineza*. Pergunta, pois, Vieira por que o Filho é enviado para remir a humanidade, se o ofendido foi Deus.

¹⁸⁸ A imperfeição dos amores humanos já foi considerada, comparada com o amor divino, no capítulo II.

¹⁸⁹ S. P. S-F. Q. 1644 – IX, § 101, p. 100, volume I.

¹⁹⁰ S. P. S-F. Q. 1644 – IX, § 101, p. 100, volume I.

Em primeiro lugar, porque tanto o Pai, quanto o Filho, quanto o Espírito Santo são Deus. Em segundo lugar, porque o atributo em que Adão quis ser semelhante a Deus foi a sabedoria e, portanto, a parte mais ofendida em Deus. Na divina Trindade, ao Pai atribui-se a onipotência; ao Filho, a sabedoria e ao Espírito Santo, a bondade. Neste contexto ocorre o seguinte emprego, sendo o Divino Exemplar, Cristo:

“Assim o resolve , & enfina toda a mesma Theologia com o Doutor Angelico Santo Thomas. Mas ainda não está totalmente satisfeita a **fineza** do Divino Exemplar.”¹⁹¹

Ainda, o último ponto do mistério que satisfaz a *fineza* de Cristo é justamente tornar-se homem para que os homens, ao segui-lo, reverenciem o mesmo Pai. Assim como o *exemplum*, que como demonstra este capítulo figura como categoria fixa em todos os sermões, o redirecionamento dos fiéis a um caminho mais cristão, constante invariável da *peroratio*¹⁹², também é destacável na *invenção* dos lugares de *fineza* nos sermões selecionados.

Por fim, à próxima ocorrência contrapõe um *exemplum* retirado do Evangelho de São Lucas 26, 24, sobre o avarento rico que, estando no inferno, implora a Abraão que envie Lázaro a mitigar-lhe a sede, justamente aquele que tantas vezes tinha sido desprezado pelo avarento. Com este exemplo, Vieira não só mostra que a *fineza* de amar o inimigo deve ser praticada por aquele que mais foi

¹⁹¹ S.P. S-F. Q. 1649 – X, § 131, p. 134, volume I.

¹⁹² “La *peroratio* es la última oportunidad de disponer al juez (público) en sentido favorable a nuestra causa y de influir en él en sentido desfavorable para la parte contraria. Mientras que en las demás partes del discurso el empleo de los afectos es moderado, en la *peroratio* pueden abrirse de par en par las puertas de los afectos: Quint. 6, 1, 51 *at hic, si usquam, totos eloquentiae aperire fontes licet.*” LAUSBERG, Heinrich – *Manual de Retórica Literaria (Fundamentos de una ciencia de la literatura)*; Editorial Gredos, Madrid, 1975; tomo I; p. 365; § 436.

ofendido, mas também que este princípio cristão não é aplicável somente a “pessoas divinas”, como Deus ou Cristo, mas a toda a humanidade, inclusive àqueles que estão no inferno:

“Vejo porém, que pegando nesta ultima claufula, *Qui in cælis est*, não faltará quem diga, que estas Divindades, & **finezas** de amor faõ là para o Ceo, & não para a terra, onde os nossos affectos, & ainda os nossos penfamentos faõ taõ grosseiros como ella.”¹⁹³

Resta apenas um sermão deste grupo, intitulado, como os dois anteriores, “Sermão da Primeira Sexta-Feira da Quaresma (1651)” e com o mesmo tema do Evangelho de São Mateus. Este sermão difere, porém, dos anteriores não apenas por ter uma interlocução bem marcada – o discurso é, claramente, dirigido ao Rei e com ele dialoga¹⁹⁴ - mas sobretudo por tratar, exclusivamente, dos “inimigos reais”, que seriam aqueles que não aparentam sê-lo, encontrando-se ao lado do soberano. Sob a pergunta: “são obrigados também os reis a amar seus inimigos?”, o sermão se desenrola, pois, como “conselhos” ao Rei, sobre como prevenir-se dos “aduladores reais”. Por esta característica, este sermão tem seu aspecto político mais ressaltado que os demais, ainda que discuti-lo não seja o objetivo desta pesquisa.

Assim como há várias leituras possíveis do que chamamos de aspecto político, a primeira ocorrência deste sermão, constante da sexta parte, descreve o modo como agem os aduladores (definidos na parte anterior como os verdadeiros

¹⁹³ S.P. S-F. Q. 1649 – X, § 133, p. 135, volume I.

¹⁹⁴ Embora na ocasião nada tenha sido comentado, o sermão de 1649 também é, como este, pregado na Capela Real de Lisboa e tem, logo em seu exórdio, uma alusão ao Rei, pedindo em especial a atenção de Vossa Magestade, que seria, dali, por ser o mais importante, o que teria mais inimigos.

inimigos reais) utilizando o recurso do *equivoco*¹⁹⁵, podendo ser lida de várias formas. O *exemplum*, desta vez advindo de Provérbios ¹⁹⁶, identifica os adutores com um animal (a aranha, saramântica), utilizando o mesmo recurso do capítulo anterior, a comparação entre elementos da natureza e do discurso. Eis a descrição da aranha tecendo sua teia:

“Sobefe maõ ante maõ a hum canto dellas abobadas douradas, & a primeira coufa que faz, he defentranharfe em **finezas**. Com estes fios tam finos, que ao principio mal se divisam, lança suas linhas, arma seus teares, & toda a fabrica se vem a rematar em huma rede para pescar, & comer.”¹⁹⁷

Aqui se equivocam *finezas* como “galanterias” e “atributo do que é fino”, no caso, o fio da aranha. A teia que teceu a aranha, então, é identificada como a “rede” armada pelos adutores, que fazem questão de servir de perto ao Rei, para que este também os sirva:

“Quem vir ao principio as **finezas**, com que todos se desfazem, & defentranham em zelo do serviço do Principe, parece que o amor do mesmo Principe he o que unicamente os trouxe alli; mas depois que armaram os teares como tecedeiras, & a redes como pescadores, logo se descobre, que toda a tea, por mais fina que pareceffe, era urdida, & endereçada a pescar, & nam a pescar moscas.”¹⁹⁸

Neste capítulo analisamos os empregos que apareceram nos “Sermões da Sexta-Feira da Quaresma” ressaltando, sobretudo, categorias “fixas”, ou elementos do discurso (porque aparecem em todos os sermões), utilizados por Vieira, como o *exemplum*, importante para estudarmos os procedimentos mobilizados pelo orador

¹⁹⁵ Cf. nota 29 e pp. 18-19.

¹⁹⁶ Provérbios 30, 28: “a saramântica, que trepa com suas mãos, / e que habita no palácio dos reis.”

¹⁹⁷ S. P. S-F. Q. 1651 - VI, § 254, p. 232, volume I.

¹⁹⁸ S. P. S-F. Q. 1651 - VI, § 254, p. 233, volume I.

para construir o conceito estudado. Outros procedimentos há, ainda, bastante relevantes para o processo inventivo da *fineza* nestes sermões selecionados do padre Vieira, que não apareceram neste capítulo, como por exemplo a *evidentia* e os diversos tipos de “agudeza” que, no entanto, constaram de análises precedentes.

No próximo capítulo, além de projetar vários destes procedimentos retóricos em um jesuíta exemplar, conheceremos alguns episódios bastante curiosos da vida de São Francisco Xavier, figura fina da Companhia.

VII – *Perinde ac Cadaver*¹⁹⁹

*“Forjado da espada de Ignácio o arado de Xavier, então se viu na terra e no céu aquele impossível do poeta: Terra feret stellas: cælum findetur arato: que quando o céu se lavrasse com o arado, então a terra produziria estrelas.”
Padre Vieira, “Prefação aos desvelos de Xavier acordado”.*

Neste capítulo, serão analisados os empregos constantes dos sete sermões de Xavier. É um núcleo muito importante por ser o menos histórico e o mais histórico ao mesmo tempo. O menos histórico por não ser, como os demais sermões escolhidos, precisamente datado: à exceção dos catorze sermões (dos quais estudaremos sete) que compõem os “Sermões à Glorificação de São Francisco Xavier”, os sermões que compõem nosso *corpus* apresentam uma data relativa a sua pregação. Em contrapartida, é provável que estes sermões tenham sido pregados entre novembro de 1669 e junho de 1675, período em que Vieira fica em Roma, defendendo a canonização de alguns santos católicos. Além disso, este ciclo de sermões é dedicado a um jesuíta do século XVI, Francisco de Xavier, que, tendo

¹⁹⁹ Obediência cadavérica – lema dos jesuítas.

O biógrafo Hernâni Cidade comenta assim este preceito jesuítico: “O superior é para o Jesuíta o representante de Deus, com direito a uma obediência que, de mera *subordinação*, deve subir a *identificação* da vontade própria com a dele e deste segundo grau ao da perfeição máxima, que é a *identificação do próprio pensar: Perinde ac cadaver*. (...) Porque, afinal, tal renúncia é a integração da vontade individual na poderosa vontade da coletividade, para a realização do fim em que todo o ser moral se empenha. A vontade a que aparentemente se renuncia não é força que se aniquile, antes se funde com outras forças iguais ou superiores na força imensa do Instituto; e o prestígio que este reflecte sobre cada um dos seus membros, muito intimamente deverá ser sentido como restituição com juros do que se lhe entregou.”; op. cit. pp. 12-13.

estudado em Paris com Inácio de Loyola, encaminha-se, após a fundação da ordem, para a Ásia como “Núncio Apostólico”²⁰⁰, por isso estes sermões têm um aspecto histórico bastante marcado, diferentemente dos sermões anteriormente estudados.

Entrando, pois, na descrição e análise das peças oratórias que compõem este capítulo, é necessário distinguir as duas partes em que Vieira separa estes sermões: “Xavier dormindo” e “Xavier acordado”. A primeira parte é composta por três sermões.

No “Sonho Segundo”, o sonho é descrito como a “prisão universal dos sentidos”; é quando a memória corporal e sensitiva faz aflorar a memória espiritual, que é a potência da alma. A imagem retórica do sonho utilizada por Vieira é de Aristóteles, segundo o qual o sonho é como encher um vaso com pedaços de cortiça e depois cobri-los de sal. A cortiça some. Enchendo-se o vaso de água, as cortiças,

²⁰⁰ Francisco de Xavier nasceu em 1506, no reino de Pamplona, filho de Don Juan de Iassu que foi tesoureiro de João II d’Albret. A mãe vem de uma família ainda mais nobre, os Azpicueta. Tudo predetermina o filho a um futuro brilhante, mas o pai de Francisco morre às vésperas de seu décimo aniversário e seus irmãos, que tomaram o partido dos franceses nos conflitos durante os quais Iñigo de Loyola combatia em Pamplona nas fileiras espanholas, foram condenados à morte, e depois agraciados por Carlos V. Tais infortúnios porém, não foram suficientes para acabar com os planos dos Xavier. Em setembro de 1525, pouco depois da morte da mãe, Francisco parte para Paris onde bons estudos lhe garantirão seguramente a atribuição de uma importante prebenda eclesiástica na diocese de Pamplona. Torna-se um parisiense. Belo, vigoroso, petulante, agitado em todos os sentidos; eloquente nas disputas, ardente nos debates, consagra-se campeão de salto em altura da ilha de Notre-Dame. Em 1532, Inácio de Loyola, assedia jactanciosamente Xavier, então professor de Filosofia no colégio de Beauvais, vizinho de Santa Bárbara. Tão orgulhoso de seu título de mestre quanto de sua nobreza, Inácio manda, solenemente, confirmar suas credenciais de nobre e, incansavelmente, trata de reunir um auditório entusiasta nas aulas de Xavier e de despertar ao seu redor fervor e elogios.

Em 1541, dez homens ligados por votos solenes se reúnem num casebre contíguo à Igreja semidestruída de Santa Maria della Strada, em Roma, onde Inácio de Loyola, o primeiro padre mestre da Companhia, viverá, trabalhará e morrerá. A primeira intenção, quando partiram de Paris, era de fazer uma expedição a Terra Santa. No verão do mesmo ano, Francisco parte para a Índia e, depois de batizar em massa indianos, a ponto de ter dor nos braços, como relatado em carta, chega com Anjiro, japonês converso, ao porto de Yamaguchi, no Japão, em agosto de 1549. Morrerá três anos depois, às portas da China. LACOUTURE, Jean. *Os Jesuítas (I – Os conquistadores)*. Porto Alegre, L&PM, 1991; “cap. V – Diálogo em Yamaguchi”; pp. 135-177.

antes invisíveis, bóiam. Da mesma forma, Deus usa os sonhos para revelar aos homens algo que, acordados, lhes é oculto. Assim, de acordo com a firmeza em servir a Deus daquele que sonha, são-lhe revelados trabalhos ou glórias.

Neste sermão, Vieira compara os sonhos de Xavier aos sonhos de José, o que fora vendido por seus irmãos no livro do Gênesis²⁰¹. A José, no entanto, foram-lhe reveladas apenas as glórias (a grandeza e o trono) com as quais seria honrado, não os trabalhos que teria que executar para atingi-las. A José, apenas sonhos gloriosos para que os trabalhos não o desanimassem; a Xavier, trabalhos:

“A Joseph fô glorias, para que a mistura dos trabalhos lhe nam defazonaffê o gofio: a Xavier, fô trabalhos, para que a companhia das glorias lhe nam diminuiffe a **fineza**.”²⁰²

Na ocorrência anterior vimos que as glórias diminuiriam as *finezas* de Xavier, por isso apenas trabalhos lhe foram revelados nos sonhos, isto é, a *fineza* está sobretudo em trabalhar, não em ser reconhecido. Este tipo de *fineza* aproxima-se daquela executada por Cristo quando lava os pés de Judas, que não merecia. Paralelamente, o mecanismo de superação que houve entre José e Xavier é semelhante ao que anteriormente acontecia entre Cristo e os *exempla*; neste caso, pois, José faz as vezes de *exemplum* e Xavier, de exemplar, à semelhança de Cristo.

Seguindo este raciocínio, a próxima ocorrência faz referência à obstinação de Xavier em trabalhar por Cristo. Aliás, há no sermão a comparação entre a sede de padecer manifesta por Cristo na cruz quando diz “sitio” e a vontade de Xavier de

²⁰¹ José figura como *exemplum* no capítulo anterior no episódio da egípcia que fugiu deixando-o com a capa na mão. José sonhava que as espigas e depois as estrelas o reverenciavam.

²⁰² S.G.S.F.X. – Sonho Segundo, parte IV, p. 59, volume X.

padecer, por isso nos sonhos pedia “mais, mais, mais”. Assim como seu padecimento não tem outro objetivo senão o padecimento, o amor não tem outro objetivo senão amar, definição que relembra a do “amor fino”, que é o amor que não tem fruto, nem causa:

“O defejo, & espirito de Xavier nam era padecer para goza, fenaõ padecer por padecer; porque era amar por amar: & mereciam os quilates desta **fineza** que o convidassẽ Deos com os trabalhos puros, & fecos, sem liga, nem mistura de interesse.”²⁰³

Ademais, as revelações que apareceram nos sonhos de Xavier neste sermão “Sonho Segundo” mostram a singularidade do tratamento de Deus para Xavier, tratado como exceção entre os homens, o que reforça a aproximação entre Cristo e Xavier. Quanto ao andamento do sermão, as duas ocorrências de *fineza* que analisamos marcam seu clímax.

As ocorrências constantes do “Sonho Terceiro” são bastante diferentes do primeiro e do segundo sonhos que ponderam circunstâncias específicas de Xavier dormindo; este é mais generalizado e mais definitivo a um só tempo. Talvez porque feche o ciclo dos três sermões de “Xavier dormindo” e por isso os retomem, talvez porque Vieira tenha guardado para o final o mais substancial, talvez por ambos motivos, dos três, este sermão encerra a maior parte das ocorrências de *fineza*, o que, neste trabalho, significa não apenas quantidade, mas também qualidade do texto vieiriano.

Conta este terceiro sermão que dos doze anos de apostolado como Núncio Apostólico no Oriente e passando tantas privações, guardava Xavier apenas um

²⁰³ S.G.S.F.X. – Sonho Segundo, parte IV, p. 59, volume X.

relicário ao pescoço que continha três relíquias: um osso de São Tomé, uma firma de Santo Inácio (fundador da ordem) e a fórmula da profissão de jesuíta que professa, escrita por sua própria mão, ratificando os três votos essenciais da profissão: pobreza, castidade e obediência. No terceiro sonho, pois, tenta o demônio a Xavier dormindo justamente na sua castidade. Ao contrário do sonho anterior, por exemplo, em que os trabalhos que Xavier teria que enfrentar além-mar mais o faziam desejá-los, neste sonho, em que se tenta sua pureza, a relíquia é o antídoto do cuidado, e não o cuidado causa do sonho:

“Quando aquillo que fe fõhou de noite, he o mefmo em que fe cuyda de dia, o cuydado he a caufa, ou o que deo occafião ao fõho: & taes foraõ os dous primeiros fõhos de Xavier: porẽm efte terceiro por huma parte foy ta alheyo da pureza da fua virtude; & por outra tam proprio da **fineza** della, que naõ pòde fer todo feu.”²⁰⁴

Assim, não apenas exaltando sua profissão (que era a mesma do Padre Vieira), mas exaltando sobretudo a excepcionalidade da alma de Xavier que até dormindo se defende das tentações diabólicas, chega mesmo Vieira a dizer que o Santo sai ferido da contenda onírica que travara. Mais ainda: como Cristo, que ressuscita glorioso e impassível, mas com as chagas e a lançada abertas, que segundo Vieira são “os despojos mais gloriosos de sua vitória”, Xavier tem em seu sangue derramado a evidência de sua fidelidade e, ao mesmo tempo, a recopilação dos sofrimentos de Cristo.

²⁰⁴ S. G.S.F.X. – Sonho Terceiro, parte I, p. 90, volume X.

Neste sentido cita Vieira o versículo 7 do capítulo 5 do Cântico dos Cânticos²⁰⁵, em que a esposa sai à procura do marido, contando-lhe que encontrara com soldados, deles se defendera, saiu ferida e com eles deixou a capa. Como em outro lugar já ponderamos, para o Padre Vieira, a esposa é a Igreja e o esposo, Cristo. Representando as ações executadas pela esposa no episódio narrado temos José, que larga a capa na mão da Egípcia, e Xavier, que sai ferido da tentação que sonhara:

“De maneira que quando a Alma Santa quiz alardear **finezas**, & valentias em materia da defenfa de fua peffoa, & de fua honeftidade, as duas acçoens que escolheo entre todos os prefentes, pallados, & futuros, foy a de Joseph, & a de Xavier: a de Joseph em largar a capa, a de Xavier em sahir ferida.”²⁰⁶

Obviamente, Xavier vence a batalha dos *exempla* (como anteriormente fora mais valoroso que José em sonho, já que este sonhava com glórias e Xavier, com trabalhos). Fugir é sempre um modo eficaz de se livrar do perigo, mas lutar e sair ferido, é vencer mais gloriosamente.

Na última parte do sermão aparece um *exemplum* que se compara a Xavier, o exemplar deste núcleo de sermões. A generosidade de Davi em poupar a vida de seu inimigo Saul²⁰⁷ é comparada à índole de Xavier, não porque Xavier tenha poupado a vida a seus inimigos. Nem sabemos se os teve. Para Vieira, o que os aproxima não é a inimizade que cultivam, mas o amor à virtude. Davi não deixou de matar Saul

²⁰⁵ “Encontraram-me os guardas que rondam a cidade, / deram-me, e feriram-me, / Tiraram-me o meu manto os guardas das muralhas.” (Cânt. dos cânt. 5, 7).

²⁰⁶ S. G.S.F.X. – Sonho Terceiro, parte V, p. 111, volume X.

²⁰⁷ “Os servos de Davi disseram-lhe: Eis o dia, do qual o Senhor te disse: Eu te entregarei o teu inimigo para fazeres dele o que te parecer. Então Davi levantou-se, e cortou muito de mansinho a orla do manto de Saul.” (I Samuel 24, 5).

porque seria pecado; ao contrário, tendo-lhe Deus permitido, estava isento da culpa de homicídio, se o matasse. Não é, portanto, o temor do pecado que o impele à virtude, uma vez que não pecaria; o que o leva a ser virtuoso é justamente o amor à virtude. É neste sentido que ele é comparado a Xavier, virtuoso por excelência, inclusive quando dorme, situação em que todos os sentidos estariam desacordados.

Eis a ocorrência:

“Huma das mais louvadas façanhas de toda a Escriptura, he a generosidade de David com que tendo a seu inimigo debaixo da lança, lhe nam quiz tirar a vida. Esta he a circunstância que todos louvaõ: mas quanto mim nam esteve nisto a **fineza**.”²⁰⁸

O último emprego de *fineza* deste sermão “Sonho Terceiro” retoma todas as circunstâncias ponderadas anteriormente: Xavier venceu a tentação dormindo, mas comportando-se tão virtuosamente como se estivesse acordado; superou a tentação grosseira a sua castidade; mesmo sem corpo do inimigo, a batalha foi sangrenta; não tinha armas com que se defendesse; pelo contrário, trazia as mãos atadas:

“Primeiro, que sem acordar Xavier, se portasse tão acordado: segundo, que sendo a materia tão grosseira, obrasse nella tantas **finezas**: terceiro, que nam tẽdo o inimigo carne, nem sangue, a batalha fosse languinolenta: quarto, que em tão arriscada, & difficultosa empreza se alcançasse a vitoria sem as armas nas mãos: & seja o quinto, & ultimo, que nam fõ sem armas nas mãos, mas sem mãos, porque estavaõ atadas.”²⁰⁹

Analisados dois dos três sermões referentes aos sonhos de Xavier, restam cinco sermões dos doze que têm o subtítulo de Xavier acordado. Destes, embora estudemos apenas cinco, os nove primeiros (que são os que efetivamente constituem a “novenas de São Francisco Xavier”) trazem o mesmo tema, retirado do

²⁰⁸ S. G.S.F.X. – Sonho Terceiro, parte VII, p. 128, volume X.

²⁰⁹ S. G.S.F.X. – Sonho Terceiro, parte VII, p. 132, volume X.

*Apocalipse de São João, capítulo 10: possuit pedem suum dextrum super maré, sinistrum autem super terram*²¹⁰. Os sermões da novena a serem analisados têm, no mínimo, epítetos curiosos: “Doidices”; “Finezas”; “Braço”. Os três textos discorrerão sobre Xavier em terra e em mar, como expresso no tema. Isto, entretanto, ficará mais nítido no “Sermão Oitavo: Finezas”, que tem o maior número de empregos, como era de se esperar apenas pelo nome. Todavia, cada parte do Santo, como cada emprego, tem seu valor.

Começando pela primeira parte, no “Sermão Sétimo: Doudices”, Vieira divide a “doudice” ou loucura, em dois tipos: as que evidenciam falta de juízo; e as que o qualificam. Este tema da loucura, aliás, é muito recorrente na literatura clássica. Vieira, como erudito que era, cita Ulisses fingindo-se de doido para não ir à Guerra de Tróia; cita Davi fingindo-se de louco para Golias e cita as opiniões de Platão, segundo o qual há quatro doidices divinas, sendo a mais perfeita a do amor; e de Aristóteles e Sêneca, para os quais não há engenho sem mistura de doidice.

Encontramos a mesma opinião de Sêneca em Gracián, que identifica quatro causas para a existência de uma agudeza: o engenho, a matéria, o exemplar e a arte. O engenho é a principal, ainda que seja contraposto ao juízo:

“Es el ingenio la principal, como eficiente: todas sin él no bastan, y él basta sin todas; ayudado de las demás, intenta excesos y consigue prodigios, mucho mejor si fuere inventivo y fecundo; es perene manantial de conceptos y

²¹⁰ “(...) tinha na sua mão um livrinho aberto, pôs o pé direito sobre o mar, o esquerdo sobre a terra, [3 e gritou em alta voz, como um leão quando ruge. Depois que gritou, sete trovões fizeram ouvir as suas vozes.]” (Apocalipse 10, 2).

un contino mineral de sutilezas. Dicen que naturaleza hurtó al juicio todo lo que aventajó el ingenio, en que se funda aquella paradoja de Séneca, que todo ingenio grande tiene un grado de demencia.”²¹¹

Até agora usamos os procedimentos agudos para analisar a *fineza*. A partir deste comentário faremos o caminho inverso, projetando a *fineza* nas noções agudas. Desta forma, o trecho anterior é elucidativo também do ponto-de-vista da invenção da *fineza*, porque evidencia os mecanismos com quais se constrói um discurso “agudo”, que neste caso pode ser entendido como “fino”. Neste capítulo, trataremos especialmente o “exemplar”, tendo já tratado nos demais a matéria e a arte.

Voltando, pois, ao andamento do “Sermão Sétimo: Doudices” e ao clássico, Vieira compara o navio português que levou Xavier à China ao Cavalo de Tróia. A China, no entanto, naquela época já era enorme: tinha 15 províncias com mais de 118 milhões de vassalos. Com sua morte, Xavier “abre as portas da China à cristandade”, assim como Cristo, morrendo na cruz, “abre as portas do céu à humanidade”. Esta teria sido, a um só tempo, sua maior loucura e sua *fineza*:

“E Deos a quem nam podia deixar de agradar muyto a **fineza**, que fez? Concedeo-lhe ambas. Concedeo-lhe que morresse, como acabou a vida em Sancham, nas portas da mesma China: & cõcedeo lhe que por meyo, & merecimento da sua morte entrassem nella seus companheiros, como elle lhes tinha prometido, ou profetizado.”²¹²

²¹¹ Segundo o comentarista de *Agudeza y Arte de Ingenio*, Evaristo Correa Calderón, Gracián traduz uma passagem do livro de Séneca *De tranquillitate animi*, I, 15, na qual o próprio Séneca atribui a opinião a Aristóteles. in: GRACIÁN, Baltasar. *Agudeza y Arte de ingenio*; Edición de Evaristo Correa Calderón; Editorial Castalia; Madrid; 1987; 2 tomos; “Discurso LXIII: De las Cuatro Causas de la Agudeza”, tomo II; p. 254.

²¹² S.G.S.F.X. – Sermam Septimo: Doudices, parte II, p.302, volume X.

O “Sermão Oitavo: Finezas” é o que traz o maior número de ocorrências e, analisando-o, podemos percorrer com mais exatidão os passos inventivos de Vieira, a exemplo do que ocorreu no capítulo III, que tratava do “Sermão do Mandato (1650)”, cujo assunto principal era competir as *finezas* entre si para saber qual era a maior entre as maiores executadas por Cristo quando deixava os homens. Este sermão, como o próprio intróito esclarece, trata das *finezas* de São Francisco Xavier, no seu penúltimo dia de vida:

“O dia de à manhã he o ultimo da nossa Novena, & também ferá o ultimo da vida do nosso Santo: & o dia antes do ultimo, he o dia das **finezas**. Assim guardou as suas o amor Divino & humano de Christo, para o dia antes do ultimo: *Ante diem festum Paschae*.”²¹³

Neste primeiro emprego, fica estabelecido também qual vai ser o padrão de comparação para o Santo: Cristo. Isto, por um lado, mostra a estreita identificação que Vieira acha entre o exemplar e o *exemplum*; por outro, ratifica a excepcionalidade, isto é, o quanto os dois foram “finos”, no sentido de extremos, em suas ações.

Como muito ordinariamente acontece nos discursos seiscentistas²¹⁴, este ponderará duas contrapartes da mesma questão: as *finezas* de Xavier no mar e na terra. Em um ou outro lugar, o objetivo, todos os esforços, enfim, de Xavier, eram a salvação das almas:

²¹³ S.G.S.F.X. – Sermam Oitavo: Finezas, parte I, p. 321, volume X.

²¹⁴ Referimo-nos à figura de pensamento chamada “antítese”, que permite analisar a questão sob dois pontos opostos, ainda que não necessariamente contraditórios. A figura é assim descrita por Tesauro: “La contrapositione, dal nostro Maestro chiamata *Antithesis*: è vn Harmonia nascente dalla Contrarietà de Membretti: igual talhora hanno il fuo acume in due foli termini.” in: TESAURO, Emanuele. *Il Canocchiale Aristotelico*. Berlim, Verlag Gehlen, Bad Homburg v.d.H., 1968 (versão facsimilar da edição de 1670); p. 129.

“Refumindo pois o que devèra fer muyto largo a brevidade de um lã dia, veremos neste também com hum pé no mar, outro na terra, entre as obras, & acçoens de Xavier empregadas todas na conquista da falvação das Almas, quaes foraõ as de mayor **fineza**.”²¹⁵

Na parte II do sermão, é dado o padrão de comparação a Xavier, Cristo. Sendo o exemplar tão perfeito, o encarecimento nunca é suficiente, como expresso na ocorrência:

“As **finezas** deste ultimo ou penultimo dia, foraõ no infinito amãte das noõas Almas as que tantas vezes, & por tantos modos ouvimos encarecer, poõto que nunca baõtamente louvar.”²¹⁶

É de se notar, em primeiro lugar, que Cristo, não era superado nos outros sermões por nenhum *exempla*, é parâmetro para o Santo. Em segundo lugar, é notável que este tipo de exaltação laudatória é mais freqüente na peroração, não no início do sermão. Ademais, toda esta segunda parte é dedicada a Cristo. Nos dois próximos empregos temos um uso bastante comum da tópica, ainda que mais explícito que os demais:

“Tudo o que podia inventar a Sabedoria, tudo o que podia obrar a Omnipotencia, & tudo o que podia querer, & defejar o amor, he o que a **fineza** do meõmo amor de Christo fez por todos os homens.”²¹⁷

O aspecto em que Cristo mais se afinou, neste sermão, é, não a disputa ou hierarquização entre as *finezas*, mas seu efeito, independentemente de qual a *fineza* considerada. O efeito geral, ou melhor, a abrangência deste efeito, é a humanidade. Mais ainda: Vieira exalta, além da universalidade (e também generosidade, por ser

²¹⁵ S.G.S.F.X. – Sermam Oitavo: Finezas, parte I, p. 322, volume X.

²¹⁶ S.G.S.F.X. – Sermam Oitavo: Finezas, parte II, p. 322, volume X.

²¹⁷ S.G.S.F.X. – Sermam Oitavo: Finezas, parte II, p. 322, volume X.

tão abrangente) das ações de Cristo, sua particularidade, a um só tempo. Tem-se, aqui, outra figura bastante importante da retórica seiscentista, que é a metonímia²¹⁸. No próximo trecho, ainda que Vieira enuncie que a *fineza* é a morte, o Sacramento, por exemplo, poderia muito bem suplantá-la, o que evidencia que o considerado não é propriamente a *fineza*, sim seu efeito:

“Pois fe Chrifto morreo por todos, como morreo fô por Paulo? & fe morreo fô por Paulo, como morreo por todos? Porq effa foy a **fineza** do Amor do Filho de Deos, morrer por todos os homens em comum, & morrer por cada homem em particular; & fazer, & padecer tanto por cada hum, como fez, & padeceo por todos.”²¹⁹

Estabelecido o exemplar, Vieira desenvolve a comparação (que chega a ser quase uma superposição, tamanha identidade) entre Xavier e Cristo. Desde a exposição do tema comum à maioria destes sermões, desenvolve-se antiteticamente a oposição entre terra e mar. Para ilustrá-la, Vieira usa as parábolas de Cristo do pastor²²⁰ e do mercador²²¹ para exemplificar a vocação divina de Xavier. Ambos deixaram tudo que possuíam por uma só (ovelha ou pérola) que lhes faltasse. Esta é a característica divina exaltada:

²¹⁸ “La *metonymia* (quint. 8, 6, 23), μετωνομία (Tryph. trop. p. 195, 20), ὑπαλλαγή (Cic. Or. 27, 93), *denominatio* (Her. 4, 32, 43) consiste en poner en lugar del *verbum proprium* otra palabra cuya significación propia está en relación real con el contenido significativo ocasionalmente mentado, por tanto, no en una relación comparativa como en la metáfora. (...) Las relaciones reales entre la palabra empleada metonímicamente y la significación mentada son de especie cualitativa (causa, efecto, esfera, símbolo). En particular hay que distinguir: 1) la relación persona-cosa (autores por sus obras, divinidades por la esfera de sus funciones, etc.); 2) la relación continente-contenido; 3) la relación causa-consecuencia; la relación abstracto-concreto; la relación de símbolo.” LAUSBERG, Heinrich – *Manual de Retórica Literaria (Fundamentos de una ciencia de la literatura)*; Editorial Gredos, Madrid, 1975; tomo II; pp. 72-74; §§ 565-568.

²¹⁹ S.G.S.F.X. – Sermam Oitavo: Finezas, parte II, pp. 322-323, volume X.

²²⁰ “Qual de vós, tendo cem ovelhas, se perde uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto, e vai procurar a que se tinha perdido, até que a encontre?” (Lucas 15, 4)

²²¹ “[O reino dos céus é também semelhante a um mercador que busca pérolas preciosas,] ⁴⁶e, tendo encontrado uma de grande preço, vai, vende tudo o que tem e a compra.” (Mateus 13, 45-46)

“Como os dous elementos de Xavier eraõ o mar , & a terra, affim lhe poz Christo em li mefmo dous exemplares desta **fineza**, em que o avia de imitar, hum na terra, outro no mar: na terra, a parabola do pastor, que buscou a ovelha perdida; & no mar, a do Mercador , que buscava perolas, que he mercadoria maritima.”²²²

Então Vieira ratifica a cristandade de Xavier, teologicamente, argüindo que os dois fins por que viera Cristo homem são resgatar o homem do cativeiro e restaurar a imagem disforme de Deus no homem pecador, ou seja, “salvar almas cativas” que deformam a imagem de Deus. Nisso empregou todo seu cabedal, isto é, seu sangue. Fez isso por todos e cada um assim como Xavier fê-lo nos barcos em que navegava e nas terras longínquas onde pregava, amando toda a humanidade e cada um dos homens. É este o sentido que fica implícito na seguinte ocorrência:

“E para que este modo de estimar tanto huma Alma como todas, não pareça encarecimento apparête, & não **fineza** verdadeira , & folida; vejamos a verdade della em todo o rigor da Theologia, & da Fè, & como he fundada nas acçoens do mefmo Christo, a quem Xavier vay sempre seguindo, & imitando nas suas.”²²³

Sendo Cristo tão fino, a circunstância que afina a *fineza* é justamente a insaciabilidade em pregar e converter almas:

“Mas fendo a mesma **fineza** tão fina, haverá por ventura alguma circunftancia, que ainda a affine mais, pois ito he o que vai buscando , & inquirindo o nosso doçurfo? O que elle me offerece he a do tempo na continuação, & perpetuidade, & a do zelo ardente, que na mesma continuação (como succede aos affectos humanos) fnaõa effriava, ou remitia, antes crescendo sempre fazia a fede da salvação das mesmas Almas, não fõ mayor, & mais intensa, mas verdadeiramente infaciavel.”²²⁴

²²² S.G.S.F.X. – Sermam Oitavo: Finezas, parte III, pp. 324-325, volume X.

²²³ S.G.S.F.X. – Sermam Oitavo: Finezas, parte III, p. 327, volume X.

²²⁴ S.G.S.F.X. – Sermam Oitavo: Finezas, parte IV, p. 329, volume X.

Paralelisticamente, Vieira narra episódios da vida de Xavier que evidenciam sua *fineza* em seguir Cristo, pois quanto mais numerosas eram as almas que conquistava, maiores os excessos com que as queria banhar em África, Índia e Japão²²⁵:

“Mas por não quebrar o fio do discurso nesta **fineza** , he força referir correndo , o que baste para prova della.”²²⁶

Embora este sermão não apresente outros tipos de agudeza além dos que apareceram nas análises concernentes ao ciclo de “Sermões do Mandato”, o surpreendente neste são os graus em que Vieira compara o exemplar e o *exemplum*, num mecanismo inesgotável, não de superação de um pelo outro, mas de “seguir os passos”. Tendo, pois, já comparado a “sede de padecer pela humanidade” dos dois, Vieira abertamente defende Xavier como sendo um segundo Cristo em tudo. Desta vez, superando a *fineza*²²⁷ anterior de conquistar almas, a comparação se estende ao *post-mortem*; porque ambos apareceram (ressuscitaram) depois de mortos. É útil esclarecer que, para Vieira, a *fineza* não está exatamente em ser visto por vivos, mas em deixar a esfera celeste que merecidamente ocupam (Cristo e Xavier) para estar ao lado dos homens²²⁸:

²²⁵ Em carta a Inácio de Loyola, superior da Companhia que a dirigia de Roma, Xavier queixa-se mesmo de dores no braço, tamanha quantidade de pessoas que batiza num mesmo dia.

²²⁶ S.G.S.F.X. – Sermão Oitavo: Finezas, parte V, p. 333, volume X.

²²⁷ É importante ressaltar que a “superação” é aplicada, como no “Sermão do Mandato (1650)”, às *finezas* entre si, não entre Cristo e Xavier que, ao contrário, são identificados em todos os planos de comparação.

²²⁸ O fato de Cristo querer estar ao lado dos homens, sofrer quando os deixa, é um aspecto definidor de *fineza* trabalhado principalmente no “Capítulo III: *et vos debetis alter alterius lavare pedes*”.

“Em vida fô Chrifto deixou o Ceo para peregrinar na terra; & depois da morte, fô Chrifto, & Xavier. E este foy o finiffimo da **fineza** em que estamos, com que acabo.”²²⁹

Como esperado, Vieira refere-se ao tempo, no calendário cristão, da pregação dos “Sermões do Mandato”, que é a Quaresma, quarentena antes da Páscoa, que marca a ressurreição de Cristo. Neste trecho, porém, o período imediatamente posterior, isto é, depois que apareceu em glória para os homens, é tido como mais “fino”:

“Antes do dia da Paschoa, como diffê no principio, fe costumaõ ponderar as mayores **finezas** do Amor de Chrifto para com os homens: *Ante diem festum Paschæ, cum dilexiffet suos, in finem dilexit eos* .(Jo 13, 1). Mas o finiffimo dessas **finezas** não teve o seu fim no dia antes da Paschoa; mas no dia da mesma Paschoa he que começou.”²³⁰

“Fino” exatamente porque, depois de ter alcançado a glória eterna, não era absolutamente necessário que voltasse. Assim mostrou o desinteresse de seu amor pelos homens, cuja salvação constituía seu objetivo:

“Porque antes do dia da Paschoa, padeceo Chrifto a morte, & deo a vida por amor dos homens, & na mesma morte, & em todas as acçoens da vida mereceo não para si, senão para nós a graça, & a gloria, porque ainda que era comprehensor, como fallaõ os Theologos, era juntamente viador: porém no dia da Paschoa; em que rffuscitado, estava já no estado de immortal, & glorioso, não merecia, nem podia merecer: & peregrinar neste mundo , depois de conseguir a gloria da immortalidade, quem não pôde merecer para si, nem para outrem, & fô para consolar, favorecer, & levar ao Ceo os que vivem no mesmo mundo, não só he o fino, senão o finiffimo da mesma **fineza**.”²³¹

²²⁹ S.G.S.F.X. – Sermam Oitavo: Finezas, parte VII, p. 343, volume X.

²³⁰ S.G.S.F.X. – Sermam Oitavo: Finezas, parte VII, p. 343, volume X.

²³¹ S.G.S.F.X. – Sermam Oitavo: Finezas, parte VII, p 344, volume X.

Projetando a *fineza* de Cristo em Xavier, Vieira considera dois tipos de aparições (ou milagres) executados por Xavier. O primeiro deles diz respeito àqueles momentos em que o Santo não era invocado e obrava milagres, como quando curou, na Índia, um cego que não tinha nem os olhos, nem a vista; apareceu a uma mulher que estava à beira da morte ; apareceu também a um índio de vida escandalosa. O segundo tipo de milagre ocorre quando o Santo pode é invocado, como por exemplo expulsando cinco demônios de uma mulher possuída na Calábria ou quando curou um padre seu devoto de ferida grave na cabeça, tendo o mesmo prometido ir ao Japão professar a fé de Cristo, onde se tornou mártir, morrendo decapitado e sendo, em seguida, queimado. Vieira considera mais fina a circunstância em que não há invocação:

“E suposto que a materia em que estamos he das **finezas** de Xavier; se me perguntarem em quaes se mostrou o Santo mais fino, respondendo, que nos primeiros; porque nos segundos teve alguma parte a nossa devaçam, os outoa foraõ todos inteiramente da sua caridade.”²³²

Em contrapartida, há dois casos curiosos, entre os que não rogaram a presença do Santo: o da mulher doente e o do índio. Quanto à mulher, não a curou, mas apareceu para dizer-lhe que morresse traquilha porque esta era a vontade de Deus; o índio, por sua vez, tendo visto três vezes o padre, não se emendou da vida libertina que levava, por isso o padre, para o punir, adoeceu-lhe gravemente; somente depois de reconhecer que o caminho cristão era mais adequado, foi curado. Nestes dois casos é de se estranhar que Xavier não favorecesse os que

²³² S.G.S.F.X. – Sermam Oitavo: Finezas, parte VIII, p. 348, volume X.

precisavam. Isso sem falar no terceiro caso, o do Padre Marcelo de Nápoles que empenha sua própria vida para que, paradoxalmente, Xavier a salve. Segundo Vieira, Xavier mostra-se, nestes casos, ainda mais fino, porque, embora não reconheçam ou não se sintam favorecidos, este era o caminho desejado por Deus. É notável a retorção²³³ intrínseca a esta ocorrência e, para novamente projetar o conceito ao procedimento, ao invés do contrário, podemos considerar que é a *fineza*, (uma vez que ela envolve consideração de um aspecto que não tinha sido notado e que é ainda mais espetacular do que os que anteriormente foram desenvolvidos), que permite o uso da retorção:

“E fendo tão ordinario nas suas maravilhas curar enfermos , & refulcitar mortos; que diremos, quando tira a vida aos vivos, & a faude aos faos? Tambem digo que esta foy em ambos os casos mayor **fineza** , porq aqui era mais necessaria à vida a morte, que a vida , & mais importante ao fã a enfermidade.”²³⁴

Quase na peroração, Vieira dirige-se diretamente ao seu auditório, dizendo que não é porque o Santo não fora invocado, ou estivesse oculto, que o milagre deixa de ser seu. Ao contrário, o “anonimato”, isto é, a despreocupação em ter os créditos do milagre evidencia a *fineza*, sinônimo, neste caso, de generosidade:

“Finalmente quando sem defejar, nem pedir coufa alguma a Xavier, succede a Seus devotos o que lhe deveramos agradecer, se tiveramos invocado a sua intercessão; nem por isso devemos cuidar que não são favores, & obras suas, não elle he o Autor dellas, antes entender que tanto são mayores **finezas**, quanto mais occultas; porque fazer o beneficio , & esconder a mão, assim como he mayor generosidade , assim he mayor **fineza**.”²³⁵

²³³ Cf. cap. II, Sítio, p. 25; pp. 32-33.

²³⁴ S.G.S.F.X. – Sermam Oitavo: Finezas, parte VIII, p. 349, volume X.

²³⁵ S.G.S.F.X. – Sermam Oitavo: Finezas, parte VIII, p. 349, volume X.

Finalmente, na última parte, para encerrar seu discurso, Vieira exalta o auditório a seguir um caminho mais cristão. Neste sermão, no entanto, diferentemente dos demais em que Cristo é o exemplo utilizado na peroração, o orador diz aos fiéis que sigam Xavier, o que é praticamente a mesma coisa, segundo pregou ao longo de todo o discurso. Ei-lo:

“E pofto que pelo que tem de milagrolas todas eftas **finezas**, parece que nos elfcusaõ da imitação ; pelo que importaõ às noffas Almas, naõ lõ temos obrigação de as imitar, mas ellas mefmas, fe o naõ fizermos, feraõ os mais rigurofos fífcaes de noffa condenação.”²³⁶

Se o “Sermão Oitavo” foi o das *Finezas*, o nono é o da crueldade, representada, metonimicamente, pelo braço de Xavier morto. Narra este sermão, o último da novena, que o morto foi Xavier, mas quem perdeu a força de seus acidentes foi a própria morte, porque o Santo conservou-se íntegro, mesmo sendo-lhe jogado cal por cima. Mais ainda: seu corpo, por onde passava, movimentava multidões para vê-lo e, inclusive, obrava milagres. Segundo Vieira, tal mercê foi-lhe concedida por Deus não por ser Santo, mas santificador, isto é, por tornar santas outras pessoas.

Tendo, enfim, o corpo de Xavier sido conservado não por um ou dois dias, mas por sessenta e três anos (o Santo morrera em 1551), em 1614 o Papa Paulo V pede, a título de relíquia do jesuíta, que não era ainda sequer beato, seu braço direito. Xavier estava em Gôa, aonde chegara morto com grandes pompas de um chefe de Estado e ficava exibido numa catedral, continuamente, para visitação. Os

²³⁶ S.G.S.F.X. – Sermam Oitavo: *Finezas*, parte IX, p. 350, volume X.

jesuítas responsáveis por executar a ordem papal deslocam-lhe para um cômodo mais interno, a fim de que toda Gôa não “defendesse o braço que tantas vezes a defendera”, como narra o próprio Vieira. A postos para cortarem-lhe o braço, há um tremor na Igreja que quase chega a ter paredes desabadas. Não é esta ainda a *fineza* de Xavier, ou do seu braço. O Papa, se fosse informado do que ocorrera, não se dissuadiria de seu pedido, pensam os jesuítas; quer o braço do homem morto. Os jesuítas, então, sem mais que fazer, imploram ao ouvido de Xavier que, pela “obediência cadavérica” à hierarquia que professa a Companhia, permita-lhes a licença de cortar seu braço. Invocada sua obediência, o pedido é prontamente atendido e o braço, cortado:

“Porèm o corpo morto de Xavier, morto, & sem vida, parte, & nam todo obedeceo com tal generofidade, & **fineza** ; que sendo naquelle eftado fô ametade de fi mefmo , confentio que atè dellã ametade lhe cortaffem hũa parte taõ principal; como fe differa : Com tanto que a obediencia fique inteira, efpedacefe embora o corpo, & cortem quanto quizerem.”²³⁷

Assim, segundo Vieira, o próprio Deus permitiu que se lhe cortassem o braço por dois motivos: por causa da Companhia, para que ficasse bem a obediência que professava; e para que Xavier, ainda que morto, padecesse o martírio que tanto desejou. Assim acaba a novena dos “Sermões Gratulatórios a São Francisco Xavier”.

²³⁷ S.G.S.F.X. – Sermam Nono: Braço, parte VIII, p. 370, volume X.

Há, ainda, o “Sermão Décimo: da sua Canonização” e o “Sermão Undécimo de seu Dia” para serem analisados. Do primeiro, cujo tema é retirado de Mateus²³⁸, o argumento principal é que Francisco de Xavier foi canonizado pelo Papa Gregório XV sob a invocação de que Deus glorificasse quem tanto O glorificara. O sermão é pregado justamente no dia de São Gregório Magno. A intenção dos atos de Xavier, no entanto, não eram para glória sua, mas de Deus, como expresso no tema.

Vieira desenvolve-o - depois de enumerar as diversas cidades conquistadas por Xavier - comparando-o com a luz que, quando reflete num espelho, torna reta para donde veio. Xavier, ao contrário, funcionava como o sol no versículo de 1 Macabeus 6, 39: “Quando o sol brilhou sobre os escudos de ouro e de bronze, com o seu reflexo resplandeceram os montes, resplandeceram como fachos de fogo.” Isto quer dizer que Xavier, fazendo como o sol, faz os homens (escudos) verem além de si, agindo, portanto, como “luz oblíqua”. Esta foi sua maior *fineza*, ter clareado o caminho dos homens em direção a Deus:

“Este foy o ponto mais fubido e mais alto do zelo, da fidelidade, & da **fineza** de Saõ Francisco Xavier: esta entre todas as suas obras , a mayor obra: esta, entre todas as suas virtudes, a mais pura virtude: este, entre todos os seus milagres, o mais estupendo milagre; & este finalmente, como no principio affentâmos, o folido, & fundamental merecimento, porq era devida a gloria da Canonizaçaõ, depois da morte, a quem taõ fielmẽte dera a Deos a gloria de todas as suas obras na vida.”²³⁹

²³⁸ “Guardai-vos de fazer as boas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles, doutra sorte não tereis direito à recompensa do vosso Pai, que está nos céus.” (Mateus 6, 1).

²³⁹ S.G.S.F.X. – Sermam Décimo da sua Canonização, parte VII, p. 415, volume X.

O “Sermam Undécimo de Seu Dia” tem por tema o Evangelho de São Marcos²⁴⁰ e foi pregado no dia de São Francisco Xavier, 3 de dezembro. A exemplo dos sermões da novena de Xavier, este também é desenvolvido antiteticamente, desta vez entre os pés de Xavier e as línguas que ele falava, que eram tantas quantos fossem os lugares por ele percorridos. Quanto aos pés de Xavier, Vieira calcula que ele tenha andado trinta e seis mil léguas. Sendo o diâmetro da Terra de três mil, Vieira diz que ele andou uma Terra por cada um dos doze apóstolos.

Tendo, pois, Xavier edificado tanto com seus pés e sua língua, há uma circunstância extrema que lhe objeta a *fineza*. Xavier partiu com o embaixador de Portugal e foi até a Espanha, passando pelo reino de Navarra onde vivia sua mãe viúva, D. Maria de Azpicueta y Xavier. Ainda que insistissem para que dela se despedisse, pois nunca mais se veriam nesta vida já que embarcava para o Oriente, Xavier por modo algum quis visitá-la. Até Cristo, que se mostrou tão alheio ao amor de carne e sangue por sua mãe, antes de morrer dela se despediu. Neste ponto, Vieira argúi que Xavier entendeu que, sendo Maria a mãe de Deus, para nenhuma outra se devia fazer tal reverência. Segundo Vieira, o próprio Cristo ficou admirado da *fineza* do pensamento de Xavier:

“E o mesmo Christo fez tanto caso, & estimaçam deste mais que natural delápego, que entendo eu, (deixaime assim dizer) o quiz gratificar, & pagar dizendo assim comfigo : Xavier caminhando a me servir andou tão fino, que se não quiz despedir de sua Mãe, como eu me despedi da minha? pois a **fineza**, que eu não fiz por minha Mãe, hey de fazer por elle.”²⁴¹

²⁴⁰ “Disse-lhes: Ides por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura.” (Marcos 16, 15).

²⁴¹ S.G.S.F.X. – Sermam Undecimo do seu Dia, parte IX, p. 461, volume X.

Quanto a Xavier, estando um dia no mar sob pavorosa tempestade, lançou o crucifixo que trazia ao peito amarrado por fina corda ao mar, como se fosse uma âncora. A tempestade parou e, quando foi recolher sua âncora, achou a cordinha rebentada. Desconsolado, alguns dias depois andando pela praia, eis que Xavier vê um caranguejo que trazia nas antenas seu crucifixo e o entrega em mãos. Esta foi a *fineza* que Cristo fez por Xavier: quando sua Mãe o perdeu, não foi buscá-la, mas quando Xavier o perde, a ele retorna:

“Deixo os extremos de devação, & amor, com que postrado de joelhos, & abraçado cõ o feu Senhor se deteve extático, & fôra de fôr Xavier por espaço de mea hora, como testemunhou quem o acompanhava ; porque me chama o meu ponto. De forte que a Virgem Maria perdeu a Christo, & Xavier perdeu a Christo ; mas Christo quando o perde sua Mãe, não busca a sua Mãe, & quando o perde Xavier, busca a Xavier. Logo he certo , & provado q fez Christo hũa **fineza** por Xavier, que não fez por sua Mãe.”²⁴²

Como já expressei em muitas ocorrências anteriores, o Cristo capaz de obrar tais milagres é o crucificado, porque traz as marcas de seu sofrimento e da conseqüente redenção dos homens:

“E para mayor propriedade, & correspondencia do caso, fez esta **fineza** hũ Crucifixo, isto he, Christo crucificado ; porque era em premio, parte do desapego, & parte da reverencia com que Xavier não quiz imitar o exemplo ,com que Christo também crucificado se despedio tão amorosamente de sua Mãe.”²⁴³

Por último, Vieira equivoca os três tipos de câncer que há: o do céu, no zodíaco; o da terra, que é a própria doença por este nome conhecida; e o do mar, que é o caranguejo. O Câncer do céu, que marca o Trópico do mesmo nome, foi ultrapassado por Xavier para que chegasse à Índia; o da terra (cancro, doença

²⁴² S.G.S.F.X. – Sermão Undécimo do seu Dia, parte IX, p. 462, volume X.

²⁴³ S.G.S.F.X. – Sermão Undécimo do seu Dia, parte IX, p. 462, volume X.

sexualmente transmitida que causa eupções na pele), “comeu” a boca dum homem que blasfemava, nas mesmas terras orientais, contra Deus; o do mar, enfim, devolveu a Xavier o Cristo. Sendo, pois, este que obrou a *fineza do amor de Cristo* para com Xavier- *exemplum* e exemplar o mais significativo - Vieira diz que seu discurso dali não pode passar, que dirá do nosso:

“Chamafê Tropico de Cancro, porque chegando alli o Sol torna para traz, & não pôde passâr dalli. E o mesmo digo eu do Divino Sol Christo. Quando Christo perdido de sua Mãy não vay buscar a sua Mãy, & perdido de Xavier vay buscar a Xavier ; entãõ he que as **finezas** do Sol Divino chegãrãõ ao Tropico ; porque atê alli podiaõ chegar, as nam pafâr dalli : ponhaõse duas clumnas huma no Ceo, outra na terra, que digaõ: *non plus ultra*.”²⁴⁴

²⁴⁴S.G.S.F.X. – Sermam Undecimo do seu Dia, parte IX, p. 462, volume X.

VIII - *Peroratio*

Enfim chegamos à conclusão deste trabalho de análise. De tudo que nas mais de cem páginas anteriores ficou escrito, algumas coisas podemos ressaltar quanto à noção de *fineza do amor*. Há três tipos de categorias em que desenvolvemos os diversos significados dos empregos que estudados: 1) definição de *fineza*; 2) Procedimentos retóricos (finos e agudos); e 3) *Exempla*.

Dentro do primeiro grupo, encaixam-se as definições desenvolvidas nos quatro primeiros capítulos do desenvolvimento, que trataram do núcleo de “Sermões do Mandato”. Por sua vez, as sub-categorias que compõem este grupo são quatro, a saber: do capítulo II, *Sitio*, tem-se que *fineza* é definida “não-ignorância” ou ciência; no capítulo III, *Et vos debetis alter alterius lavare pedes*, definiu-se *fineza* como o “não merecimento”; no IV (*In finem dilexit eos*) e no V (*Fortis est ut mors dilectio*), a definição mais precisa de *fineza* foi a de “não-presença” e “não-inclinação natural.”

Na segunda categoria estão os procedimentos agudos que operam o conceito de *fineza do amor* em “mão dupla”, porque são, de certa forma, concernentes a sua definição, sendo, também finos. Os principais procedimentos estudados foram a “agudeza por exageração”; a “agudeza por enigma”; a “retorção”; os “nexos equívocos”; a evidência; e as figuras da metáfora, metonímia e antítese.

Compondo o último grupo, está o *exemplum*, com destaque especial para figura de São Francisco Xavier, desenvolvida no capítulo VII: *Perinde ac Cadaver*, que desempenhou papel fundamental com relação à *fineza*, por ser esta um conceito, sobretudo, superlativo. É necessário ressaltar que o *exemplum*, é também procedimento retórico, mas foi apresentado a parte devido ao destaque encontrado no *corpus* estudado.

Todos estes três grupos de categorias mobilizados em conjunto permitem à noção de *fineza do amor* um desenvolvimento ao mesmo tempo sacro, retórico e exemplar, posto que predicado da figura de Cristo.

Por fim, para terminar donde partimos é necessário ressaltar que a *fineza* somente é pertinente às figuras, ao mesmo tempo, divina e humana, Cristo e, por extensão, São Francisco Xavier.

Estas considerações sobre os grupos de categorias podem ser examinadas nos apêndices a seguir.

IX - Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, Santo. *"La morale chrétienne" e "Problèmes moraux"*, in: *Oeuvres de Saint Augustin*. Paris, D. Brown, 1948.
- _____. *A verdadeira religião*. São Paulo, Paulinas, 1992.
- _____. *O livre-arbítrio*. São Paulo, Paulus, 1995.
- _____. *La cité du Dieu*. Paris, Librairie Garnier Frères, 1941-6.
- _____. *Confissões*. Braga, Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.
- ALLAN, D. J. *A Filosofia de Aristóteles*. Lisboa, Editorial Presença, 1972.
- ANSELMO, Santo. *Monologio, Proslogio, A verdade, O gramático, Lógica para Principiantes, A história das minhas Calamidades*. São Paulo, Abril Cultural, 1984.
- AQUINO, Santo Tomás de. *Os pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1973.
- ARISTOTE. *Rhétorique (Livres I, II, III)*. Paris, Les Belles Lettres, 1965.
- ARISTOTE. *Éthique de Nicomaque*. Paris, Garnier-Flammarion, 1965.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1985.
- _____. *Categorias*. Porto, Porto Editora, 1995.

- ASIOLI, Luigi. *Manuale di Eloquenza Civile e Sacra*. Milano, Ulrico Hoepli, Editore Libraio della Real Casa, 1915.
- ASSIS, Raquel Martins de. *Ordem e fineza do amor: uma contribuição à história das idéias psicológicas na cultura luso-brasileira do período colonial*; USP/FFCLRP; Ribeirão Preto; 1998.
- AZEVEDO, J. Lúcio de. *História de António Vieira*. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1931, 3v.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. 2 ed. rev. São Paulo, Perspectiva, 1987.
- BARROS, João de. *Panegíricos (Panegírico de D. João III e da Infanta D. Maria)*; Livraria Sá da Costa; Lisboa; Portugal, 1943.
- BAUER, Johannes B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo, Loyola, 1984, 2 vols.
- BARUZI, J. *Saint Jean de la Croix et le problème de l'expérience mystique*. Boivin, 1949.
- BESSELAAR, José van den. *Antônio Vieira Profecia e Polêmica*. Rio de Janeiro, Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2002.
- BODEI, R. *Geometría de las Pasiones – miedo, esperanza, felicidad: filosofía y uso político*. México, Fondo de Cultura Económica, 1995.
- CANTEL, Raymond. *Prophetisme et Messianisme dans l'Oeuvre d'Antoine Vieira*. Paris Ediciones.
- CARNOT, Edith. *A serviço do amor*. Rio de Janeiro, Vozes, 1973.
- CÍCERO. *L'orateur*. Paris, Les Belles Lettres, 1984.
- CIDADE, Hêrmani. *Padre Antônio Vieira*. Lisboa, Editorial Presença, 1985.

- CLEMENT, Marcel. *Un seul coeur, une seule âme, une seule chair*. Paris, Editions de l'Escalade, 1977.
- COHEN, Thomas M. *The fire of tongues. António Vieira and the missionary church in Brazil and Portugal*. Standford, Standford University Press, 1998.
- COSTA, José Silveira da. *Tomás de Aquino: a razão a serviço da fé*. São Paulo, Editora Moderna, 1993.
- COVARRUBIAS Orozco, Sebastián de. *Tesoro de la Lengua Castellana o Española*; edición de Felipe C. R. Maldonado; Nueva Biblioteca de Erudición y Crítica, Editorial Castalia; 1995; Madrid; España.
- Dicionário de Lingüística* (vários autores). Editora Cultrix; São Paulo; 1997/98.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Lisboa, Edições Cosmos, 1976.
- FÈVRE, L. *Amour sacré, amour profane*. Paris, Les Belles Lettres, 1944.
- FLORESCU, Vasile. *La réthorique et la néo-réthorique*. Paris, Les Belles Lettres, 1985.
- FONTANIER, Pierre. *Les figures du discours*. Paris, Flammarion, 1968.
- FUMAROLI, Marc. *L'âge de l'éloquence. Rhétorique et "res literaria" au seuil de l'époque classique*. EPHE, Genève, Droz, 1980.
- GILSON, Etienne. *Introduction à la philosophie chrétienne*. Paris, Libraire Philosophique J. Vrin, 1947.
- _____ & BOEHNER, Philoteus. *História da Filosofia Cristã - Desde as Origens até Nicolau Cusa*. 3 ed. Petrópolis, Vozes, 1985.
- _____ *La théologie mystique de Saint Bernard*. Paris, Libraire Philosophique J. Vrin, 1986.

- _____. *Introduction à la philosophie chrétienne*. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1960.
- _____. *Le Thomisme – Introduction au Système de Saint Thomas d’Aquin*, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1982.
- _____. *L’esprit de la Philosophie Médiévale*. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1989.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo, Paz e Terra/UNESP, 1990.
- GODFERNAUX. *Le sentiment et la pensée*. Paris, Alcan, 1935.
- GRACIÁN, Baltasar. *Agudeza y Arte de ingenio*; Edición de Evaristo Correa Calderón; Editorial Castalia; Madrid; 1987; 2 tomos.
- GRAHAM, Thomas Richard. - *The Jesuit Antônio Vieira und his Plan fur the Economic Rehabilitation of Seventeenth Century*. São Paulo. Divisão de Arquivo de Estado. 1978.
- GUI, B. *Manuel de l’inquisiteur* (trad. e introd. G. Mollat). 2 vols, Paris, 1920-7.
- GUIILLOUX, P. *L’amour de Dieux selon Saint Bernard*; in: *Revue des Sciences Religieuses*, Octobre 1926, Janvier 1927, Janvier 1928.
- História da Literatura Portuguesa (Ilustrada)*. Fascículo XXXI, 7ª do vol. III, pulicada em 1928 pela Academia das Ciências de Lisboa, sob a direção de Alino Forjaz de Sampaio.
- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: Construção e Interpretação da Metáfora*. São Paulo, Atual, 1987.

- _____. *A Sátira e o Engenho(Um estudo da Poesia Barroca Atribuída a Gregório de Matos e Guerra - Bahia - 1682-1694)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- _____. *“Vieira: estilo do céu, xadrez de palavras”*; in: *Discursos 9*. São Paulo, FFLCH-USP; Livraria Ciências Humanas, 1979.
- HICK, John. *Filosofia da Religião*. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
- HONORATI, Antônio. - *O Chrysóstomo Portugues ou o Padre Antônio Vieira da Companhia de Jesus n'um Ensaio de Eloquência compilado dos seus Sermões segundo os Princípios da Oratória Sagrada. (Coletânea Comentada)*. Lisboa; Mattos Moreira & C. 1878-1881. 4 vols.
- KARNAL, Leandro. *Teatro da Fé (Representação Religiosa no Brasil e no México do Século XVI)*. São Paulo, Editora Hucitec, 1998.
- KÜNG, Hans. *Structure de l'Église*. Paris, Desclée Brouwer, 1963.
- LACOUTURE, Jean. *Os Jesuítas (I – Os conquistadores)*. Porto Alegre, L&PM, 1991.
- LAUSBERG, Heinrich. *Manual de Retórica Literaria (Fundamentos de una ciencia de la literatura)*; Editorial Gredos, Madrid, 1975, 3 tomos.
- LE GOFF, Jacques. *O Homem Medieval*. Lisboa, Presença, 1988.
- _____. *Os intelectuais da Idade Média*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- LIMA, Geraldo de Araújo. *Em primeiro lugar: meditações sobre o amor*. Petrópolis, Vozes, 1931.
- ORDUÑA, R. R. & BARTRES, G.M.& ASPITARTE,E.L. *Práxis Cristã- Moral Fundamental I*. São Paulo, Edições Paulinas, 1983, vol. 1.

- OSAKABE, Haquira. *Argumentação e discurso político*. São Paulo, Kairós, 1978.
- PAVAN, Pietro. *Deus, o homem e a técnica*. São Paulo, Paulinas, 1973.
- PLEBE, A. "Retorica Aristotelica e Logica Stoica". *Filosofia*, 1, 1959.
- PÉCORA, A. *Teatro do Sacramento*. São Paulo, Ed. Unicamp/Edusp 1994.
- _____. "O demônio mudo", in: *O olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- _____. "O desejado", in: *O Desejo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- PÉCORA, Alcir (org.). *Poesia Seiscentista*; Hedra, São Paulo; 2002; Introdução de João Adolfo Hansen.
- QUINTAS, Affonso Lopez. *O amor humano e seu alcance*. São Paulo, Vozes, 1995.
- QUINTILIANO. *Instituições Oratórias*. São Paulo, Cultura, 1984, 2 vols.
- RAHNER, Karl e outros. *Sacramentum Mundi (Enciclopédia Teológica)*. Barcelona, Herder, 1973, 6 vols.
- RODRIGUES, F. *História da Companhia de Jesus na Assitência de Portugal*, vol. I, Porto, 1944.
- ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o Ocidente*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.
- _____. *Comme toi-même: essais sûr les mythes de l'amour*. Paris, A. Michel, 1961.
- ROUSSELOT, P. *Pour l'histoire du problème d'amour au moyen âge*. Münster, Aschendorff, 1942.
- SARAIVA, Antônio José. *O Discurso engenhoso*. São Paulo. Perspectiva. 1980.
- SÉNECA, Lucio Anneo. *Tratados Filosóficos*. Libreria "El Ateneo" Editorial, Buenos Aires, 1952.

- SERTILLANGES, R. P. *La Philosophie Morale de St. Thomas d'Aquin*. Paris, Vrin, 1946.
- SEVE, André. *El hombre vive de amor*. Madrid, Ediciones Paulinas, 1987.
- SHEEN, Fulton J. *O mistério do amor*. Rio de Janeiro, Agir, 1959.
- SCHUER, Henrich e outros. *Dicionário de Teologia*. Petrópolis, Vozes, 1970-1, 5 vols.
- SUENENS, Joseph Lion. *Amor y dominio de sí*. Madri, Rialp, 1961.
- TESAURO, Emanuele. *Il Canocchiale Aristotelico*. Berlim, Verlag Gehlen, Bad Homburg v.d.H., 1968 (versão facsimilar da edição de 1670).
- THIBON, Gustave. *O que Deus uniu: ensaio sobre o amor*. Lisboa, Aster, 1965.
- VERHEUL, Ambroos. *A estrutura Fundamental da Eucaristia*. São Paulo, Edições Paulinas, 1982.
- VIEIRA, Pe. António - *Sermões do Padre António Vieira*; Editora Anchieta; São Paulo, Brasil; Biblioteca Facsimilar de Autores Clássicos; 1945; XV volumes.
- VIEIRA, Padre Antônio. *Escritos Históricos e Políticos*. Martins Fontes, São Paulo, 1995. (estabelecimento dos textos, organização e prefácio de Alcir Pécora).
- VOLTA, Giovanni. "Indagine filosofica sull'amore", in: *Enciclopedia del matrimonio*. Bresca, Queriniana, 1968.

X - Apêndices

Desta parte constam todos os empregos de *fineza* estudados (apêndice I), e sua reorganização a partir dos sentidos encontrados nesta dissertação (demais apêndices).

Apêndice I

Deste apêndice constam todas as ocorrências da tópica *fineza* tal como aparecem na edição facsimilar da *Editio Princeps*²⁴⁵. Os empregos aparecem divididos por sermão, ano de pregação, parte (do sermão) e página da referida edição. Assim, a sigla “S.M. 1645 - I” quer dizer “Sermão do Mandato, pregado em 1645, parte I”; da mesma forma que “S. P. S-F. Q. 1644 - V” significa “Sermão da Primeira Sexta-Feira da Quaresma, pregado em 1644, parte V” e “S.G.S.F.X. - Sermam Oitavo: Finezas” significa “Sermão da Glorificação de São Francisco Xavier, Sermão Oitavo: Finezas.” Os números arábicos que antecedem cada ocorrência serão úteis para separar os diferentes sentidos dados ao conceito de *fineza*.

S.M. 1645 - I

1) “Mas fe o fim, & intêto de ambos era o mesmo: fe o fim, & o intento de Christo, & do Evangelista era manifestar gloriosamente ao mundo as **finezas** do seu amor; porque razão o Evangelista fe emprega todo em pôderar a sabedoria de Christo, & Christo em advertir a ignorancia dos homens?” (§ 403, p. 372)

2) “Pois paraque o mundo levante o penfamento de confideraçoes vulgares, & comece a sentir tam altamente das **finezas** do amor de Christo, como ellas merecem; advirtafe (diz o Evangelista) que Christo amou, sabendo: *Sciëns Jesus*: & advirtafe (diz Christo) que os homens foraõ amados, ignorando: *Tu nefcis*.” (§ 403, p. 373)

3) “Vá agora o Amor deſtorcendo eſtes fios. E eſpero que todos veção a **fineza** delles.” (§ 404, p. 373)

S.M.1645 – II

²⁴⁵ VIEIRA, Pe. António - *Sermões do Padre António Vieira*; Editora Anchieta; São Paulo, Brasil; Biblioteca Facsimilar de Autores Clássicos; 1945; XV volumes.

4, 5) “He tal a dependencia, que tem o amor destas duas supposições, que o que parece **fineza**, fundado em ignorância, não he amor: & o q não parece amor, fundado em sciencia, he grande **fineza**.” (§ 406, p. 374)

6) “Esta resolução de São Pedro considerada, como a considerou Origenes, foy o mayor acto de amor, que se fez, nem pôde fazer no mundo; porque se Christo nam hia morrer a Jerusálem, não se remia o genero humano; se nam se remia o genero humano, S. Pedro não podia ir ao Ceo: & que quizesse o grande Apostolo privarse da gloria do Ceo, porque Christo não morresse na terra: que antepuzesse a vida temporal de seu Senhor á vida eterna sua; foy a mayor **fineza** de amor ,a que podia aspirar o coração mais alentado.” (§ 406, p. 374)

7) “Contraponhamos agora esta acção de Christo na Cruz, & a de São Pedro no Tabor. A de S. Pedro, parece, que tem muyto de **fineza**, a de Christo, parece, que não tem nada de amor: Se será isto allí?” (§407, p.375)

8) “O que em S. Pedro parecia **fineza** não era amor: porque estava fundado em ignorancia: *Nesciens quid diceret*.” (Luc. 9, 33; § 408, p. 375)

9) “O que em Christo não parecia amor, era **fineza**: porque estava fundado em sciencia: *Sciens quia omnia consummata sunt, ut consumaretur scriptura, dixit, Sitio*.” (Jo 19, 28; §408, p.375)

10) “E allí todas aquellas **finezas**; que consideravamos, pareciaõ amor, & eram ignorancias: pareciam affectos da vôtade, & erão erros do entendimento.” (§ 408, p.375)

11) “E allí aquellas tibiezas, que confieravamos, parecia, que não eraõ amor, & eram as mayores **finezas**: parecia, que eraõ hum desejo natural, & eraõ o mais amoroso, & requintado affecto.” (§409, p.376)

12, 13) “Deforte ,que a sciencia, com que obrava Christo, & a ignorancia, com que obrava Pedro, trocarão estes dous affectos de maneira, que o que em Pedro parecia **fineza**, por ser fundado em ignorancia, nam era amor; & o que em Christo não parecia amor, por ser fundado em sciencia, era **fineza**.” (§ 409, p. 376)

14) “Se não se conhecesse a si, tal vez empregaria o seu pensamento, onde o não havia de pôr, se se conhecesse. Se não conhecesse a quem amava, tal vez quiereria com grandes **finezas**, a quem havia de aborrecer, se o não ignorara. Se não conhecesse o amor, tal vez se empenharia cegamente no que não havia de emprender, se o soubesse. Se não conhecesse o fim, em que havia de parar amando, tal vez chegaria a padecer os danos, a que não havia de chegar, se os previra.” (§ 410, p.377)

S.M. 1645 – IV

15) “Se o de Christo foy verdadeyro amor, & verdadeyra **fineza**; porque amou os seus como eraõ, & com inteira sciencia do que eraõ: ao inimigo sabendo o seu odio, ao ingrato, sabendo a sua ingratidão, & ao traydor, sabendo a sua deslealdade: *Sciebat enim quisnam effret, qui traderet eum.*” (§ 416, p.382)

16) “Taõ inteiramente conhecia Christo a Judas, como a Pedro, & aos demais; mas notou o Evangelista com especialidade a sciencia do Senhor, em respeyto de Judas; porque em Judas mais que em nenhum dos outros campeou a **fineza** do seu amor.” (§ 417, p. 383)

17) “[Definindo Saõ Bernardo o amor fino, diz allí: *Amor non quærit causam, nec fructum.* O amor fino não busca causa, nem fruto. Se amo, porque me amam, tem o amor causa; se amo para q me amem, tem fruto: & o amor fino não ha de ter porque, nem para que. Se amo, porque me amam, he obrigação; faço o que devo: se amo, para que me amem, he negociação, busco o que dezejo. Pois como ha de amar o amor para ser fino?] *Amo, quia amo; amo, ut amen:* amo, porque amo, & amo para amar. Quem ama porque o amam, he agradecido, quem ama, para que o amem, he interesseiro: quem ama, não porque o amam, nem para que o amem, esse só he fino. E tal foy a **fineza** de Christo, em respeyto de Judas, fundada na sciencia, que tinha delle, & dos demais Discipulos.” (§ 417, p. 383)

18) “Pelo contrario Judas, nem amava a Christo, porque o vendia, nã o havia de amar, porque havia de perseverar obstinado até a morte: & amar o Senhor a quem o não amava, nem o havia de amar, era amar sem causa, & sem fruto, por isso a mayor **fineza.**” (§ 418, p. 384)

19, 20) “Por isso dá o titulo de amigo só a Judas, não porque lhe merecesse o amor, mas porque lhe acreditava a

fineza. Amar por razões de amar, isso fazem todos ; mas amar com razões de aborrecer, só o faz Christo. Fez das offensas obrigações, & dos agravos motivos, porque era obrigação do seu amor chegar à mayor **fineza**: *In finem dilexit.*” (§ 418, p. 384)

S.M. 1645 – V

21, 22) “Que Jonatas se resolvesse a David, quando não conhecia as payxoens deste tyrano affecto; não foy muyta **fineza**; mas depois de conhecer seus rigores, depois de sofrer suas semrazões, depois de experimentar suas crueldades, depois de padecer suas tiranias, depois de sentir suas ausências, depois de chorar fraudes, depois de resistir contradições, depois de atropellar difficuldades, depois de vencer impossíveis: arriscando a vida, desprezando a honra, abatendo a authoridade, revelando secretos, encobrando verdades, desmentindo espias, entregando a alma, fogueitando a vontade, cativando o alvedrio, morrendo dentro em si, por tormento, & vivendo em seu amigo, por cuidado: sempre triste, sempre affligido, sempre inquieto, sempre constante: a pezar de seu Pay, & da fortuna de ambos (que todas estas **finezas**, diz a Escriitura fez Jonatas por David) q depois, digo, de tão calificadas experiencias de seu coração, & de seu amor, se resolvesse segũa vez a fazer juramêto de sempre amar? Isto si he amor.” (§421, p.386)

S. M. 1645 – VI

23) “O certo he (diz Agostinho) que debayxo da metaphora do Sol material, fallou David do Sol Divino Christo , que só he Sol com entendimento. E porque ambos forão muy parecidos em correr ao seu occaso,por isso retratou as **finezas** de hum nas insensibilidades do outro.” (§ 427, p.391)

S.M 1645 – VII

24) “Se os homens querem saber a **fineza** , com que os amey, não a ponderem pela minha sabedoria, ponderem-na pela sua ignorancia.” (§ 430, p. 393)

S. M. 1645 – VIII

25) “E porque esta falta de conhecimento, he o que mais sente, & mais deve sentir quem ama: por isso ponderou Christo à **fineza** de seu amor,não pela circumstancia da sua sciencia, senão pela de nossa ignorancia: *Quod ego facio, tu nescis.*” (§ 434, p. 397)

S.M. 1645 – IX

26, 27) “Como formais logo desculpas a nossas ingrátidoens, donde podieis crescer motivos a vossas **finezas**? Cuidey, que tinha dito a mayor de todas; mas esta foi a mayor. Chegou Christo a diminuir o credito de seu amor, para dissimular, & encobrir os defeitos do nosso, & quiz parecer menos amante, só para que nós parecessemos menos ingratos. Assim uzou da ignorancia dos homens, sendo a consideração da nossa ignorancia o mais apurado motivo da sua **fineza**.” (§ 435, p.398)

28) “ Porque não pôde chegar a mayor **fineza** hum amante, que a estimar mais o credito do seu amado, que o credito do seu amor.” (§ 436, p. 399)

29) “A ingratidão acrefcitava a **fineza**, a necessidade diminuia o amor, & quiz Christo parecer menos amante, para que os homens parecessem menos ingratos. Assim amou no principio da vida, & assim acabou no fim della.” (§ 436, p. 399)

S.M 1650 – I

30) “ Então foram maiores as demonstraçoens, maiores os extremos, maiores os rendimentos, maiores as ternuras, maiores em fim todas as **finezas**, q cabem em hum amor humanamente divino , & divinamente humano: porque naquela clausula final ajuntou o fim com o fino: *In finem dilexit eos*.” (§ 334, p. 334)

31, 32, 33) “Suposto que no amor de Christo as **finezas** do fim foram maiores que as de todo o tempo da vida, entre as **finezas** do fim qua foy a mayor **fineza**?” (§ 335, p. 334)

34, 35, 36, 37) “O Evangelista compára as **finezas** do fim com as **finezas** de toda a vida , & resolve que as do fim foram maiores: eu comparo as **finezas** do fim entre sy mesmas; & pergunto, destas **finezas** mayores qual foy a mayor?” (§ 335, p. 334)

38, 39) “O estylo que guardarey neste discurso , para que procedamos com muita clareza fará este: referirey primeiro as opinioens dos Santos, & depois direy tambem a minha ; mas com esta differença, que nenhuma **fineza** do amor de Christo me darão , q eu não dê outra mayor : & a **fineza** do amor de

Christo que eu differ, ninguem me ha de da outra igual.” (§ 335, p. 335)

40) “Mas para que os coraçoes humanos , costumados a ouvir tibiezas cõ nome de encarecimentos , não se enganem na femelhãça das palavras em descredito de voffo amor;protesto que tudo o que differ de suas **finezas**, por mais que eu lhe queira chamar as mayores das mayores,não faõ exageraçoes , fenaõ verdades muito defaffectadas;antes não chegãõ a fer verdades , porq faõ aggravado dellas.” (§ 336, p. 335)

41) “Vòs , Senhor, q conheceis voffo amor, o engrandecey, vòs que fõ comprehendeis , o louvay; & pois he força , & obrigaçãõ que nós tãbem fallemos , passe por hũa das mayores **finezas** suas sofrer que e voffa preferença digamos tam pouco delle.” (§ 336, p.336)

S.M. 1650 – II

42, 43) “Entrando pois na noffa questãõ , qual **fineza** de Christo he a mayor das mayores? Seja a primeira opiniaõ de Santo Agostinho , que a mayor **fineza** do amor de Christo para com os homens foy o morrer por elles.” (§ 337, p. 336)

44, 45, 46) “Com licença porẽm de S. Agostinho, & de todos os Santos , & Doutores,que o seguem , que faõ muitos ; eu digo que o morrer Christo pelos homens não foy a mayor **fineza** de seu amor: mayor **fineza** foy em Christo o auferirse,que o morrer : logo a **fineza** do morrer não foy a mayor das mayores.” (§ 338, p. 337)

47) “Porque o intento do Evãgelista era encarecer , & ponderar muito o amor de Christo:*Cum dilexisset, dilexit*:& muito mais encarecida , & ponderada ficava a sua **fineza** em dizer que se partia, do que em dizer que morrera.” (§ 338, p. 337)

48) “A morte de Christo foy tam circunstaciada de tormentos, & afrontas padecidas por noffo amor, que cada circunstancia della era hũa nova **fineza**: com tudo de nada disto faz menção o Evangelista , tudo passa em silencio, porque achou que encarecia mais com dizer em hũa só palavra que se partira, que com fazer dilatadas narraçoens dos tormentos, & afrotas, (posto que tam excessivas) com que morrera: Ut transeat ex hoc mundo: in finem dilexit eos.” (§ 338, p. 338)

49) “E se o amor da Madalena, que era menos fino, avaliava assim a causa a sua dor entre a morte, & a ausencia; que faria o amor de Christo, que era a mesma **fineza**?” (§ 340, p. 339)

S.M. 1650 – III

50) “Para ponderarmos bem o fino desta **fineza**, que ainda não está ponderado, havemos de entender, & penetrar bem o que era em Christo o ausentarse, & o que era o morrer.” (§ 342, p. 340)

S.M. 1650 – IV

51) “Daqui se segue, q tantas vezes morre Christo naquella sacrificio, quantas se faz presente naquella Sacramento. Oh excessiva **fineza** de amor!” (§ 344, p. 342)

52, 53) “E se me replicação com a autoridade de Christo *Maiorem hac dilectionem nemo habet* : que o morrer he a maior **fineza** ; Responde S. Bernardo, que fallava Christo das **finezas** dos homens, não das suas.” (§ 344, p. 343)

54, 55, 56, 57) “Mas eu respondo, que ainda que fallasse das suas, se prova melhor o nosso intento. Se o morrer he mayor **fineza**, & o ausentarse he mayor que o morrer ; segue-se que a **fineza** de se ausentar não foy mayor **fineza** entre as grandes, senão mayor entre as mayores : foy hũa **fineza** mayor q a mayor: *Maiorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis.*” (§ 344, p. 343)

S.M. 1650 – V

58, 59) “Diz S. Thomás que a mayor **fineza** do amor de Christo hoje foy deixarse com nosco, quando se ausentava de nós. E verdadeiramente que o ir, & ficar, o partirse, & não se partir, o deixar-se a si, quando nos deixava a nós, não ha duvida que foy grande **fineza**.” (§ 346, p. 344)

60, 61, 62) “Foy tam grande, que parece desfaz tudo, quanto até-gora temos dito ; porque ainda que no amor de Christo seja mayor **fineza** o ausentarse, que o morrer, a **fineza** de se deixar com nosco desfaz a **fineza** de se ausentar de nós.” (§ 346, p. 344)

63) “Com isto se representar assim, & com eu ser grande venerador da doutrina de São Thomás digo que o deixar-se com

nofo não foy a mayor **fineza** do feo amor: dou outra mayor” (§347, p. 344)

64, 65) “Mayor **fineza** foy no mefmo Sacramento o encobrirfe, que o deixarfe: logo a **fineza** de fe deixar não foy a mayor da mayores.” (§347, p. 344)

66, 67) “ Que foſſe mayor **fineza** o encobrirfe , que o deixarfe , foy buſcar remedio à ausencia ; iſſo he comodidade : o encobrirfe, foy renunciar os alivios da preſença; iſſo he **fineza**.” (§ 347, p. 344)

68, 69) “Absalaõ toda eſta **fineza** fala por amor do feo Pay David ; mas Chriſto melhor filho de David que Abſalaõ, ainda que no dia de hoje fe partia para feo Pay , não fez eſta **fineza** por amor de feo Pay , fala por amor de nós : *ut tranſeat ex hoc mundo ad patrem : in finem dilexit eos.*” (§ 351, p. 347)

S.M. 1650 – VII

70, 71, 72) “Já eu me dera por fatiſfeito , fe do mais interior do mefmo Sacramento não resultara hũa replica tam forte, q na diferença da comparação parece que desfaz a **fineza**. Mayor **fineza** he a de hum vivo ſem ver a quem ama , que a de hum morto ſem ſentir o que padece. Mas Chriſto no Sacramento tambem não ſente, porque eſtã alli impaſſível : logo não he **fineza** o não ver , onde fe não ſente a privação da viſta.” (§ 354, p. 349)

73) “E eſta he a **fineza** cruel , & terrivel ao amor, pela qual deixandoſe com os homens, fe condenou a não ver os meſmos porquem fe deixou. Com declaração, & ſentença final, & ſem embargos , que mais fez em fe encubrir , que em fe deixar.” (§ 359, p. 354)

S.M. 1650 – VIII

74) “A Terceira, & ultima opiniaõ he de S. Joaõ Chryſoſtomo, o qual tem para ſy , que a mayor **fineza** do amor de Chriſto hoje, foy o lavar os pès a ſeus Diſcipulos.” (§ 360, p. 354)

75) “Sendo tam fundada como iſto a opiniaõ de S. Chryſoſtomo, & dos outros Doutores antigos, & modernos, que a encarecem, & ſeguem ; eu cõtudo não poſſo conſentir que ſeja

esta a mayor **fineza** do amor de Christo hoje ; porque dentro do mesmo lavatorio dos pés darey outra mayor.” (§ 361, p. 355)

76) “Muyto foy , & mais que muito lavar os pés aos Discipulos ; mas lavalos tambem a Judas, ella foy a **fineza**.” (§ 361, p. 355)

S. M. 1650 – IX

77) “A **fineza** do amor mostrafe em igualar nos favores os que são desiguaes nos merecimentos : não em fazer do indignos dignos, mas em os tratar como se o fossem.” (§ 363, p. 357)

78) “E o amor fino (qual he sobre todos o amor de Pay) quando he igual na benignidade para os que a merecem, & desmerecem, nessas mesmas apparencias de menos justiça realça mais os quilates de sua **fineza**.” (§ 364, p. 358)

79) “E porque os outros Discipulos na grande differença de Judas se podião queixar desta igualdade , & dizer como os Operarios: *Parem illum nobis fecisti*; não desistio por isso o amor de Christo , antes se gloriou da mesma desigualdade, porque as queixas, quando as ouvesse da sua justiça, eram os mayores panegyricos da sua **fineza**.” (§ 364, p. 359)

80) “A mayor **fineza** que fizestes pelos homens na vossa encarnação, não foy fazervos homem como nós, mas tomar a natureza humana no mais baixo grao da sua fortuna, que he a de escravo: *Cum in forma Dei esset, formã serui accipiens*.” (§ 367, p. 360)

81) “Bem vejo que esta igualdade, que tanto admirais , & encareceis entre extremos tam desiguaes, não he para arguir injustiça no amor de Christo, mas para mais apurar a sua **fineza**.” (§ 368, p. 361)

82) “Seguefe que Christo paga a Pedro amor com amor, que he o que se chama correspondencia; porém a Judas pagalle odio com amor, em que propriamênte confiste a **fineza**.” (§ 368, p. 362)

83) “A mesma razão que depois teve no Calvario , teve agora no Cenaculo : & qual foy? A **fineza** de seu amor.” (§ 368, p. 362)

84) “E quando apenas ha qué morra pelo jufto, Chrifto para moltrar a **fineza** de feu amor morreo por juftos,& por injuftos.” (§ 368, p. 362)

85) “Parece que não quer o Discipulo amado que feja fino para outrem o amor de feu amante ; mas ouçame agora (que folgo de fallar com quem me entende) lhe direy o maior louvor do feu amor, & a mayor **fineza** do de Chrifto.” (§ 369, p. 363)

86) “O amor de Chrifto para com Joaõ não podia fer fino ; porq era tam alta a correfpondencia do amado , que fe lhe não engroffava as **finezas**, impedia que o follẽm.” (§369, p. 363)

87) “A amabilidade de Jonathas confiftia no amor , nos affectos, nas faudades, nas lagrimas, que levavaõ apos fy o coração , & a correfpondencia do amor de David: & a amabilidade de Saul confiftia no odio, na ingratidaõ , na enveja, nas perseguiçoens tantas, & tam obstinadas , cõ que por fy mefmo, & pelos feus lhe desejava beber o fangue, & tirar a vida: & eftas lhe provocavaõ as **finezas** do amor forte, & heroico , cõ que tantas vezes tendo-o debaixo da lança lhe perdoou a morte.” (§ 369, p. 363)

S.M. 1650 – X

88) “Acabemos com o mais fino de todas as **finezas** defte acto , comprehendendo defde o principio até o fim delle todos os Discipulos, & todo o lavatorio.” (§ 371, p. 364)

89) “A **fineza** tanto mayor quanto mais sentida de Chrifto nefta ultima Scena do feu amor, foy, que começou lavando, & acabou sem lavar.” (§ 371, p. 364)

90) “Defgraça grande, fe o Senhor não foubra o que havia de fer; mas fabendoo, como advertio o Evangelifta; por isso a mayor **fineza**.” (§ 371, p. 364)

91,92) “E como o Senhor fabia o mao grado que havia de colher defte feu cuidado, & diligencia ; que quando a devera mãdar cortar , & lançar no fogo, a regallẽ tam amorofamente como as demais, & perdesse o trabalho de fuas mãos, & tambem o regadio mais alto das fuas lagrimas, efta foy a **fineza** sobre **fineza** do lavatorio dos pès.” (§ 372, p. 365)

S.M. 1650 – XI

93) “Digo que a mayor **fineza** de Christo hoje, foy querer que o amor, com que nos amou, fosse divida de nos amarmos: *Et vos debetis alter alterius lavare pedes.*” (§ 373, p. 365)

94) “Amey-vos eu, cheguey a servirvos eu (diz Christo) pois quero que me pagueis essa **fineza**, & essa divida em vos amardes,& em vos servirdes huns aos outros.” (§ 373, p. 366)

95, 96, 97) “Digame agora a terra,& o Ceo, digaõme os homens, & os anjos, se houve, ou pôde haver, nê amor mayor q este amor, nem **fineza** que iguale esta **fineza**? Por isso eu me empenhehey a dizer , que dando a todas as outras **finezas** de Christo hoje outra mayor , como fiz,à ultima que eu finalasse, ninguem me havia de dar outra igual.” (§ 375, p. 367)

98) “Para as outras **finezas** tam celebradas por seus autores , & tam encarecidas por seus extremos,tivemos Madalenas, Absaloens, & Davides que nos dessem exemplos ; para esta nem dentro,nem fóra da Escritura se achará algum que se pareça com ella, quanto mais que a iguale.” (§ 375, p. 367)

99) “Se Rachel dissesse a Jacob, que o amor, que lhe devia, o pagasse a Lia : se Jonathas dissesse a David, que o amor, que lhe devia, o pagasse a Saul: se o mesmo S. Joã dissesse a Christo , que o amor, com que o amava, o pagasse a Pedro; então teriaõ aquelles affectos humanos alguma apparencia , com que podessem arremedar esta **fineza** de Christo : mas nem o amor dos irmãos, nem o dos pays, nem o dos esposos , nem o dos amigos, que se não funda em carne, & sangue , ainda fingidos, & imaginados se poderão nunca medir, quanto mais igualar o q tem as raizes no immenso, & o tronco no infinito.” (§ 375, p. 368)

100) “Mas demos tres passos atrás, & ponhamos esta **fineza** à vista das outras tres, que tanto adelgacamos.” (§ 375, p. 368)

101) “E todas estas **finezas** tam grandes quem as deve, & a quem se haõ de pagar?” (§ 375, p. 368)

S.M.1650 – XII

102) “E este amor que a ingratidão inventou para o mayor torcedor do coração humano , foy tal a **fineza** do amor de Christo, que nolo deixou em preceito.” (378, p. 370)

103) “Mais: No amo dos homens, em que o ciume se reputa por **fineza**, hum amor leva sempre por cõdição dous aborrecimentos; porque quando amaõ, he com condição que nẽ vós haveis de amar a outrem, nem outrem vos ha de amar a vós.” (§ 378, p. 370)

104) “Pelo contrario o amor de Christo leva por obrigação dous amores; porque nos ama com preceito de que cada hum de nós ame a todos, & de que todos amẽ a cada hum de nós. E porque tal **fineza** de amor se não vio nunca no mundo, por isso o preceito deste amor se chama mandamẽto novo: *Mandatum novum do vobis.*” (§ 378, p. 370)

S.M. 1655 – manhã – IV

105) “A natureza a todos os homens fez iguaes; a fortuna he a que fez os altos, os baixos, & os baixissimos quaes sãõ os fervos. E esta foy a **fineza** do amor de Christo hoje sobre a do dia , & obra da Encarnaçam.” (§ 349, p. 330)

S.M. 1655 – manhã – VII

106) “Este foy o motivo mais affectuoso, este o affecto mais fino, esta a **fineza** mais subida de ponto , com que o amor divino no dia da Encarnação , & logo em seu principio, mostrou o fim, cõ que trouxera a Deos à terra.” (§ 362, p. 341)

107, 108) “Mas ainda neste estar sobre estar temos outra **fineza** sobre **fineza**. Porque não fõ quiz o amor de hoje, que Christo estivesse com nosco, & estivesse em nós, senão que nõs tambem estivessemos nelle.” (§ 364, p. 343)

109) “Só me pòdem oppor, & dizer os Doutos, que todas as ventagens, ou **finezas** , em que o amor de hoje parece vencer o amor da Encarnação, se haõ de referir à mesma Encarnação, & ao amor daquelle dia ; porque a mesma Encarnação foy o principio, & fundamento de todas, pois se Christo nam encarnara tãbem se não podera confagar, nem deixar no Sacramento.” (§ 376, p. 353)

S.M. 1670 – I

110) “Mas que diga o Evangelista constantemente, que não he defamor , senão amor: & que quando Christo se ausenta de nós, entãõ obrou a mayor **fineza**, entãõ subio ao mayor extremo, entãõ chegou ao vltimo fim, aonde podia chegar

amando: *Cùm dilexiffet fuos, in finem dilexit eos?*” (p. 906, vol. I)

S.M. 1670 – II

111) “O amor diz, que não póde fer amor o apartarſ Christo de nós: o Sacramento diz, que o deyxarſe com noſco foy a maior **fineza**: a Morte diz, que o morrer por nós foy o mayor extremo de todos.” (p. 907)

112) “Em quanto não chegou a eſte ponto, ſempre a ſabedoria de Salamaõ teue mays, & mays que escreuer dos extremos do amor de Chriſto , mas tanto que diſſe: *Heu fuge*: tanto que diſſe que ſe hauia Chriſto de deyxar o mundo, tanto que diſſe que ſe hauia de apartar dos homẽs por amor dos homẽs , Salamaõ ſuſpendeo a pena : a Eſpoſa quebrou a cithara : o amor rompeo o arco : & aqui deo fim á historia de ſuas **finezas** ; porque até-qui póde chegar o amor, & não pode paſſar daqui. Salamaõ acabou o liuro, & S. João poz o *Finis: In finem dilexit eos.*” (p. 914)

113, 114) “Nos principios do amor as **finezas** do Eſpoſo eraõ buſcar a Eſpoſa por montes & valles: *Ecce iſte venit ſaliens in montibus, tranſiliens colles* : nos principios do amor as **finezas** da Eſpoſa eraõ ter o Eſpoſo ſempre comſigo, & não ſe apartar hum momẽto delle: *Inueni, quem diligit anima mea, tenui eum, nec dimittam*: porẽm depoes que o amor principiante paſſou a amor perfeyto, depoes que o amor proficiente chegou a amor confumado ; já as preſenças ſe troçaõ pelas auſencias, & todos os extremos do amor ſe reduzem: a que?” (p. 915)

115) “a hum Ay, & hum Ideuos: *Heu! Fuge*. O *Heu* ſignifica a violencia; o *Fuge* a reſoluçaõ: o *Heu* ſignifica o affecto; o *Fuge* o ſacrificio : o *Heu* ſignifica o amor; o *Fuge* a **fineza**, & o extremo.” (p. 915)

S.M 1670 – IV

116) “Hauerá ainda quem ſe opponha a eſte extremo de **fineza**? Hauerá ainda quem ſe opponha a eſte extremo de amor?” (p. 916)

117) “Allega por parte do Sacramento o Amor, & defende conſtantemente que foy mayor **fineza** o deyxarnos; o ficar com noſco, que o apartarſe de nós.” (p. 916)

118, 119) “Que grossieyros são os affectos humanos para aualiar as **finezas** do amor Diuino! se Christo se apartara como Orpha, amando como Orpha, fora menor o feo amor; mas Christo apartouse como Orpha, amando como Ruth. Amar muyto , & apartarse, esta he a **fineza**.” (p. 929)

120) “Deyxarse Christo com os homens no Sacramento, foy seguir o amor o feo affecto, & a sua inclinação : foy fatisfazer ao defejo: *Desiderio desider aui hoc Pascha manducare uobiscum*: foy gofio, foy alliuio, foy fatisfação, foy defcanço, foy commodidade, fi; que **fineza** não. Obrou o amor , com amor , mas não obrou como fino.” (p. 930)

121) “Cahir a pedra para o centro, correr a fonte para o mar, voar o fogo, para sua effera, he natureza, he inclinação, he defcanço, não he **fineza**: & isso foy deyxarse Christo cõ os homens no Sacramento.” (p. 930)

122, 123) “Deyxarse Christo no mundo com os homens, foy buscar o amor as suas delicias, & por isso não foy **fineza** : a **fineza** foy deyxar o mundo, & apartarse dos homens: *Vt transeat ex hoc mundo*; porque foy violentar a inclinação, foy facrificar o gofio, foy martyrizar o defjo, foy vencer em fi, & contra fi a mayor repugnancia.” (p. 931)

124) “Para Christo se apartar de nós,& juntamente f deyxar com nosco, diuidiose Christo de fi mesmo. Grande **fineza**! Grãde marauilha!” (p. 931)

125) “Mas nesta prodigiosa diuisão o amor que fez a marauilha, & a **fineza**, não foy o amor,que deyxou a christo no mundo, fenaõ o amor,que o leuou do mudo: *Vt transeat ex hoc mundo*. Vede o com os olhos.” (P. 931)

126) “Dizeime agora. partido alli o Iordaõ, & diuidido de fi mesmo, qual destas duas partes fez a marauilha? Qual destas duas partes obrou a **fineza**? A parte que correo para o mar , ou a que voltou para a fonte?” (p. 931)

127) “Claro está (diz Agoftinho, & não era necessario que elle o dissesse) claro está que a parte, que voltou para a fonte, foy a que fez a **fineza**, & a marauilha; porque a parte, que correo para o mar, seguiu a inclinação natural, & foy buscar o feo centro: porèm a parte, que tornou para a fonte, violentou essa mesma inclinação,rebateo, & quebrou o impeto da corrente , & contra o pezo das aguas, & da natureza a fez outra vez subir para donde decerà.” (p. 934)

128) “O Iordaõ fugio de fi, & vós fugistes de vós. Vendo q vos aufentaueis dos homens, fugistes de vós para nós, & escondetefuos nelfe Myfterio. Mas qual foy aqui a **fineza**? Qual foy a marauilha? Milagre dos milagres, qual foy aqui o milagre?” (p. 934)

129) “O ficar Chriſto com noſco no Sacramento foy milagre da natureza ; porque correo o Rio para o mar, correo o amor para o centro: mas o apartarſe chriſto de nós; *Vt tranſeat ex hoc mundo*; eſſe foy o milagre ſobre a natureza, & contra a natureza ; porque foy voltar o Rio para a fonte dõde nacêra, foy romper conta o impeto da inclinação, foy não ſó vencer a corrente, ſenaõ quebrar as correntes ao amor. Aſſi que a marauilha, & a **fineza**, não foy o ſacramentarſe Chriſto para ficar com noſco, ſenaõ o apartarſe, & aufentarſe de nós.” (pp.934-935)

130, 131) “Diſſe, o que fazia ao ſeo intento; & callou, que não ſeruia. O intento de S. Ioaõ neſte Euangelho não era ſó provar o amor de Chriſto, ſenaõ realçar a **fineza** do meſmo amor: *Cùm dilexiſſet in finem dilexit*: E a inſtituição do Sacramento ainda que foy amor, & grãde amor, em rigor não era **fineza**.” (p. 936)

132) “E tanto que poz aquella premiſſa; *Vt tranſeat ex hoc mundo*; logo concluhio: *In finem dilexit eos*: porque ainda que o ſacramẽtarſe foy amor, o aufentarſe foy a **fineza**: ainda que o deyxarſe foy amor, o deyxarnos foy o extremo: ainda que o ficar com noſco foy amor, o apartarſe de nõs foy amor ſobre amor: *Cùm dilexiſſet, dilexit*. ” (p. 937)

S.M. 1670 – V

133) “E para que julgue a meſma viſta dos olhos (de que carece a Morte, & o Amor)quanto mayor **fineza** foy no amor de Chriſto o apartarſe de nós, que o morrer por nós, ponhamos o Horto defronte do Caluario, & ajuntemos o theatro da deſpedida cõ o theatro da morte.” (p. 938)

134) “morreo, & aufentouſe, mas com os accidentes trocados : morreo, como ſe ſe aufentàra ſem agonizar: aufentouſe, como ſe morrèra agonizando. Oh que amor! Oh que **fineza**! Oh que extremo! A aufencia agonizãte, & a morte ſem agonia.” (p. 948)

135) “Confesse logo a Morte com o testemunho de seus propios despojos, que muyto mays sentio Christo o apartarse de nós, que o morrer por nós: & que se o morrer nos homens he a mayor proua de amor, em Christo o ausentar-se dos homens foy a mayor **fineza**.” (p. 950)

136) “A mayor **fineza** que fez por Christo aquella grande alma de S. Paulo foy deyxar a Christo por amor de Christo: *Cupio dissolui, & esse cum Christo : manere autem necessarium propter uos.*” (p. 954)

S. P. S-F. Q. 1644 – V

137) “A Egypcia como vil, accusou a Joseph, & o que começou amor, degenerou em vingança: Joseph pelo contrario como honrado, estando inocente, não se desculpou, & o que parecia de amor, mostrou que era **fineza**. (§ 87, p. 87)

S. P. S-F. Q. 1644 - IX

138) “Mas assim como Adam se enganou com o pomo, se enganou tambem com o seu proprio amor. Chegou a occasião de mostrar qual elle era, & logo desfez a mesma **fineza** tam grosseiramente, que sendo o preceito sob pena de morte, para elle se livrar a sy, acusou a Eva: *mulier, quam dediste mihi.* (§ 101, p. 100)

139) “Em quanto cuidou, q pena da Ley era somente comminação, grandes apparencias de **fineza** (que tudo o q dissemos foraõ só apparencias) mas tanto que vio que a deuaça hia de veras, livre me eu huma vez, & padeça Eva embora.” (§ 101, p. 100)

140) Pois estes erã Adão, os vossos amores, estas as vossas **finezas** , estes os vossos extremos tam affectuosos? Estes erã.” (§ 101, p. 100)

S.P. S-F. Q. 1649 – X

141) “Assim o resolve , & enfina toda a mesma Theologia com o Doutor Angelico Santo Thomas. Mas ainda não está totalmente satisfeita a **fineza** do Divino Exemplar.” (§ 131, p. 134)

142) “Vejo porẽm, que pegando nesta ultima clausula, *Qui in cælis est*, não faltará quem diga, que estas Divindades, & **finezas** de amor sãõ lá para o Ceo, & não para a terra, onde os

nosſos affectos, & ainda os nosſos penſamentos ſão tão groſſeiros como ella.” (§ 133, p. 135)

S. P. S-F. Q. 1651 - VI

143) “Sobeſe mão ante mão a hum canto deſſas abobadas douradas, & a primeira couſa que faz, he deſentranharſe em **finezas**. Com eſtes fios tam finos, que ao principio mal ſe diviſam, lança ſuas linhas, arma ſeus teares, & toda a fabrica ſe vem a rematar em huma rede para peſcar, & comer. (§ 254, p. 232)

144) “Quem vir ao principio as **finezas**, com que todos ſe deſfazem, & deſentranham em zelo do ſerviço do Principe, parece que o amor do meſmo Principe he o que unicamente os trouxe alli; mas depois que armáram os teares como tecedeiras, & a redes como peſcadores, logo ſe descobre, que toda a tea, por mais fina que pareceſſe, era urdida, & endereçada a peſcar, & nam a peſcar moſcas.” (§ 254, p. 233)

S.G.S.F.X. – Sonho Segundo

145) “A Joseph fô glorias, para que a miſtura dos trabalhos lhe nam deſazonaſſe o goſto: a Xavier, fô trabalhos, para que a companhia das glorias lhe nam diminuiſſe a **fineza**.” (p. 59, parte IV, volume X).

146) “O defejo, & eſpirito de Xavier nam era padecer para goza, ſenaõ padecer por padecer; porque era amar por amar: & mereciam os quilates deſta **fineza** que o convidatſe Deos com os trabalhos puros, & fecos, ſem liga, nem miſtura de intereſſe.” (p. 59, parte IV, volume X).

S. G.S.F.X. – Sonho Terceiro

147) “Quando aquillo que ſe ſonhou de noite, he o meſmo em que ſe cuyda de dia, o cuydado he a cauſa, ou o que deo occaſiaõ ao ſonho: & taes foraõ os dous primeiros ſonhos de Xavier: porèm eſte terceiro por huma parte foy ta alheyo da pureza da ſua virtude; & por outra tam proprio da **fineza** della, que não pôde ſer todo ſeu.” (p. 90, parte I, volume X).

148) “De maneira que quando a Alma Santa quiz alardear **finezas**, & valentias em materia da defenſa de ſua peſſoa, & de ſua honeſtidade, as duas acçoens que eſcolheo entre todos os preſentes, paſſados, & futuros, foy a de Joseph, & a de Xavier: a

de Joseph em largar a capa, a de Xavier em sahir ferida.” (p. 111, parte V, volume X).

149) “Huma das mais louvadas façanhas de toda a Escritura, he a generosidade de David com que tendo a seu inimigo debaixo da lança, lhe nam quiz tirar a vida. Esta he a circunstância que todos louvaõ: mas quanto mim nam esteve nisto a **fineza**.” (p. 128, parte VII, volume X).

150) “Primeiro, que sem acordar Xavier, se portasse taõ acordado: segundo, que sendo a materia tão grosseira, obrasse nella tantas **finezas**: terceiro, que nam tẽdo o inimigo carne, nem sangue, a batalha fosse sanguinolenta: quarto, que em taõ arriscada, & difficultosa empreza se alcançasse a vitoria sem as armas nas mãos: & seja o quinto, & ultimo, que nam sô sem armas nas mãos, mas sem mãos, porque estavaõ atadas.” (p. 132, parte VII, volume X).

S.G.S.F.X. – Sermam Septimo: Doudices

151) “E Deos a quem nam podia deixar de agradar muyto a **fineza**, que fez? Concedeo-lhe ambas. Concedeo-lhe que morresse, como acabou a vida em Sancham, nas portas da mesma China: & cõcedeo lhe que por meyo, & merecimento da sua morte entrassem nella seus companheiros, como elle lhes tinha prometido, ou profetizado.” (p.302, parte II, volume X).

S.G.S.F.X. – Sermam Oitavo: Finezas

152) “O dia de à manhãa he o ultimo da nossa Novena, & tambẽ ferã o ultimo da vida do nosso Santo: & o dia antes do ultimo, he o dia das **finezas**. Assim guardou as suas o amor Divino & humano de Christo, para o dia antes do ultimo: *Ante diem festum Paschae*.” (p. 321, parte I, volume X)

153) “Refumindo pois o que devẽra ser muyto largo a brevidade de um sô dia, veremos neste tambẽ com hum pé no mar, outro na terra, entre as obras, & acçoens de Xavier empregadas todas na conquista da salvação das Almas, quaes foraõ as de mayor **fineza**.” (p. 322, parte I, volume X).

154) “As **finezas** deste ultimo ou penultimo dia, foraõ no infinito amãte das nossas Almas as que tantas vezes, & por tantos modos ouvimos encarecer, posto que nunca bastantemente louvar.” (p. 322, parte II, volume X).

155) “Tudo o que podia inventar a Sabedoria, tudo o que podia obrar a Omnipotencia, & tudo o que podia querer, & desejar o amor, he o que a **fineza** do mesmo amor de Christo fez por todos os homens.” (p. 322, parte II, volume X).

156) “Pois se Christo morreo por todos, como morreo só por Paulo? & se morreo só por Paulo, como morreo por todos? Porq effa foy a **fineza** do Amor do Filho de Deos, morrer por todos os homens em comum, & morrer por cada homem em particular; & fazer, & padecer tanto por cada hum, como fez,& padeceo por todos.” (pp. 322-323, parte II, volume X).

157) “Como os dous elementos de Xavier eraõ o mar , & a terra, assim lhe poz Christo em si mesmo dous exemplares desta **fineza**, em que o avia de imitar, hum na terra, outro no mar: na terra, a parabolã do pastor, que buscõu a ovelha perdida; & no mar, a do Mercador , que buscava perolas, que he mercadoria maritima.” (pp. 324-325, parte III, volume X).

158) “E para que este modo de estimar tanto huma Alma como todas, não pareça encarecimento apparete, & não **fineza** verdadeira , & solida; vejamos a verdade della em todo o rigor da Theologia, & da Fè, & como he fundada nas açõens do mesmo Christo, a quem Xavier vay sempre seguindo, & imitando nas suas.” (p. 327, parte III, volume X).

159) “Mas sendo a mesma **fineza** tão fina, haverá por ventura algũa circumstancia, que ainda a affine mais, pois ito he o que vai buscando , & inquirindo o nosso doçurfo? O que elle me offerece he a do tempo na continuação, & perpetuidade,& a do zelo ardente, que na mesma continuação (como succede aos affectos humanos) nãoa effriava, ou remitia, antes crescendo sempre fazia a fede da salvação das mesmas Almas, não só mayor, & mais intensa, mas verdadeiramente infaciavel.” (p. 329, parte IV, volume X).

160) “Mas por não quebrar o fio do discurso nesta **fineza** , he força referir correndo , o que baste para prova della.” (p. 333, parte V, volume X).

161) “Em vida só Christo deixou o Ceo para peregrinar na terra; & depois da morte, só Christo, & Xavier. E este foy o finissimo da **fineza** em que estamos, com que acabo.” (p. 343, parte VII, volume X).

162, 163) “Antes do dia da Paschoa, como disse no principio, se costumaõ ponderar as mayores **finezas** do Amor de

Christo para com os homens: *Ante diem festum Paschæ, cum dilexisset suos, in finem dilexit eos* .(Jo 13, 1). Mas o finíssimo dessas **finezas** não teve o seu fim no dia antes da Paschoa; mas no dia da mesma Paschoa he que começou.” (p. 343, parte VII, volume X).

164) “Porque antes do dia da Paschoa, padeceo Christo a morte, & deo a vida por amor dos homens, & na mesma morte, & em todas as acçoens da vida mereceo não para si, senão para nós a graça, & a gloria, porque ainda que era comprehensor, como fallaõ os Theologos, era juntamente viador: porém no dia da Paschoa; em que resuscitado, estava já no estado de immortal, & glorioso, não merecia, nem podia merecer: & peregrinar neste mundo , depois de conseguir a gloria da immortalidade, quem não pôde merecer para si, nem para outrem, & só para consolar, favorecer, & levar ao Ceo os que vivem no mesmo mundo, não só he o fino, senão o finíssimo da mesma **fineza**.” (p 344, parte VII, volume X).

165) “E suposto que a materia em que estamos he das **finezas** de Xavier; se me perguntarem em quaes se mostrou o Santo mais fino, respondendo, que nos primeiros; porque nos segundos teve alguma parte a nossa devaçam, os outroa foraõ todos inteiramente da sua caridade.” (p. 348, parte VIII, volume X).

166) “E sendo tão ordinario nas suas maravilhas curar enfermos , & resuscitar mortos; que diremos, quando tira a vida aos vivos, & a saude aos saos? Tambem digo que esta foy em ambos os casos mayor **fineza** , porq aqui era mais necessaria à vida a morte, que a vida , & mais importante ao sam a enfermidade.” (p. 349, parte VIII, volume X).

167, 168) “Finalmente quando sem desejar, nem pedir couza alguma a Xavier, succede a Seus devotos o que lhe deveramos agradecer, se tiveramos invocado a sua intercessão; nem por isso devemos cuidar que não são favores, & obras suas, nê elle he o Autor dellas, antes entender que tanto são mayores **finezas**, quanto mais occultas; porque fazer o beneficio , & esconder a mão, assim como he mayor generosidade , assim he mayor **fineza**.” (p. 349, parte VIII, volume X).

169) “E posto que pelo que tem de milagrosas todas estas **finezas**, parece que nos escusão da imitação ; pelo que importaõ às nossas Almas, não só temos obrigação de as imitar, mas ellas mesmas, se o não fizermos, seraõ os mais rigurofos fiscaes de nossa condemnação.” (p. 350, parte IX, volume X).

S.G.S.F.X. – Sermam Nono: Braço

170) “Porèm o corpo morto de Xavier, morto, & sem vida, parte, & nam todo obedeceo com tal generofidade, & **fineza** ; que sendo naquelle estado fô ametade de lí mesmo , consentio que até deffa ametade lhe cortassem hũa parte tão principal; como se diffiera : Com tanto que a obediencia fique inteira, espedacefe embora o corpo, & cortem quanto quizerem.” (p. 370, parte VIII, volume X).

S.G.S.F.X. – Sermam Dècimo da sua Canonizaçam

171) “Este foy o ponto mais subido e mais alto do zelo, da fidelidade, & da **fineza** de São Francisco Xavier: esta entre todas as suas obras , a mayor obra: esta, entre todas as suas virtudes, a mais pura virtude: este, entre todos os seus milagres, o mais estupendo milagre; & este finalmente, como no principio affentamos, o solido, & fundamental merecimento, porq era devida a gloria da Canonizaçaõ, depois da morte, a quem tão fielmête dera a Deos a gloria de todas as suas obras na vida.” (p. 415, parte VII, volume X).

S.G.S.F.X. – Sermam Undecimo do seu Dia

172) “E o mesmo Christo fez tanto cafo, & estimaçam deste mais que natural desapego , que entendo eu, (deixaime assim dizer) o quiz gratificar,& pagar dizendo assim comlgo : Xavier caminhando a me fervir andou tão fino , que se não quiz despedir de sua Mãe, como eu me despedi da minha? pois a **fineza**, ue eu não fiz por minha Mãe, hey de fazer por elle.” (p. 461, parte IX, volume X).

173) “Deixo os extremos de devaçaõ, & amor, com que postrado de joelhos, & abraçado cõ o seu Senhor se deteve extatico, & fôra de lí Xavier por espaço de mea hora, como testemunhou quem o acompanhava ; porque me chama o meu ponto.De sorte que a Virgem Maria perdeu a Christo, & Xavier perdeu a Christo ; mas Christo quando o perde sua Mãe, nam busca a sua Mãe, & quando o perde Xavier, busca a Xavier. Logo he certo , & provado q fez Christo hũa **fineza** por Xavier, que não fez por sua Mãe.” (p. 462, parte IX, volume X).

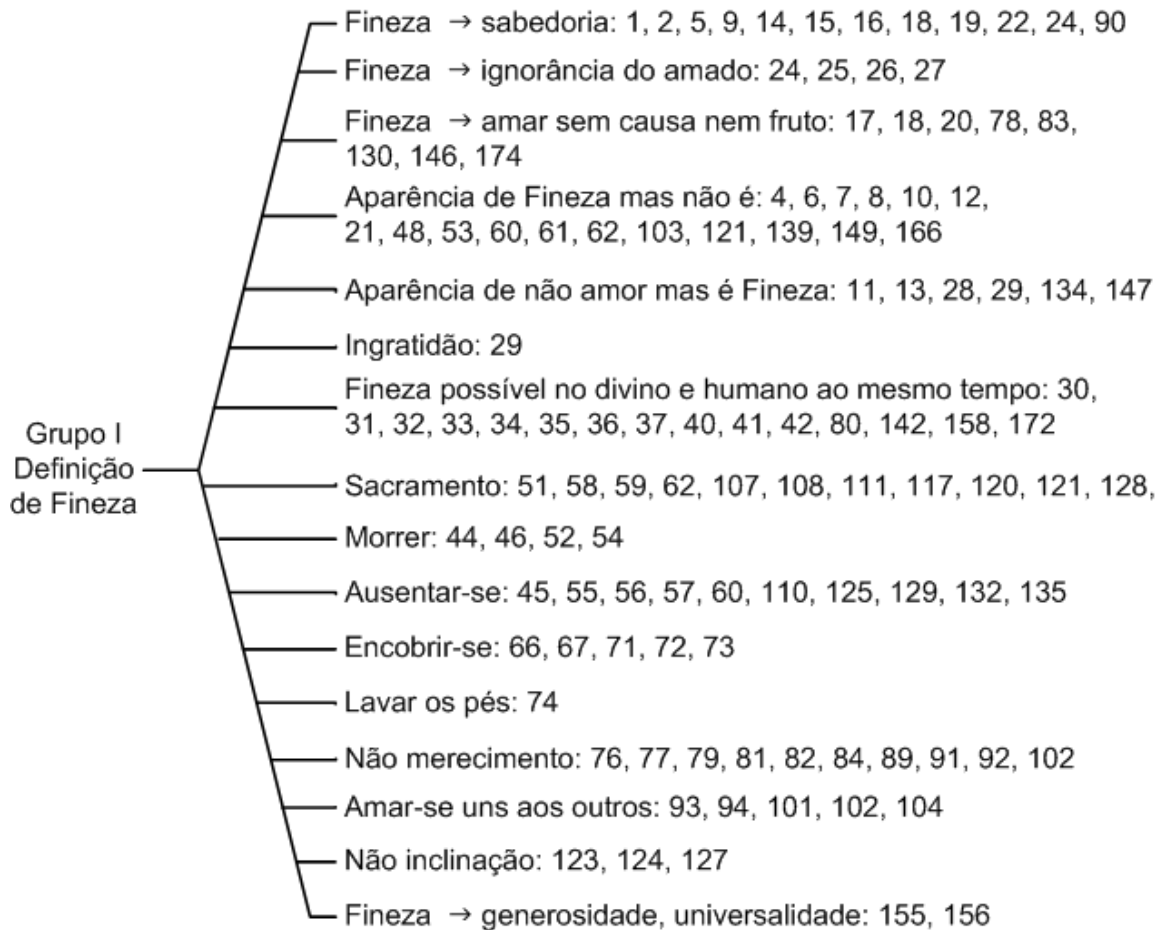
174) “E para mayor propriedade, & correspondencia do cafo, fez esta **fineza** hũ Crucifixo, isto he, Christo crucificado ; porque era em premio, parte do desapego,& parte da reverencia com que Xavier nam quiz imitar o exemplo ,com que Christo

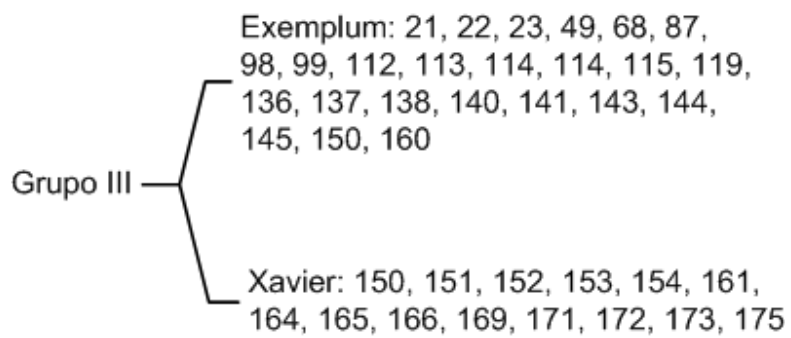
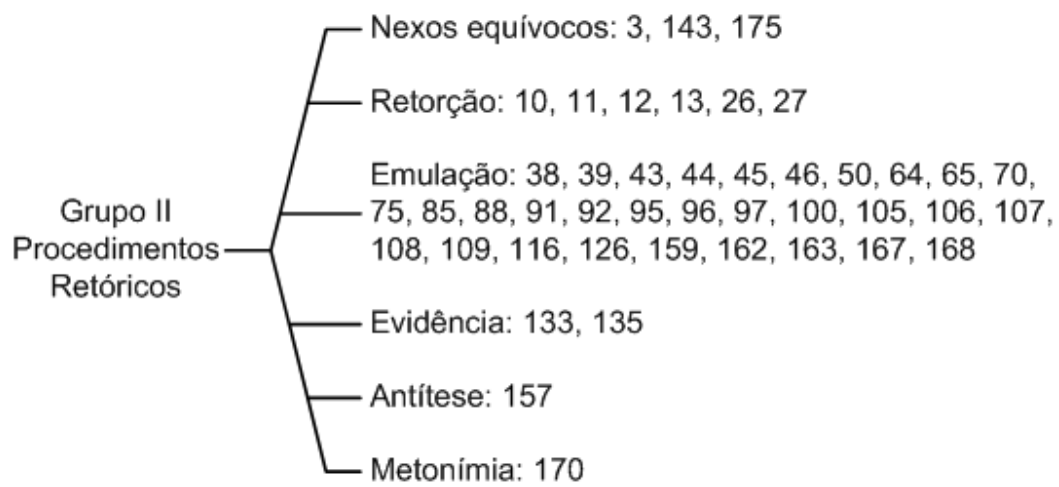
tambem crucificado se despedio taõ amorosamente de sua Mãy.” (p. 462, parte IX, volume X).

175) “Chamase Trpico de Cancro, porque chegando alli o Sol torna para traz, & não pôde passâr dalli. E o mesmo digo eu do Divino Sol Christo. Quando Christo perdido de sua Mãy não vay buscar a sua Mãy, & perdido de Xavier vay buscar a Xavier ; entãõ he que as **finezas** do Sol Divino chegãõ ao Tropico ; porque atẽ alli podiaõ chegar, as nam pafar dalli : ponhaõse duas columnas huma no Ceo, outra na terra, que digaõ: *non plus ultra*.” (p. 462, parte IX, volume X).

Apêndice II

Em que se estabelecem as categorias de significação relevantes para a tópica de *fineza do amor* nos sermões estudados. (Os números arábicos referem-se ao apêndice anterior, que lista as ocorrências de *fineza*).





Distribuição das Categorias do Grupo I nas ocorrências da palavra Fineza

